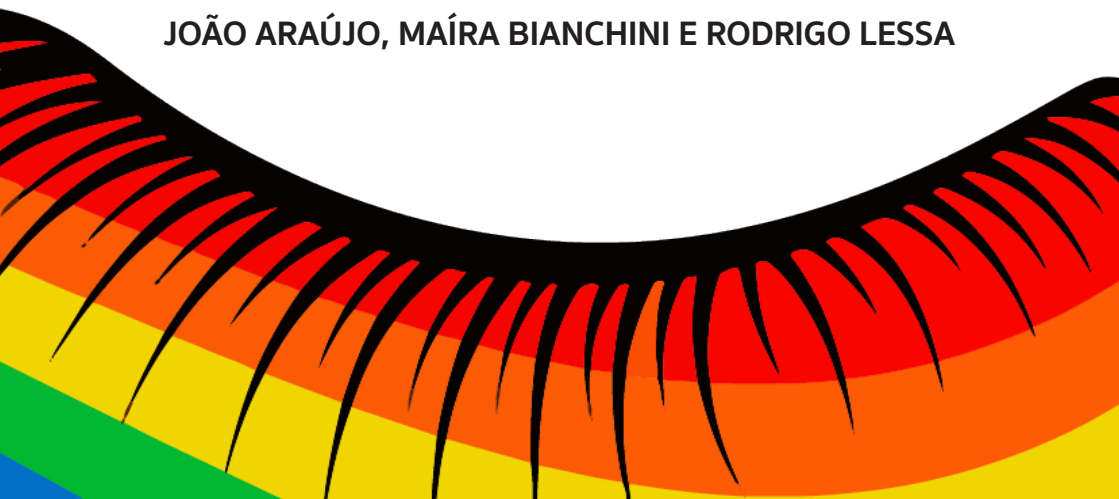
LENTES COLORIDAS

PROFISSIONAIS LGBTQIAPN+ NO AUDIOVISUAL BAIANO

JOÃO ARAÚJO, MAÍRA BIANCHINI E RODRIGO LESSA



João Araújo, Maíra Bianchini e Rodrigo Lessa

LENTES COLORIDAS

Profissionais LGBTQIAPN+ no Audiovisual Baiano

Introdução em coautoria com Rodrigo Bulhões

Mago Negro
Salvador, BA
2025

2025, João Araújo, Maíra Bianchini e Rodrigo Lessa.
Direitos dos autores.
Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Estatístico
Rodrigo Bulhões

Assistente de pesquisa
Bárbara Vieira

Projeto Gráfico, Capa e Editoração
Lara Carvalho

Revisão e Normalização
João Araújo, Maíra Bianchini e Rodrigo Lessa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lentes coloridas [livro eletrônico] :
profissionais LGBTQIAPN+ no audiovisual
baiano / João Araújo...[et al.]. --
Salvador, BA : Mago Negro Dramaturgia, 2025.
PDF

Outros autores: Maíra Bianchini, Rodrigo Lessa, Rodrigo Bulhões
ISBN 978-65-989126-0-4

1. Bahia (Estado) 2. Entrevistas 3. LGBTQIAPN+ - Siglas 4. Produção audiovisual I. Araújo, João. II. Bianchini, Maíra. III. Lessa, Rodrigo. IV. Bulhões, Rodrigo.

25-307717.0 CDD-791.43086

Índices para catálogo sistemático:

1. Diversidade : Produção audiovisual 791.43086

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Este projeto foi contemplado nos Editais da Paulo Gustavo Bahia e tem apoio financeiro do Governo do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura via Lei Paulo Gustavo, direcionada pelo Ministério da Cultura, Governo Federal. Paulo Gustavo Bahia (PGBA) foi criada para a efetivação das ações emergenciais de apoio ao setor cultural, visando cumprir a Lei Complementar no 195, de 8 de julho de 2022.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei nº 9.610/98. Se incorreções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus autores.

Realizadores

Mago Negro
R. Doutor José Peroba, 297, sala 1401, CEP 41.770-235, Stiep, Salvador-BA, Brasil
Tel: +55 (71) 98787-3329
www.marceloroteiros.com | limarcelolima@gmail.com

Dedicamos este livro a quem trabalha com audiovisual na Bahia e enxerga o mundo através de lentes coloridas.

SUMÁRIO

1 O COLORIDO DE NOSSAS LENTES 6

2 SAPATÃO DE FAMÍLIA 44

3 CRIANÇA VIADA COM DENDÊ 61

4 EU SOU VIE 76

5 SEJA OUSADO 92

6 CORAGEM, CORAGEM, CORAGEM 110

SOBRE OS AUTORES 125

1 INTRODUÇÃO

O COLORIDO DE NOSSAS LENTES

Este livro apresenta os resultados de um projeto de pesquisa que se propôs a realizar um percurso investigativo para entender quem são os agentes das indústrias audiovisuais da Bahia cujas identidades quebram com a cis heteronormatividade socialmente dominante. Conduzida por uma equipe de pesquisa inteiramente LGBTQIAPN+, a investigação que culmina neste texto tanto mapeou as características desses agentes do campo audiovisual em um desenho quantitativo quanto empreendeu entrevistas em profundidade com cinco deles. O objetivo de tais entrevistas foi registrar as histórias dessas pessoas na memória cultural do estado a partir desta publicação em formatos de ebook, livro impresso, audiolivro e podcast, fomentando em um conjunto distinto de formatos o orgulho LGBTQIAPN+ entre as pessoas atravessadas por essas identidades que trabalham com audiovisual na Bahia, sendo os formatos de áudio planejados para que os resultados tenham um caráter mais acessível.

Desde o princípio, a ideia da equipe era dar ao projeto uma força tripla. A primeira matriz de onde vem essa força diz respeito ao casamento entre a decisão de aplicar um questionário que pudesse resultar em dados quantitativos que desenhassem o cenário do audiovisual baiano a partir dos seus profissionais LGBTQIAPN+ e entrevistas que pudessem resultar em dados qualitativos robustos. E aqui vem a segunda matriz de onde o projeto tira sua força: marcadas por uma escuta sensível e por um mergulho em profundidade sobre os mais diversos temas relacionados a ser LGBTQIAPN+ e trabalhar com audiovisual no estado, as entrevistas são o elemento nuclear do projeto. Desse modo, a ideia é que o lugar delas na construção de uma memória audiovisual baiana que quebre com a cis heteronormatividade vá além dos corredores da academia, atingindo também a população LGBTQIAPN+ que consome ou trabalha com audiovisual no estado e no país. Assim, além de embasarem algumas leituras qualitativas feitas neste capítulo, elas foram transcritas com o apoio de uma empresa especializada,

editadas para caberem no espaço deste livro, e publicadas com as palavras originais dos entrevistados ao longo dos próximos capítulos. Por fim, a terceira força do projeto diz respeito ao fato de que os dados quantitativos buscam ainda ajudar a informar o poder público e o mercado audiovisual, auxiliando no desenho de políticas inclusivas para o setor, de modo que muitas das interpretações neste capítulo seguem nessa direção.

Aqui também vale mencionar que este projeto atinge em cheio uma das lacunas das pesquisas sobre audiovisual conduzidas no estado: as histórias humanas das pessoas envolvidas neste campo. Isso porque estudos realizados pela própria Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (2011) e pelo SEBRAE-Bahia (2020) já vêm mapeando a economia e a estrutura de apoio ao audiovisual na Bahia, havendo aqui ainda múltiplos pesquisadores dedicados a políticas de financiamento do setor no estado – a exemplo daqueles vinculados ao Observatório do Audiovisual Baiano[1], como Virgens (2021). Por fim, já em 2023, um dos próprios pesquisadores deste projeto coautorou em parceria com outro estudioso do tema também com apoio de editais públicos um livro dedicado às narrativas e estruturas dramatúrgicas das séries baianas (Araújo; Lima, 2023). As histórias individuais daqueles que dão vida às imagens em movimento no estado, porém, ainda são um verdadeiro ponto cego na academia.

Essa lacuna nas investigações sobre o audiovisual baiano se mostra um problema ainda maior quando reconhecemos que, dentre as categorias sociais envolvidas no mercado local, a população LGBTQIAPN+ sofre uma realidade de apagamento e invisibilidade que atravessa recortes de raça, de gênero, de deficiência e de condição econômica, algo que repercute por todo o Brasil. Ademais, note-se ainda que, conforme já pontuaram alguns dos autores deste material em outros lugares, o Brasil é um país marcadamente deficitário no que concerne à preservação de sua memória audiovisual, ainda mais fora do eixo Rio-São Paulo. Assim, enquanto alguns países europeus têm institutos de preservação que conduzem inúmeros estudos sobre suas produções e os agentes por trás delas, como o INA (França) e o BFI (Inglaterra), em nosso país, a despeito dos esforços da Cinemateca Nacional, a preservação ainda cabe mormente às próprias empresas.

Já na Bahia, os esforços de preservação da memória a partir dos agentes virtualmente inexistem. De tal forma, a carência de uma bibliografia que se dedique a entender quem são nossos profissionais do audiovisual implica também

[1] Disponível em: https://audiovisualbaiano.com.br/. Acesso em: 10 mar. 2025.

uma carência de memória, com investigações como essa ganhando potencial de ajudar não só os pesquisadores, o poder público e os agentes do mercado contemporâneos em um nível mais imediato, mas também na preservação da memória do audiovisual baiano a longo prazo. Ao longo das próximas páginas, assim, todo o esforço de pesquisa é detalhado em profundidade, com os próximos capítulos sendo dedicados a publicar integralmente longas porções das entrevistas conduzidas, editadas sobretudo para caberem no espaço deste livro.

A partir daqui, então, este capítulo introdutório se divide em cinco partes. Na primeira delas, é descrito o percurso metodológico que deságua neste material, com a segunda dando mais detalhes sobre quais foram os procedimentos estatísticos empreendidos na seção quantitativa do trabalho. Já a terceira parte desenha o perfil geral dos respondentes, buscando entender quem são os profissionais LGBTQIAPN+ do audiovisual baiano a partir de suas respostas às perguntas do questionário que aplicamos. Na penúltima parte, algumas variáveis do questionário são cruzadas com outras, e após estas análises bivariadas apresentamos o processo de escolha das pessoas que acabamos por entrevistar, a partir do questionário aplicado. Portanto, o capítulo se encerra com algumas palavras finais sobre como foi para a equipe trabalhar no projeto, e é enfim seguido pelas entrevistas conduzidas.

1 A metodologia de pesquisa

Uma vez que o nosso objetivo era mapear os profissionais LGBTQIAPN+ do audiovisual baiano, a pesquisa foi iniciada com um abrangente mapeamento de empreendimentos e associações artístico-culturais e sindicais formais e informais, com o objetivo primeiro de compreendermos a extensão do setor audiovisual no estado. Nesse sentido, com o auxílio de nossa assistente de pesquisa, fizemos o esforço de abranger os sete macroterritórios de identidade baianos: Centro Norte, Centro Sul, Extremo Oeste, Metropolitana de Salvador, Nordeste, Sul e Vale Sanfranciscano, identificando associações e empreendimentos audiovisuais com significativos rastros digitais que estavam localizados nesses territórios. Nesse esforço, contamos com o apoio dos Catálogos de Empresas e Profissionais do Audiovisual da Bahia, disponibilizados pela Diretoria de Audiovisual, sob coordenação da Bahia Film Commission (2021a, 2021b).

Em seguida, a amostragem em cadeia ou por redes foi acionada com o envio do questionário online direcionado aos profissionais LGBTQIAPN+ envolvidos nas empresas e associações mapeadas, com a solicitação de compartilhamento do questionário para outros profissionais LGBTQIAPN+ conhecidos pelos

indivíduos alcançados. O questionário foi enviado para a lista de 840 contatos de e-mail compilada pela assistente de pesquisa no dia 11 de julho de 2024, tendo ficado online para a coleta de dados por pouco mais de um mês. Um novo envio, reforçando o pedido para a circulação do questionário, foi realizado no dia 08 de agosto. A correspondência enviada pedia que o questionário fosse repassado para os eventuais funcionários das empresas ou associados de grupos, com o pedido de que estes também o repassassem. Neste momento, os próprios pesquisadores também acionaram suas redes de contatos pessoais e hubs que poderiam disparar o questionário, mormente vinculados a professores universitários e listas de grupos acadêmicos da área.

Essa estratégia mista teve como objetivo amplificar o alcance da pesquisa para o máximo possível de profissionais LGBTQIAPN+ baianos. No entanto, foi possível constatar que houve baixa adesão das empresas interioranas contatadas no movimento de compartilhar o questionário com colaboradores e parceiros locais, dada a dificuldade que tivemos para alcançar um número significativo de respondentes nos macroterritórios de identidade baianos para além da região metropolitana de Salvador.

O questionário foi elaborado em formulário eletrônico por meio da ferramenta online Google Forms, contendo 37 perguntas, em sua maioria objetivas, divididas em seis seções temáticas[2], com a intenção de revelar aspectos sociais, demográficos, econômicos e profissionais dos respondentes. A primeira seção tinha como objetivo estabelecer a adequação do respondente à pesquisa, ao questionar sobre a identificação da pessoa como pertencente à comunidade LGBTQIAPN+ e sobre sua atuação no setor audiovisual baiano. A partir daqui, das 181 respostas que obtivemos inicialmente, acabamos com uma amostra final de 152 respostas de pessoas que se adequavam aos critérios para participação.

As outras seções do questionário foram aplicadas apenas para as pessoas que se encaixavam na amostra, e a seção dois deu conta de informações sobre o local de nascimento e as cidades de atuação profissional em audiovisual no estado da Bahia, bem como das funções e das áreas da cadeia audiovisual que os profissionais trabalham ou já haviam trabalhado. Já na seção três, dedicamo-nos a compreender as identidades de gênero e orientações sexuais e românticas dos participantes, indagando também sobre dados demográficos como idade, raça/etnia, status de relacionamento e identificação como pessoa com deficiência. A

[2] Um espelho do questionário completo pode ser acessado por meio do link: https://docs.google.com/forms//e/1FAIpQLScV1frCjz35f87h6ga9vg4Nj88ux-zKhVYQ4xJ4WB46uWBkzw/viewform. Acesso em: 10 mar. 2025.

seção quatro coletou dados sobre grau de escolaridade, formação específica em audiovisual, faixa e fonte de renda, nível de formalidade no trabalho com audiovisual, tempo de trabalho no setor e mídias audiovisuais em que o participante atuou. A seção cinco foi dedicada às perguntas relativas a preconceito e LGBTQIAPN+ fobia, tanto no que diz respeito à sociedade como um todo quanto na atuação específica no setor audiovisual. Por fim, a seção seis foi disponibilizada apenas para os participantes interessados em participarem da etapa qualitativa da pesquisa (selecionados a partir de uma pergunta condicional ao fim da seção anterior). Nela, coletamos dados de contato e apresentamos questões abertas aos participantes sobre suas experiências pessoais como profissionais LGBTQIAPN+ no mercado audiovisual baiano.

Antes de ser divulgado, o questionário foi ainda testado em uma amostra piloto de participantes com a finalidade de avaliar se a redação dos itens estava de todo compreensível, fazendo ajustes nos enunciados das questões quando fosse necessário. Apenas após essa avaliação preliminar é que o questionário foi aplicado junto a profissionais LGBTQIAPN+ envolvidos no mercado audiovisual baiano, conforme os parâmetros explicados anteriormente. A maioria das perguntas foi de preenchimento obrigatório, com o objetivo de prevenir o aparecimento de valores faltantes (missing values).

Após o mapeamento e coleta dos questionários, foram selecionados para entrevista semiestruturada alguns indivíduos LGBTQIAPN+, e as conversas com eles resultaram nas entrevistas publicadas neste livro. Em conformidade com a realidade obtida pelos dados coletados via questionário, a seleção dos entrevistados foi feita tendo em mente a diversidade dos dados obtidos, sim, mas sobretudo a diversidade de experiências possíveis enquanto pessoa LGBTQIAPN+, e esse percurso de seleção é melhor explicado ao fim deste capítulo.

Como um todo, o desenho metodológico deste estudo compreendeu três momentos fundamentais: (1) pesquisa bibliográfica e documental; (2) pesquisa de campo e (3) tratamento e análise dos dados. A saber:

1) A pesquisa bibliográfica e documental teve como objetivo a discussão da literatura-base, além dos autores/conceitos que subsidiam a abordagem em estudo. Esse momento contemplou a discussão e reavaliação do desenho metodológico, as questões identitárias relacionadas à vivência LGBTQIAPN+ no contexto do mercado audiovisual (Pontes, 2018; Rocha, 2018; Rocha, 2019), o estudo sociológico de agentes em atuação em um campo artístico-cultural (Bourdieu, 1996; Bianchini, 2018, 2020) e na intersecção as identidades e mediações culturais (Hall, 2008), as práticas de diversidade no mercado de trabalho contemporâneo (Deloitte, 2023), bem como, sobretudo, o mapeamento das

empresas e associações formais e informais relacionadas ao meio audiovisual baiano (SEBRAE, 2020).

2) A coleta dos dados que se deu na pesquisa de campo, que se subdividiu em duas etapas. A primeira etapa correspondente ao levantamento dos contatos do setor, à elaboração e à aplicação do questionário, tendo em vista a obtenção de um mapa dos aspectos socioculturais e demográficos, informações gerais sobre a vivências em ambientes de trabalho e as autopercepções sobre tais práticas e experiências das pessoas respondentes.

Na segunda etapa da pesquisa de campo foram realizadas as entrevistas semiestruturadas com as pessoas convidadas, selecionadas a partir do questionário. As entrevistas tiveram aproximadamente duas horas de duração e seguiram de maneira lassa um roteiro elaborado previamente para contemplar as informações que consolidam o objetivo geral da pesquisa e para abarcar os rumos que a entrevista seguisse a partir do que fosse dito pelo indivíduo entrevistado. O procedimento da entrevista semiestruturada propicia uma fala que é mais livre (Minayo; Costa, 2018) e, associada com o processo de escuta sensível (Barbier, 2002), ajudou a promover um momento autorreflexivo que propiciou uma investigação profunda nas vivências e experiências dos indivíduos entrevistados.

As entrevistas semiestruturadas ocorreram em salas reservadas em ambientes online de videoconferência adequadas à proposta da pesquisa e combinadas previamente com as pessoas envolvidas, havendo sempre as presenças unicamente do indivíduo entrevistado e de três pesquisadores-entrevistadores, sendo estes os autores do livro. Em todos os casos, a plataforma utilizada foi o Google Meet, e as entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo com o consentimento dos entrevistados, sendo posteriormente usados para a transcrição do áudio por uma empresa especializada e o uso dessas transcrições para composição das análises deste capítulo e edição para publicação dos próximos capítulos deste livro.

As identidades dos participantes da etapa de questionário foram resguardadas em todos os momentos da pesquisa, visto que os dados coletados via questionário foram tratados estatisticamente com finalidade de análise quantitativa. As pessoas participantes da entrevista estão identificadas nesta publicação e, para tal, condicionamos a participação das pessoas convidadas ao aceite de se identificar sem ônus para o projeto de pesquisa, aceite este gravado em vídeo no momento das entrevistas. Aqui, é importante destacar que estes dados foram utilizados em conformidade com o que está disposto na Lei Nº 13.709, de 14 de agosto de 2018, nomeadamente Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais

(LGPD).

Por fim, o terceiro momento do desenho metodológico foi o de tratamento e análise dos dados. Foi realizado o tratamento estatístico dos dados coletados via questionário, a partir do qual os pesquisadores fizeram uso da análise quantitativa com os procedimentos de síntese e comparação, e fizeram dialogar os estudos teóricos com os dados empíricos através da análise de conteúdo (Bardin, 2009), realizada com apoio de um pesquisador-estatístico membro da equipe do projeto, e coautor deste capítulo. A abordagem quanti-quali no uso dos dados coletados e tratados objetiva demonstrar quantitativamente a realidade dos profissionais LGBTQIAPN+ baianos ao passo em que associa com os estudos teóricos e com a análise qualitativa para uma interpretação rica dos dados, que leva em consideração os contextos socioculturais em que os indivíduos se encontram. Antes destas reflexões serem apresentadas, seguem algumas notas sobre o tratamento estatístico em si.

2 Reflexões sobre o tratamento estatístico dos dados

Para captar quantitativamente o perfil dos profissionais LGBTQIAPN+ envolvidos no mercado audiovisual baiano, o instrumento de coleta de dados em forma de questionário foi trabalhado com o suporte do ambiente computacional R, versão 4.4.1 (R Core Team, 2024). Inicialmente, técnicas de estatística descritiva foram empregadas para o estudo das respostas obtidas para cada variável do conjunto de dados. Como as variáveis do estudo são qualitativas ou categóricas, gráficos de barras/colunas e tabelas foram usados para a estudar a distribuição de frequências das respostas na maior parte dos casos. As exceções se deram na análise das respostas a algumas das perguntas abertas, para as quais construímos gráficos de nuvens de palavras (word cloud). Alguns dos gráficos de barras produzidos são trazidos aqui, mas os gráficos de nuvens de palavras não constam neste capítulo. Todos os gráficos que são trazidos foram gerados levando em consideração aspectos de acessibilidade – assim, foi adotada uma preferência por texturas ao invés de cores para as versões de ebook e livro impresso, e a descrição em áudio dos dados trazidos nos formatos de audiolivro e podcast.

No caso dos cruzamentos bivariados de dados, para avaliar se duas variáveis estão associadas, deve-se considerar a natureza de cada variável que está sendo cruzada para o emprego adequado das técnicas de estatística descritiva. Nesse caso, para medir a associação entre duas variáveis qualitativas, calculamos o coeficiente de contingência V de Cramér. Esse coeficiente toma valores entre zero

e um, sendo o valor zero um indicativo de independência entre duas variáveis, sinalizando a ausência de correlação entre elas, e 1 um valor que indica uma dependência perfeita, que implicaria uma completa associação entre ambas. Essas análises vieram acompanhadas do estudo das distribuições condicionais das frequências, para compreender a maneira que uma variável qualitativa está relacionada com outra.

Embora algumas das conclusões obtidas a partir da análise de dados amostrais possam ser estendidas para a população de profissionais LGBTQIAPN+ envolvidos no mercado audiovisual baiano a partir de técnicas de estatística inferencial, o que permitiria complementar as análises bivariadas com procedimentos como o teste Qui-Quadrado de associação, enfatizamos que as observações foram coletadas por meio de um esquema de amostragem complexa que combinou as técnicas de amostragem por conglomerado (visando contemplar macroterritórios de identidade baianos) e em cadeia. Pela natureza semiprobabilística da amostra, optamos por uma abordagem mais cautelosa de nos limitar a reportar resultados de análises descritivas uni e bivariadas.

3 O perfil geral dos respondentes

A partir das respostas obtidas ao questionário, primeiro buscamos entender quem, exatamente, são as pessoas LGBTQIAPN+ que compõem a nossa amostra. Para tanto, verificamos: a) a relação dos respondentes com a Bahia, em termos de sua eventual naturalidade, domicílio e situação de trabalho no estado; b) questões relativas à sua escolaridade e formação; c) a realidade da sua situação de trabalho com audiovisual na Bahia; e d) tópicos relacionados às identidades que atravessam essas pessoas (incluindo questões de raça e de deficiência, e não apenas de gênero e orientações sexual e romântica).

A começar pela relação dos respondentes com o estado, as respostas ao questionário deixam claro que em sua maioria a amostra é composta por pessoas nascidas em Salvador (42,8%), com 34,9% dos respondentes tendo nascido em outras cidades da Bahia e 22,4% em outros estados do Brasil. Em que pese o fato de que estamos lidando apenas com indivíduos que escapam à cis-heterossexualidade e a já pontuada baixa colaboração das empresas do interior do estado contatadas em repassar o questionário (com os problemas que isso acarreta para um método de amostragem em cadeia), o dado ainda assim se mostra interessante.

Afinal, já era esperado que o ecossistema soteropolitano de produção audiovisual se provaria mais pujante do que aquele do interior do estado também

para as minorias sexuais e de gênero, refletindo o que já ocorre com o setor no estado de forma geral – que em 2019 tinha 49% de suas empresas concentradas em Salvador, segundo dados do Observatório do Audiovisual Baiano (Anuário [...], 2021). Esta é uma suspeita que outros dados apresentados logo mais também provam correta. No entanto, o que o achado demonstra é uma realidade ainda mais perversa: o acesso da população LGBTQIAPN+ às oportunidades de trabalho com audiovisual na Bahia não apenas é maior para quem se dispõe a trabalhar em Salvador, mas também para quem nasceu na capital baiana. É plausível imaginar que isso concerne à maior facilidade de acesso a oportunidades de formação e de criação de redes de contatos em Salvador, reafirmando a socialmente percebida carência do interior do estado por iniciativas educacionais e de networking voltadas ao setor.

Ao verificarmos a situação de moradia dos nossos respondentes, essa percepção se acentua: 65,8% deles residem em Salvador, e menos da metade disso (27,6%) no interior do estado. Tudo isso posto, não é de se estranhar que 64,5% das pessoas inquiridas tenha em Salvador a sua principal cidade de trabalho, ainda que a maioria dos respondentes (67,8%) já tenha trabalhado no setor audiovisual em mais de uma cidade do estado, mostrando um forte intercâmbio regional de profissionais na própria Bahia. Corroborando a ideia de que espaços sólidos de formação e criação de redes no interior possam vir a quebrar a força da hegemonia soteropolitana no estado, depois de Salvador, Cachoeira (9,9%) e Vitória da Conquista (5,9%) aparecem em segundo e terceiro lugar como as principais cidades de trabalho de parte dos respondentes. Ao nosso ver, isso está intrinsecamente ligado ao papel das universidades públicas em fomentar a produção dessas cidades, havendo formação específica em audiovisual tanto em Cachoeira (na Universidade Federal do Recôncavo Baiano, UFRB) quanto em Vitória da Conquista (na Universidade Estadual do Sudoeste Baiano, UESB).

Por fim, também salta aos olhos o fato de que apenas 7% dos participantes se acham fora da Bahia. Por um viés mais positivo, isso permite ponderar o quanto trabalhadores LGBTQIAPN+ do audiovisual baiano tendem a ser pessoas que residem no próprio estado, fortalecendo o ecossistema local. Por outro lado, no entanto, um percentual tão reduzido de pessoas de fora também pode indicar uma maior endogamia do audiovisual baiano, ao menos para profissionais LGBTQIAPN+. Ou seja, o que também pode estar em jogo aqui é uma ausência de intercâmbios frutíferos do estado com profissionais LGBTQIAPN+ distribuídos no território brasileiro. Essa endogenia do setor audiovisual baiano se mostra ainda mais patente ao considerarmos que 99,4% dos respondentes já residiram no estado, com 94,1% do total morando nele até hoje. Assim, apenas 0,7% da

amostra nem mora, nem nunca morou na Bahia.

Quanto ao grau de escolaridade, os dados revelam que todos os respondentes têm ao menos o ensino médio completo, e a grande maioria deles têm ensino superior: 73,7% do nosso universo. Não só isso, mas há até mesmo um alto índice de pessoas com pós-graduação completa, cerca de um quarto da amostra (25,7%). Um conjunto de fatores distintos pode explicar isso. O método em cadeia, por exemplo, pode ter enviesado a amostragem, havendo maior disposição de pessoas com maior nível educacional a responder à pesquisa, sobretudo frente ao dado de que o projeto em si é conduzido por pesquisadores com mais de uma década de atuação cada, o que certamente influi em suas redes de contatos.

Ademais, também houve a já pontuada baixa colaboração de empresas na divulgação do questionário a seus funcionários, de modo que redes organizadas mormente pelos próprios profissionais e/ou pesquisadores da área atuaram mais para espalhá-lo, sendo que estas tendem a ter pessoas com maior nível de educação formal. Por fim, há ainda o fato de quem, exatamente, enxerga-se como profissional do audiovisual, entendendo-se como parte do setor com convicção suficiente para responder a uma pesquisa como esta. A maioria dos respondentes, por exemplo, disse trabalhar sobretudo nas áreas de direção (17,8%), roteiro (14,5%), captação de imagem (13,2%) e cenografia (9,9%), indicando uma propensão maior daqueles que exercem funções de mais prestígio a se verem como profissionais da área.

Feitas essas ponderações, no entanto, não deixa de ser um dado a se comemorar aquele que aponta um alto grau de formação entre o rol de agentes LGBTQIAPN+ que se entendem como parte da cadeia produtiva do audiovisual baiano. Esse resultado se mostra ainda mais positivo quando ponderamos a formação específica em audiovisual, dado que quase todos os respondentes afirmam ter realizado ao menos um curso livre na área, com vários deles tendo também formações mais completas nos ofícios relacionados ao setor, seja em cursos técnicos (19,1%), de graduação[3] (50,1%) e mesmo pós-graduação acadêmica ou profissional (17,1%).

Já no que tange à idade, a faixa etária modal do público vai de 18 e 29 anos (42,1%), seguida dos respondentes com idade entre 30 e 39 anos (34,9%). A

[3] A graduação que mais aparece é em Cinema, curso feito por 22,4% do universo. Outras graduações sinalizadas incluem Produção Cultural (7,9%), Rádio e TV ou Rádio, TV e Internet (4,6%), Comunicação Social com ênfase em Audiovisual (3,9%), Publicidade (3,9%), Comunicação e Multimeios (3,3%), Design de Games ou Jogos Digitais (1,3%) e Produção em Áudio e Vídeo, Estudos de Mídia, Animação e Marketing (estas com 0,7% cada).

partir desta faixa de idade, as proporções começam a cair drasticamente, com 11,8% da amostra tendo de 40 a 49 anos, 7,9% de 50 a 59 anos e 3,3% de 60 a 69 anos. Notavelmente, não houve respondentes menores de 18 ou maiores de 70 anos. Isso aponta para uma indústria dominada por jovens adultos, o que pode ser indicativo do fato da estruturação do setor na Bahia ainda ser bastante recente. Essa percepção é corroborada pelos dados que indicam o tempo de atuação da população LGBTQIAPN+ no audiovisual baiano, com 36,2% afirmando estar neste mercado de trabalho há até cinco anos e 24,3% trabalhando há entre cinco e dez anos.

Isso significa dizer que cerca de dois terços dos respondentes (60,5%) construíram suas carreiras no audiovisual baiano ao longo da última década, em sintonia com o desenvolvimento das principais políticas públicas do setor no estado. Dadas as dificuldades que pessoas mais velhas encontram ao tentar ingressar em qualquer setor, não é de se surpreender que a maioria dos profissionais tenha até 39 anos. Não deixa, no entanto, de ser notável também que os profissionais LGBTQIAPN+ que atuam no audiovisual há mais de dez anos representam 35,5% dos participantes da pesquisa, índice que parece sugerir um comprometimento e uma resiliência desses profissionais junto ao mercado local desde um tempo em que não só o setor era muito menos estruturado, mas a sociedade como um todo também era bem mais LGBTQIAPN+ fóbica. Por fim, o fato de não haver menores de 18 anos na amostra também chama atenção, apontando para a existência de poucas políticas que visam incluir, por exemplo, menores aprendizes no setor, auxiliando a desenvolver as competências desses jovens para atuar na área.

Quando avançamos a discussão para o retrato da atuação das pessoas LGBTQIAPN+ na cadeia produtiva do audiovisual da Bahia, as informações coletadas pelo questionário apontam que a maior parte dos respondentes trabalham principalmente nas áreas de direção (17,8%), roteiro (14,5%), captação de imagens (13,2%) e cenografia (9,9%), como mencionado anteriormente. Mais uma vez, isso é indicativo sobretudo de que tipo de profissional se entende como parte da cadeia produtiva de uma indústria como esta. Ou seja: estamos cientes de que, sobretudo, esse dado indica as áreas de atuação em que mais pessoas se sentem partícipes da cadeia do audiovisual com convicção o suficiente para responder a uma pesquisa sobre o tema.

Ainda assim, por se tratar de uma questão onde era possível indicar somente uma resposta, a prevalência das atividades relacionadas às áreas de direção e roteiro (um total de 32,3%) nos permite teorizar que parte das preocupações dos profissionais LGBTQIAPN+ baianos incluem uma medida de desejo por controle

criativo sobre as histórias que contam e as obras audiovisuais com as quais se envolvem. Isso é algo corroborado, inclusive, por algumas das entrevistas em profundidade que realizamos. Ou seja, por estarmos lidando com uma população historicamente marginalizada e excluída dos processos de tomada de decisão acerca, inclusive, de suas próprias representações, o desejo de atuação em áreas de maior controle criativo passa por ter voz nas representações de si no audiovisual. De fato, a atenção com a centralidade e a autenticidade das experiências LGBTQIAPN+ colocadas em cena se mostra fundamental para quase todos os profissionais entrevistados.

Aqui, vale pontuar que, apesar do crescimento em geral positivo na representatividade LGBTQIAPN+ em frente e por trás das câmeras ao longo deste primeiro quarto do século XXI, estamos agudamente conscientes de que o cenário ainda está longe do ideal. Mesmo no caso de produções realizadas em grandes centros, os desafios ainda se fazem visíveis, como demonstra o exemplo do longa-metragem Emilia Pérez (Jacques Audiard, 2024). A produção teve ampla repercussão em parte da crítica especializada e nas instâncias de consagração do campo audiovisual global, mas ainda assim encena uma perspectiva transfóbica fetichizada por pessoas cis da trajetória de sua protagonista, uma mulher trans, tendo gerado revolta na comunidade.

Para além de perguntarmos a principal área de atuação dos respondentes na cadeia produtiva do audiovisual, também questionamos se eles trabalham em outras áreas do setor audiovisual e quais são elas. Curiosamente, 100% dos respondentes disseram que sim: o que mais uma vez indica uma cadeia produtiva cuja estruturação é recente no estado da Bahia, de modo que um alto grau de especialização profissional desde a entrada no setor é algo que ainda não se atingiu. Em termos das áreas secundárias de atuação em si, por sua vez, a percepção da existência de um desejo por maior controle criativo das obras é reiterada pelos participantes: mais uma vez, as duas opções mais assinaladas foram as de direção (51,3%) e roteiro (50%), reforçando a preponderância das funções relacionadas com a gestão criativa do audiovisual.

Nesse sentido, entendemos ser importante, como sinalizamos com maior ênfase logo mais, a manutenção e a expansão de políticas públicas inclusivas para o audiovisual baiano, como a presença de indutores de pontuação e cotas baseados em critérios de gênero, orientação sexual e outros marcadores de exclusão social, de maneira a fomentar continuamente a participação desses profissionais nas indústrias criativas e assegurar o acesso deles aos meios de produção, distribuição e exibição de suas criações.

Essa inclusão a partir de políticas públicas, a propósito, já é um caminho

relevante para a atuação dos respondentes, dado que 61,8% deles afirmam trabalhar principalmente em projetos apoiados por editais de cultura, demonstrando a relevância do financiamento estatal para os profissionais LGBTQIAPN+ do audiovisual baiano. Além disso, os altos índices de participantes que se identificam como majoritariamente freelancers (59,2%) e que trabalham informalmente (33,6%), em oposição à quantidade de pessoas que trabalham em uma empresa com vínculo formal (11,2%) ou que possuem uma empresa na qual empregam pessoas (15,8%), reiteram essa importância do financiamento público. No entanto, se por um lado esse dado valoriza a importância do estado na cadeia produtiva e a autonomia que muitos profissionais conseguem alcançar por conta disso, por outro lado ele também desenha um cenário de certa insegurança ou, ao menos, imprevisibilidade financeira para os profissionais LGBTQIAPN+ do setor audiovisual baiano, cujo sustento muitas vezes exige a atuação em outras atividades.

Mais do que uma mera inferência, esta é uma percepção corroborada por outros dos dados que coletamos, nomeadamente aqueles acerca de renda mensal, fonte principal de renda e percepção sobre estabilidade financeira e profissional no audiovisual entre os respondentes. Quase metade da amostra indica que sua faixa de renda mensal vai de um a três salários mínimos (48,7%), o que sinaliza uma aproximação entre os dados de nossa pesquisa e os apresentados pelo Observatório do Audiovisual Baiano, que, baseado em dados de 2019, aponta que a renda média dos profissionais do setor audiovisual da Bahia era de R$3.361,85 – um número que está marcadamente abaixo da média nacional, de R$4.829,61 (Anuário [...], 2021, p. 11).

O problema dos baixos rendimentos piora quando observamos as outras faixas de renda, fora dessa faixa modal. Isso pois alarmantes 23% dos respondentes recebem menos de um salário mínimo por mês, enquanto 19,7% dos respondentes recebem entre três e cinco salários mínimos. Assim, apenas 8,6% ganham entre cinco e até 15 salários mínimos – e nenhum respondente afirma receber mais de 15 salários mínimos, o que parece sugerir um teto para a possibilidade de ascensão econômica dos profissionais LGBTQIAPN+ no estado.

É notável também que expressivos 44,1% dos inquiridos não têm o audiovisual como sua principal fonte de renda, e 31,6% dos respondentes gostariam que o caso fosse este e que eles pudessem ter o trabalho no setor como sua maior fonte de rendimentos, o que estabelece que não é por falta de desejo, e sim de oportunidades, que o setor não se mostra como a maior fonte de renda para muitos. Já o total de 55,9% para quem o trabalho no setor audiovisual se configura, de fato, como principal fonte de renda, sugerem que os valores de

rendimentos anteriormente trazidos indicam, para a maior parte, sua renda mensal não só no setor, mas em totalidade. Não à toa, apenas 25% dos respondentes consideram ter estabilidade financeira e profissional atuando na área, fato que corrobora a percepção de que esses profissionais ainda se encontram, em sua maioria, em um estado de imprevisibilidade financeira e insegurança profissional. Ao nosso ver, isso é algo que foi agravado pela pandemia da COVID-19 e pelo atraso na instituição dos mecanismos de auxílio para o setor cultural, como a Lei Aldir Blanc, também chamada de Política Nacional Aldir Blanc (PNAB), aprovada em 2020, mas só implementada em 2022 e tendo, até o ano de publicação deste livro, executado duas edições.

Atrasos e percalços à parte, tais indícios sobre atuação profissional e renda entre os profissionais LGBTQIAPN+ baianos reforçam, mais uma vez, o papel central das políticas públicas para o desenvolvimento cultural e econômico não só desses trabalhadores, mas também de uma cadeia produtiva do audiovisual que seja mais inclusiva e diversa no estado. Sem uma realidade de financiamento público, o setor certamente se desestruturaria, e viver apenas de trabalhos na área passaria de um sonho para uma impossibilidade para muitos, enquanto tantos outros profissionais que encontram nele sua principal fonte de renda passariam de ganhar pouco para a completa insegurança financeira.

Desenhadas as questões educacionais e de realidade profissional do universo de pessoas perfiladas nesta pesquisa, é importante trazer alguns dados em relação ao seu perfil no que tange ao atravessamento por certas identidades. Aqui, então, chegamos enfim ao ponto do questionário em que são trazidos dados referentes ao gênero, à orientação sexual e à orientação romântica, em certa medida algumas das questões mais relevantes a uma pesquisa interessada em entender os profissionais LGBTQIAPN+ de um dado setor. A começar pelo caso da identidade de gênero, a amostra contemplada pela pesquisa apresenta uma grande maioria de pessoas que se identificam como cisgêneras, com 78,9% dos participantes incluídos no par homem cis/mulher cis, em uma proporção quase meio a meio (38,2% de homens cis e 40,8% de mulheres cis). Entre os demais respondentes, 5,3% se identificam como pessoas não binárias, enquanto apenas 2,6% identificam-se como pessoas trans e 1,3% como gênero fluído. Constatamos ainda a presença de 9,9% de respostas que sinalizam duas ou mais das identidades listadas no questionário ou livremente adicionadas, como “homem cis e queer”, “mulher cis e questionando”, “queer e gênero fluido” e “mulher cis e mulher sapatão”, por exemplo. Ao todo, assim, cerca de 19,1% dos respondentes escapam à cisgeneridade.

Embora este possa parecer um número relativamente expressivo frente à

realidade social excludente vivida por pessoas que não se encaixam na cisnormatividade, a situação desenhada é mais complexa do que pode parecer. Afinal, posto que a pesquisa computou exclusivamente pessoas LGBTQIAPN+, os dados infelizmente parecem reiterar um ambiente de atuação trabalhista em audiovisual ainda majoritariamente cisnormativo mesmo entre pessoas LGBTQIAPN+, o que corrobora dados mais amplos sobre as dificuldades de acesso ao mercado de trabalho para pessoas cujas identidades de gênero não se conformam a esse binarismo[4].

Indutores relativos à identidade de gênero em editais públicos de financiamento do setor, que valorizem ativamente a inclusão de pessoas transsexuais, ou atravessadas por outras identidades que fujam à lógica cisnormativa, parecem um bom caminho para tentar remediar essa situação. No entanto, isso não parece nem de longe ser suficiente. Iniciativas de formação com cotas específicas para esse público, ou mesmo voltadas exclusivamente a ele, parecem também urgir frente à realidade que se impõe. Por fim, uma maior integração entre iniciativas educacionais na área e ações de acolhimento à população trans pelo estado de forma mais ampla também parece ser um bom caminho a se desenhar, através, por exemplo, da realização de cursos junto a um público vinculado a espaços de acolhimento específicos. Para além disso, políticas de valorização de coletivos capitaneados ou estritamente compostos por pessoas transexuais, algo que já acontece com coletivos femininos, também parecem ser um caminho. Seja como for, o que fica claro é o quão restrito é o acesso ao setor por pessoas que fogem à lógica cisnormativa mesmo estritamente entre profissionais LGBTQIAPN+.

Em uma nota mais positiva, no entanto, a divisão quase meio a meio entre homens e mulheres cis parece indicar que, ao menos no que tange aos profissionais LGBTQIAPN+, o audiovisual baiano não traz disparidades de gênero que afetem severamente as mulheres cis, de modo que é possível afirmar que o setor vem incluindo-as com relativo sucesso, ao menos no corte social que nos é relevante. Certamente, dados que considerem um universo mais global e não apenas balizado por pessoas LGBTQIAPN+ poderiam vir a desenhar uma realidade um tanto distinta, mas aqueles trazidos aqui ainda assim parecem indicar que as iniciativas de formação, os indutores de gênero em editais e a valorização de coletivos capitaneados ou compostos exclusivamente por mulheres vêm

[4] Segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (Antra), por exemplo, apenas 4% das pessoas transsexuais têm emprego formal no Brasil. Fonte: https://vocerh.abril.com.br/diversidade/empregabilde-pessoas-trans. Acesso em: 10 mar. 2025.

tendo algum sucesso – sendo justamente esses mesmos caminhos de valorização que sugerimos que sejam seguidos no acolhimento a pessoas que fogem à cisgeneridade socialmente dominante.

Partindo do gênero para a orientação sexual, a maioria dos respondentes é bissexual (30,3%), sendo também bastante frequente a presença de gays (27,0%) e lésbicas (17,1%). Além disso, outro dado notável é que 13,2% das pessoas inquiridas se identificaram com mais de uma orientação, corroborando a percepção dos estudos de sexualidade vinculados aos feminismos de terceira onda de que a identificação sexual é muitas vezes mais fluida e menos categoricamente fechada do que pode parecer (Butler, 2003; Lopes, 2002; Louro, 2001, 2004; Silva, 2007)[5]. Nesses casos, a combinação mais frequente foi de pessoas que se disseram a um só tempo bissexuais e pansexuais, o que pode indicar uma ausência de distinção entre os dois termos para parte do público estudado. Além disso, a palavra "assexual" também aparece associada a outras respostas com certa frequência. Note-se que essa recorrência da associação entre assexual e outras respostas se mostrou relevante a despeito do questionário distinguir entre orientação sexual e orientação romântica.

A partir das conversas em profundidade que tivemos com alguns sujeitos, ao nosso ver isso parece sublinhar algumas percepções interessantes. Uma delas diz respeito ao fato de nosso público muitas vezes não fazer tanta distinção entre demissexualidade e assexualidade, reivindicando politicamente o status de assexual a partir de uma posição subjetiva em que o desejo sexual é infrequente e sentido a partir de conexões emocionais fortes. A outra percepção concerne ao fato de certos sujeitos passarem por períodos de assexualidade intercalados com períodos de desejo mais aflorado. Outra vez, tudo isso parece corroborar a noção de que identificações sexuais tendem a ser mais fluidas e complexas do que terminologias binárias poderiam supor, algo que se torna ainda mais evidente quando consideramos que 11,2% dos respondentes indicaram mais de uma categoria ao descrever suas orientações românticas.

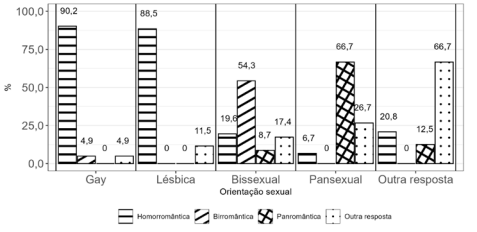
A questão da orientação romântica, aliás, escancara ainda mais o debate sobre a fluidez com que as identidades sexuais e de gênero podem se manifestar, sobretudo quando cruzamos as respostas de orientação sexual com as de orientação romântica. Por isso, essa é uma interseção de variáveis que achamos relevante trazer já aqui, na apresentação de dados gerais, ao invés de deixarmos para a próxima seção deste texto, dedicada aos cruzamentos de dados de

[5] Algumas referências nesse sentido são Lopes (2002), Butler (2003), Louro (2001, 2004) e Silva (2007).

forma mais ampla. Pelo seu valor de face, para além do fato de que 11,2% das pessoas que responderam ao questionário sinalizaram mais de uma resposta, as indicações relacionadas à orientação romântica não revelam muito: a maioria dos respondentes é homorromântica (49,3%), sendo também bastante frequente a parcela birromântica (17,8%), com a parcela panromântica vindo logo atrás (11,2%).

Ao cruzarmos esse dado com o da orientação sexual, no entanto, é que ele ganha riqueza, escancarando o fato de que nem sempre orientação sexual e orientação romântica se acoplam de maneira linear, sobretudo quando pensamos em pessoas bissexuais, pansexuais e com outras orientações, mas até mesmo no caso de gays e lésbicas. Entre os gays, por exemplo, embora 90,2% sejam homorromânticos, há 4,9% que são birromânticos e 4,9% se identificam com outras orientações românticas[6]. Entre lésbicas, enquanto 88,5% são homorromânticas, há 11,5% que se identificam com outras orientações românticas. Entre bissexuais, temos apenas 54,3% de birromânticos, pouco mais da metade, com 19,6% dos respondentes se indicando homorromânticos, 8,7% panromânticos e 17,4% reivindicando outras orientações românticas. Entre as pessoas pansexuais, 66,7% são panromânticas, mas 26,7% se identificam com outras orientações românticas, havendo ainda 6,7% de pessoas pansexuais homorromânticas. Por fim, entre as pessoas com outras orientações, 20,8% são homorromânticas, 12,5% são panromânticas e 66,7% se identificam com outras orientações românticas[7].

Figura 1. Distribuição condicional da orientação romântica, dada a orientação sexual. Fonte: autoria nossa.



[6] Por "outras orientações românticas", entenda-se respostas que incluem "queer", "questionando", "arromântico" e de pessoas que indicaram mais de uma opção, além de outras respostas sobre suas orientações românticas que as pessoas escolheram adicionar livremente ao formulário.

[7] Esse cruzamento resulta em um coeficiente V de Cramér de 0,608, sendo considerado moderado/alto – um dos mais altos de todos os cruzamentos feitos para esta pesquisa, aliás.

Conforme argumentamos, mesmo em um universo social relativamente pequeno (o dos profissionais LGBTQIAPN+ no audiovisual baiano), é possível notar como há fraturas nas expectativas normativas de continuidade linear entre certas identidades, como aquelas relativas à orientação sexual e orientação romântica, entre as quais a expectativa social de "colagem" é significativa. Para além do quanto isso corrobora certas percepções de estudiosos sobre as descolagens entre distintas identidades, do ponto de vista humano, também ressalta a grande diversidade de experiências e desejos sexuais e românticos vivenciados dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+, cujo entendimento os dados estatísticos e as entrevistas em profundidade desta pesquisa buscam expandir.

Em continuidade com o perfil mais amplo dos participantes da pesquisa, para além das questões de gênero e de orientação sexual e romântica, também foram feitas perguntas que buscam entender certas interseccionalidades, abrangendo identidades transversais que tocam os sujeitos a que a pesquisa se dedica. Neste caso, os dados relativos à pergunta sobre identificação de raça/etnia apontam que a amostra é composta majoritariamente por pessoas negras (54%), com as pessoas brancas vindo logo atrás (44,1%).

Por um lado, isso desenha um setor audiovisual baiano aparentemente mais inclusivo do que poderia se imaginar do ponto de vista racial entre profissionais LGBTQIAPN+. Um dos fatores que podem contribuir para isso frente às desigualdades raciais e privilégios sociais vigentes é o sucesso da política de cotas para proponentes e de indutores para equipes nos editais públicos, já que, conforme dados apresentados anteriormente, a maior parte da amostra tem nos editais de financiamento público sua principal fonte de trabalho. Ainda assim, é preciso notar que o percentual ainda está longe de fornecer um retrato condizente com a proporção de negros na população geral do estado. Conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) de 2023, conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 79,5% das pessoas da Bahia se autodeclaram negras[8], um número mais de 20% maior do que aquele representado por profissionais LGBTQIAPN+ no audiovisual baiano.

Um corte social que parece bem menos inclusivo, neste caso, é aquele relativo às pessoas LGBTQIAPN+ com deficiência. Notavelmente, apenas 4,6% dos respondentes indicaram possuir algum tipo de deficiência, fazendo deste grupo

[8] Disponível em: https://www.ba.gov.br/casacivil/noticias/2024-11/2442/com-795-da-populacao-autodeclarada-negra-bahia-ainda-enfrenta-desafios-para. Acesso em: 10 mar. 2025.

aquele que potencialmente mereceria mais atenção das políticas públicas[9]. Nessa direção, não podemos desconsiderar avanços recentes: os últimos editais de cultura, por exemplo, vêm incluindo cotas para pessoas com deficiência e campos dedicados à descrição de iniciativas de acessibilidade, por vezes com cotas mínimas de verbas dedicadas a tais campos. Dado o fato de que essas políticas são relativamente novas, certamente levará um tempo para que elas venham a trazer os resultados positivos que já se enxergam em nossa amostra a partir das políticas de inclusão raciais e voltadas para mulheres. Ainda assim, outra vez, essas próprias políticas de inclusão racial e de gênero não deixam de mostrar mais caminhos possíveis: iniciativas de formação voltadas para esse público e a valorização de coletivos capitaneados ou exclusivamente compostos por ele, por exemplo, são indicações que também cabem aqui.

Por fim, a última questão de perfil do grupo social que a pesquisa desenha que merece ser mencionada é aquela relativa ao status de relacionamento do público que compõe a nossa amostra. Aqui, o que mais chama atenção é o fato de 31,6% dos respondentes indicarem estar em um relacionamento estável sem reconhecimento legal, o segundo maior grupo da amostra, atrás apenas dos solteiros (46,7%). Por um lado, isso pode indicar um erro de nossa parte no desenho do instrumento: por "em um relacionamento estável sem reconhecimento legal", muitos respondentes podem simplesmente querer expressar que estão namorando, uma resposta que não constou no instrumento de coleta. Desse modo, asserções mais seguras acerca do que o dado efetivamente significa são difíceis. No entanto, é impossível não refletir sobre o fato de que, mesmo com todo o amparo legal que a legislação brasileira recente vem dando a casais homoafetivos, a sensação de insegurança jurídica ainda assim pode vir a ser forte entre eles.

E aqui, concluímos o segmento deste capítulo que se dedica ao perfil geral dos profissionais LGBTQIAPN+ do audiovisual baiano. Tais profissionais tendem, em sua maioria, a ser oriundos de Salvador e encontrar trabalho mormente na capital baiana, com alguns deles se articulando em outras cidades nas quais universidades públicas com cursos voltados à área existem, como Cachoeira e

[9] Na amostragem, houve um total de 7 pessoas, 1 com deficiência auditiva/surdez, 2 com deficiência física, 2 com deficiência intelectual, 1 com deficiência visual e 1 com deficiência múltipla. O percentual na amostra é quase metade daquele de pessoas com deficiência na população brasileira, que é de 8,9%, segundo dados da PNAD – Pessoas com Deficiência 2022, conduzida pelo IBGE em parceria com o Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDHC). Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/julho/brasil-tem-18-6-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia-indica-pesquisa-divulgada-pelo-ibge-e-mdhc. Acesso em: 10 mar. 2025.

Vitória da Conquista. Apesar disso, o intercâmbio entre profissionais de distintas cidades por todo o estado não deixa de existir, com uma porção significativa desses profissionais tendo trabalhado em mais de uma cidade baiana, conquanto os intercâmbios com profissionais de fora do estado sejam menores.

Ademais, esse também é um universo de pessoas altamente escolarizadas, com muitas delas tendo inclusive formação específica em audiovisual e encontrando no audiovisual sua maior fonte de trabalho e renda, mesmo que muitas vezes os ganhos nesta cadeia produtiva permitam apenas uma vida financeira apertada e uma proporção alta dos profissionais do setor precise buscar outras formas de rendimentos, ainda que preferissem viver principalmente de audiovisual. Não à toa, a percepção de insegurança financeira e os modos informais de trabalho são altos entre os profissionais, e os editais públicos despontam como centrais para que eles possam continuar atuando na área.

Majoritariamente composto por bissexuais, gays e lésbicas, esse público demonstra ainda as fraturas e a fluidez que existem nas categorias identitárias relativas a gênero e a sexualidade, com porções notáveis deles mostrando uma certa descolagem entre orientação sexual e orientação romântica. Por fim, dividido em proporções bastante próximas de homens e mulheres cisgêneros e de brancos e negros, esse também é, infelizmente, um público cujas desigualdades se mostram mais fortes quando observamos a baixa representatividade de pessoas com deficiência ou que fogem à cisnormatividade – ainda que fraturas também sejam vistas aqui, com uma proporção significativa de pessoas que não se identificam como cis.

4 O refinamento das percepções

Apresentado o perfil mais amplo do universo de profissionais LGBTQIAPN+ do audiovisual baiano que esta pesquisa esboça, faz-se premente a necessidade de compreender também como alguns dos fatores que desenham esse perfil incidem sobre outros e com que força tais fatores parecem se condicionar. Assim, é exatamente a isso que se dedica esta penúltima parte do capítulo introdutório deste livro: aos cruzamentos entre as distintas categorias de dados levantados por meio do questionário. A partir de tais cruzamentos, buscamos entender em maior profundidade não apenas mais detalhes sobre quem são os profissionais que aqui nos interessam, mas, conforme pontuado, de que maneira alguns elementos que compõem o seu perfil pesam sobre outros desses elementos.

Do mesmo modo que a seção anterior do texto, esta também é informalmente

dividida em blocos, neste caso dois. No primeiro deles, seguimos o debate sobre identidades e interseccionalidades que encerra o tópico anterior, trazendo também dados sobre percepção de preconceito, tanto de modo geral quanto já cruzados. A partir daí, dados relacionados a questões de formação, trabalho e renda também são esmiuçados de modo mais granular, a partir de cruzamentos com fatores como cidade de atuação, gênero e raça.

Antes de seguir, um último adendo que merece ser feito concerne ao Coeficiente de Contingência V de Cramér. Conforme previamente mencionado, o coeficiente toma valores entre zero e um, sendo o valor zero um indicativo de independência completa entre duas variáveis e o valor um indicativo de dependência perfeita entre elas. Abaixo de 0,2, a conexão entre duas variáveis se mostra baixa, o que não deixa de ser um dado relevante por si só. Afinal, se entendemos, por exemplo, que nesse universo social não há uma relação muito forte entre raça e renda, este não deixa de ser uma descoberta interessante. A partir de 0,2, temos uma conexão baixa/moderada, que vai se tornando mais alta à medida em que o valor vai chegando mais próximo de um. Ocorre que nos nossos cruzamentos, afora algumas conexões baixas entre certas variáveis, na maioria dos casos as conexões se mostram moderadas. Os coeficientes individuais são trazidos um a um entre parênteses ao longo do texto, mas isso quer dizer, de maneira geral, que os cruzamentos apresentados geraram condicionamentos nuançados. Feita esta observação, segue a análise.

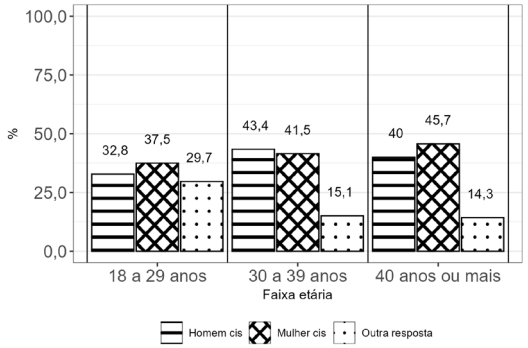
Aqui, o primeiro cruzamento que vale à pena apresentar é aquele que considera a interface entre a faixa etária dos respondentes e suas identidades de gênero e de orientação sexual. A razão pela qual achamos interessante fazer esses dois cruzamentos é a de verificar se, junto ao nosso público, o crescimento recente do letramento social acerca de temas relativos a gênero e sexualidade incide sobre uma maior pluralidade de percepções de si entre os mais jovens. No caso da orientação sexual, isso se confirma, e percebemos uma correlação moderada entre as distribuições de distintas orientações e as faixas etárias dos respondentes (V = 0,277), com uma queda visível na proporção de gays e lésbicas e um aumento significativo de bissexuais, pansexuais e pessoas de outras orientações entre as pessoas mais jovens. Assim, entre indivíduos de 40 anos ou mais, 45,7% são gays, 31,4% são lésbicas, 11,4% são bissexuais, 2,9% são pansexuais e 8,6% se identificam com outras orientações. Já entre aqueles de 30 a 39 anos, 22,6% são gays, 15,1% são lésbicas, 34,0% são bissexuais, 15,1%

são pansexuais e 13,2% se identificam com outras orientações sexuais. Por fim, entre indivíduos de 18 a 29 anos, 20,3% são gays, 10,9% são lésbicas, 37,5% são bissexuais, 9,4% são pansexuais e 21,9% se identificam com outras orientações sexuais.

Isso desenha um universo em que, entre os mais jovens, expressões de sexualidade que fogem ao par gay/lésbica se tornam cada vez mais comuns, dando vazão sobretudo a uma maior visibilidade de bissexuais e pansexuais, e havendo também uma crescente inconformidade com as categorias mais comuns por meio das quais tende-se a pensar a sexualidade.

Já no caso das identidades de gênero, a correlação se mostrou fraca (V = 0,131), o que quer dizer que não há uma relação muito forte entre as distribuições de gênero e a faixa etária. Ainda assim, não deixa de ser curioso o fato de que, do ponto de vista puramente percentual, a quantidade de pessoas que não se identificam quer como homens cis ou como mulheres cis praticamente dobra entre os respondentes que têm de 18 a 29 anos em relação às outras faixas de idade (Figura 2). Isso indica uma tendência, que pode vir a se consolidar no futuro, a mais pessoas desse segmento apresentarem identidades de gênero que fogem à cisnormatividade. Certamente, o que pode estar em jogo aqui é um maior entendimento da pluralidade das possíveis percepções de si entre os mais jovens, mas também pode ser o caso de estarmos lidando com um setor que vem se tornando mais ciente da importância de abraçar essas pessoas. Assim, indutores específicos em editais de cultura, por exemplo, e a simples possibilidade de uso do nome social nas inscrições, podem estar trazendo impactos positivos ainda pouco mensuráveis, mas já visíveis nesse sentido.

Figura 2. Distribuição condicional da identidade de gênero, dada a faixa etária. Fonte: Autoria nossa.



No que tange à percepção de preconceito, a análise dos dados também

trouxe resultados curiosos, conquanto lamentáveis. Aqui, vale lembrar que tais dados são trazidos neste tópico tanto de modo univariado quanto bivariado, já que mesmo de modo singular eles servem muito mais ao refino das percepções que o questionário permite levantar do que ao desenho de um perfil geral dos respondentes. Nesse caso, a primeira coisa que salta aos olhos é o fato de que 84,2% dos respondentes indicaram já ter sofrido ao menos uma vez algum tipo de preconceito por serem LGBTQIAPN+. Esta é uma proporção assustadoramente alta, ainda que não surpreendente, posta a discriminação sofrida por esse segmento da população. No que tange especificamente ao ambiente de trabalho com audiovisual na Bahia, 40,8% do nosso universo diz ter sofrido LGBTQIAPN+ fobia especificamente neste contexto.

Isso pode gerar a falsa ideia de que o ambiente é mais seguro do que a sociedade a largo, mas essa percepção não se sustenta quando olhamos para dados semelhantes. Uma pesquisa feita pelo LinkedIn (2022), por exemplo, indica que 43% dos profissionais LGBTQIAPN+ no Brasil já sofreram preconceito no ambiente de trabalho, uma proporção muito próxima daquela encontrada em nossa pesquisa. Isso permite supor que, infelizmente, o audiovisual baiano não se apresenta como um ambiente de trabalho menos discriminatório do que a média, sendo muito mais um reflexo dela. Este dado se torna ainda mais triste quando posto junto àquele de que 32,2% dos respondentes já perderam, ao menos uma vez, oportunidades de trabalho e/ou foram dispensados de trabalhos em andamento por serem LGBTQIAPN+. Não à toa, 49,9% dos respondentes consideram que o ambiente profissional no audiovisual é hostil em níveis moderado ou elevado para pessoas LGBTQIAPN+. Ainda assim, 56,6% dos respondentes afirmam sentir conforto total ou parcial em se comunicar abertamente sobre suas identidades de gênero, sexual e/ou romântica neste ambiente. Mesmo que idealmente o número precisasse ser ainda maior, ele não deixa de ser indicativo da resiliência e do orgulho da comunidade LGBTQIAPN+, indicando uma forte disposição à autenticidade em relação às suas identidades e vivências mesmo face às adversidades.

Como não poderia deixar de ser, no entanto, isso precisa ser colocado em perspectiva. Quando perguntamos em que ambientes sociais consideram ser mais difícil se comunicar abertamente sobre as próprias identidades enquanto indivíduos LGBTQIAPN+, apenas 11,2% dos respondentes nomeiam o ambiente de trabalho com audiovisual – contra, por exemplo, 27,6% que apontam outros ambientes de trabalho fora do setor. Nesse caso, o ambiente que mais respondentes apontam ser difícil é a esfera familiar (42,8%), seguido da esfera social ampliada (40,8%) e da esfera religiosa (37,5%). Novamente, esses não são dados

que surpreendem, mas não deixa de ser triste notar a partilha de um senso de que ambientes que deveriam em tese ser acolhedores às subjetividades de um indivíduo frente às adversidades externas a eles, como o seio familiar e os espaços de expressão religiosa, são percebidos como alguns dos mais interditados a expressões de si para pessoas LGBTQIAPN+.

Como se poderia esperar, quando começamos a submeter esses dados a análises bivariadas, torna-se patente que as experiências de preconceito são bem mais comuns entre as pessoas cuja atuação no audiovisual se dá sobretudo fora de Salvador (V = 0,227). Enquanto 20,4% dos respondentes que trabalham principalmente na capital baiana dizem nunca terem sofrido preconceito por suas expressões de gênero e orientação sexual, este número cai para 7,4% entre aqueles que atuam mais no interior do estado. Mais uma vez, esse achado pode ser melhor entendido à luz de dados gerais levantados em outras investigações, neste caso aqueles coletados pelo IBGE em 2022 por meio Pesquisa Nacional em Saúde (PNS) – Quesito Orientação Sexual[10]. Conforme a pesquisa, a média de pessoas adultas (acima de 18 anos) que se identificam como homossexuais ou bissexuais é maior nas capitais brasileiras do que a média do país como um todo – 2,8% da população nas capitais, enquanto a média nacional é 1,8% da população, o que parece indicar uma maior concentração de pessoas LGBTQIAPN+ nessas cidades. Certamente, a sensação de que há mais possibilidades de formar redes de suporte nas capitais pode levar tanto mais pessoas dali a se sentirem seguras para expressar suas identidades de gênero e orientação sexual quanto mais indivíduos LGBTQIAPN+ residentes do interior a ensejar uma migração para tais metrópoles. Do mesmo modo que a maior pujança do setor audiovisual em Salvador, este é um outro dado que pode ajudar a explicar a razão pela qual tantos dos respondentes se concentram na cidade. Afinal, pessoas LGBTQIAPN+ são justamente o foco desta pesquisa.

Curiosamente, no entanto, ao cruzarmos os dados sobre LGBTQIAPN+ fobia com variáveis relativas a raça, faixa etária, faixa de renda e até mesmo orientação sexual, é possível verificar um grau baixo de associação entre tais variáveis e as percepções de LGBTQIAPN+ fobia (V < 0,2). Ou seja, entre brancos, negros e pessoas com outras identificações raciais; pessoas mais jovens e pessoas mais velhas; pessoas com renda maior ou menor; gays, lésbicas, bissexuais, pansexuais e pessoas com outras orientações: em todos esses casos, não há

[10] Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33785em-pesquisa-inedita-do-ibge-2-9-milhoes-de-adultos-se-declararam-homossexuais-ou-bissexuais-em-2019. Acesso: 10 mar. 2025.

fortes dissonâncias das percepções do grau de preconceito sofrido entre distintas categorias. Este é um dado, inclusive, que se repete em múltiplas variáveis relacionadas a essas percepções – ele se manifesta nas variáveis relativas às experiências pessoais de discriminação vividas por ser LGBTQIAPN+ tanto na sociedade como um todo quanto no audiovisual, nas variáveis de percepção do meio de trabalho no audiovisual como hostil para pessoas LGBTQIAPN+ ou não, na de frequência da perda de oportunidades de trabalho por ser LGBTQIAPN+ e na de sensação de conforto para se comunicar sobre sua identidade com colegas de profissão no setor.

Do ponto de vista puramente percentual, certas tendências podem ser observadas. Por exemplo, pessoas que declaram ter "outras sexualidades", não se dizendo gays, lésbicas, bissexuais ou pansexuais, costumam atestar sofrer mais preconceito, tanto na sociedade como um todo como no setor audiovisual. Isso pode indicar uma tendência a haver mais preconceito com expressões de sexualidade mais invisibilizadas, mesmo dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+. Igualmente, há entre as pessoas com mais de 40 anos uma ligeira tendência a acreditarem ser menos frequentemente alvo de preconceitos, o que pode indicar uma mudança de percepção social até mesmo sobre o que constitui LGBTQIAPN+ fobia entre os mais jovens.

Na mesma direção, pessoas que ganham mais tendem a entenderem com muito menos frequência do que aquelas que ganham menos que perdem oportunidades de trabalho por serem LGBTQIAPN+, reiterando a ideia de que o poder econômico é capaz de blindar certas pessoas a expressões mais evidentes de preconceito. Por fim, o corte racial sequer apresenta tendências acentuadas. Novamente, porém, faz-se necessário lembrar que aqui estamos falando de leves tendências percentuais, com pouca relevância do ponto de vista estatístico. De fato, conforme mencionado, ao contrário do corte entre capital e interior, em todos esses casos há pouca relação entre as distintas variáveis mencionadas (orientação sexual, faixa etária, faixa de renda e raça) e as percepções individuais sobre LGBTQIAPN+ fobia.

Por certo, do ponto de vista estritamente quantitativo, esse é um dado que se mostra difícil de compreender. No entanto, as entrevistas em profundidade trazidas nos próximos capítulos apontam alguns caminhos de interpretação possíveis do ponto de vista qualitativo. Isso porque foi comum entre os entrevistados, quando perguntados sobre as experiências de LGBTQIAPN+ fobia no ambiente de trabalho, o entendimento de que distintas formas de violência sofridas partem também de preconceitos distintos. Assim, por exemplo, tivemos respostas que indicavam a dificuldade de conseguir trabalho por conta de

questões de deficiência mais do que aquelas relativas a identidades sexuais e de gênero.

Igualmente, respostas que indicavam o racismo ou o machismo como fatores de maior tensão em suas experiências negativas do que a LGBTQIAPN+ fobia também surgiram nas conversas. Não à toa, aliás, além da segmentação entre capital e interior, o gênero foi a única categoria a impactar de modo relevante nas percepções de preconceito (V = 0,218), com pessoas que fogem à cisgeneridade tendo percepções mais acentuadas sobre sofrerem LGBTQIAPN+ fobia, sublinhando o preconceito social mais latente que há contra pessoas que escapam a binarismos de gênero[11].

Também de maneira curiosa, quando observamos apenas as mulheres (cis e trans, V = 0,259), notamos uma hesitação muito maior em atestarem sempre serem alvo de preconceitos do que na amostra global. Entre os gays, 7,3% dizem sofrer preconceito sempre, resposta que não foi dada por nenhuma lésbica. Entre os bissexuais em geral, 8,7% responderam sofrer preconceito sempre, contra 7,7% das mulheres bissexuais. Na população pansexual de forma ampla, 13,3% disseram sofrer preconceito sempre, algo que nenhuma mulher pansexual respondeu. Por fim, entre pessoas com outras orientações, 25% disseram sofrer preconceito sempre, contra apenas 14,3% das mulheres que deram essa mesma resposta. Isso nos parece indicar não necessariamente uma quantidade menor de violências enraizadas em manifestações de LGBTQIAPN+ fobia contra mulheres cis e trans, mas sim uma maior resiliência dessas mulheres em relação às micro agressões cotidianas, talvez nem mais percebidas como tais, dadas as discrepâncias de interação de gênero vivenciadas por elas ao longo de suas vidas.

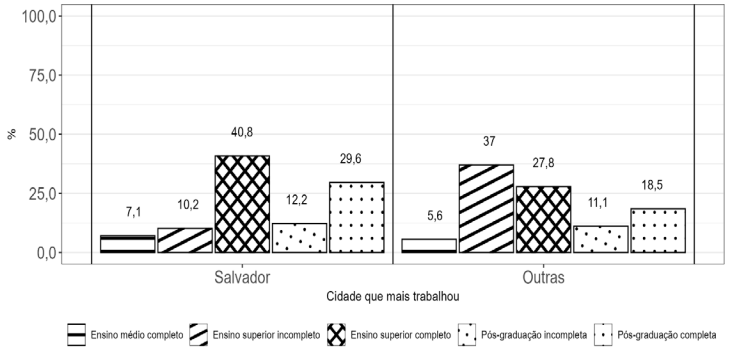
Fechadas essas ponderações, para além dos pesos claros que as categorias de gênero e de vivência na capital ou fora dela têm nas percepções de preconceito, talvez o que esses dados em conjunto indiquem seja um grau de letramento identitário relativamente alto entre os indivíduos que compõem o universo investigado. Desta forma, tais indivíduos são potencialmente capazes de fazer leituras específicas sobre os distintos tipos de violência que sofrem. A partir dessa hipótese, faz sentido que raça, faixa etária, faixa de renda e orientação sexual não se mostrem cortes tão relevantes nas percepções de LGBTQIAPN+ fobia nesta população. As pessoas negras que fazem parte da amostra

[11] Apenas 6,9% das pessoas que não expressam suas identidades de gênero a partir da cisgeneridade disseram nunca terem sofrido preconceito por conta de suas expressões LGBTQIAPN+, contra 15,5% dos homens cis e 19,4% das mulheres cis. Inversamente, 6,9% dos homens cis e 4,8% das mulheres cis disseram sofrer preconceito sempre, contra um quarto (25%) das pessoas que fogem à cisgeneridade.

muito provavelmente sabem separar as expressões de preconceito racial que sofrem daquelas que sofrem por suas expressões sexuais e de gênero, assim como PCDs conseguem distinguir os preconceitos que sofrem por essas expressões daqueles que sofrem por suas deficiências. Na mesma direção vão as pessoas que ganham menos em relação aos preconceitos de classe e as pessoas de distintas faixas etárias com relação ao etarismo.

Ao contrário dos dados sobre preconceito, aqueles sobre formação e, sobretudo, aqueles relativos a trabalho e renda apresentam um número maior de associações relevantes do ponto de vista estatístico a partir do cruzamento. A começar pelo tema da formação, aqui, mais uma vez, a diferença entre as pessoas que trabalham com audiovisual principalmente em Salvador e aquelas que atuam na área sobretudo no interior se faz relevante (V = 0,326). Entre pessoas que trabalham mais no setor audiovisual em Salvador, a maioria tem pós-graduação completa ou em andamento (41,8%), seguida de perto pelo segmento daqueles que têm ensino superior completo (40,8%). Os que têm ensino superior incompleto, por sua vez, perfazem apenas 10,2% da amostra. Já no interior, a maioria tem ensino superior incompleto (37%), com apenas 27,8% tendo ele completo e 29,6% tendo pós-graduação em andamento ou concluída (Figura 3).

Figura 3. Distribuição condicional do grau de escolaridade, dada a maior atuação em Salvador ou outras cidades baianas. Fonte: Autoria nossa.



Ao nosso ver, buscar uma interpretação simples para esse dado pode ser perigoso. Afinal, a despeito das disparidades educacionais que ele aparenta revelar, deve-se lembrar que as proporções de indivíduos que possuem apenas ensino médio são parecidas em ambos os casos (7,1% do total em Salvador, 5,6% no interior), então a hipótese de uma maior dificuldade de acesso ao ensino superior não é, necessariamente, a explicação mais plausível. Antes,

parece-nos mais provável que as oportunidades de acesso ao trabalho com audiovisual é que sejam mais raras fora de um ambiente universitário no interior, aparecendo sobretudo para aqueles que vão criando redes de contato com colegas durante a graduação e, a seguir, para os que conseguem manter essas redes após se graduar.

Nesse sentido, é importante ter em mente que, afora Salvador, as duas cidades que mais apresentam oportunidades de trabalho no audiovisual para os respondentes são cidades com cursos universitários na área. O que esse dado parece indicar, assim, é acima de tudo a importância das universidades públicas para criar ecossistemas de produção fora da capital, e ao mesmo tempo a dificuldade desses ecossistemas de manterem os profissionais ali formados por muito tempo conforme o seu nível de educação formal vai se tornando maior, criando um audiovisual feito sobretudo por graduandos.

Isso posto, faz-se central a necessidade de mais políticas de interiorização da produção, sobretudo pelo estado, que é o maior financiador das produções audiovisuais realizadas na Bahia. É importante, no entanto, que essa interiorização não seja feita a esmo, simplesmente pulverizando os incentivos pelo máximo de cidades de maneira avulsa sem entender onde estão os melhores projetos e os profissionais melhor formados e mais competentes para criar uma cadeia sustentável a longo prazo. Antes, é crucial que o estado tente fortalecer e ampliar polos de produção que já despontam, de modo a fomentar nesses locais cadeias de produção que já começam a surgir, facilitando a retenção na região de profissionais que se graduam ali e a criação de novos polos produtivos fora da capital. No caso do público LGBTQIAPN+, aquele com que estamos lidando mais diretamente aqui, isso se torna ainda mais importante, no sentido de diminuir o senso de necessidade de êxodo do interior e ampliar os espaços em que há segurança para explorar identidades sexuais e de gênero que fujam à cis-heteronormatividade hegemônica, questões cuja urgência os dados explorados anteriormente apontam.

Outra categoria que mostra certas disparidades de formação de modo um tanto mais significativo é a de gênero (V = 0,202). No caso das pessoas cis, a maioria tanto das mulheres quanto dos homens têm o grau de ensino superior completo – cerca de 37,1% do total no caso das mulheres e 43,1% no caso dos homens, com a discrepância se dando mormente por haver um número maior de mulheres com não só ensino superior, mas também pós-graduação completa (30,6% contra 20,7% de homens). Ou seja, o dado indica que elas costumam ter mais formação do que os homens cis, e não menos. Isso possivelmente em consonância com as conhecidas cobranças maiores que um mercado de trabalho

em geral ainda bastante machista faz das mulheres cis frente aos seus pares do gênero masculino, gerando uma pressão maior para se provarem no sentido de justificarem salários iguais ou mesmo menores do que os de homens. Isso se torna ainda mais evidente quando verificamos que os homens cis gays, de todos os grupos identificados, são aqueles que de longe mais conseguem trabalhar no setor sem ter qualquer formação específica em audiovisual (19,5%, contra 7,7% de lésbicas, 6,7% de pansexuais e 6,5% de bissexuais).

No caso de pessoas que indicaram fugir à cisgeneridade, no entanto, a pirâmide da educação formal adquire uma conformação bem menos positiva, e a grande maioria tem ensino superior incompleto (34,4%). Igualmente, também é maior aqui o volume de pessoas que possuem apenas o ensino médio (12,5%, contra 3,4% de homens cis e 6,5% de mulheres cis). Nesse aspecto, sim, a dificuldade de acesso à educação por pessoas que não se identificam como cisgêneras parece ser a triste justificativa, urgindo por iniciativas de inclusão não só profissional por meio dos editais de cultura, mas também educacional por meio de iniciativas que evitem evasões escolares e criem espaços de formação seguros[12].

No mais, outros fatores, como orientação sexual, raça, tempo de atuação no mercado ou ser uma pessoa com deficiência não parecem ter grande impacto no grau de formação verificado em nosso universo amostral. Ou seja, pensando especificamente os profissionais LGBTQIAPN+ que atuam ou já atuaram com audiovisual na Bahia, não são verificáveis grandes disparidades de formação entre negros, brancos e pessoas com outras identificações raciais; gays, lésbicas, bissexuais, pansexuais e pessoas de outras orientações; pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência; ou mesmo aqueles que estão no mercado há menos ou mais tempo. Conquanto outros dados relativos a trabalho e renda sejam melhor explorados adiante, aqui vale a pena já apontar que neste quesito, igualmente, há dados que parecem fugir a intuições fáceis. Não parece haver, por exemplo, tanta correlação entre a distribuição das faixas de renda e fatores como raça ou gênero – ao menos entre profissionais LGBTQIAPN+, que são aqueles que

[12] Isso posto, claro, as iniciativas de inclusão profissional ainda assim se fazem necessárias, uma percepção que é ainda mais acentuada quando verificamos a relação entre o tempo de atuação no setor e a identidade de gênero (V = 0,226). Enquanto apenas 1,7% de homens cis e 1,6% de mulheres cis atuam no setor a menos de um ano, esta é a realidade de 12,5% das pessoas com outras identidades de gênero. Inversamente, apenas 25% das pessoas que possuem outras identidades de gênero estão no setor há mais de 10 anos, contra 37,9% de homens cis e 38,7% de mulheres cis.

compõem a nossa amostra (V < 0,2)[13]. Em algumas frentes, isso certamente foge à realidade social vigente no Brasil[14], mas há explicações plausíveis para tanto.

Antes de mais nada, estamos lidando com um público em si mesmo altamente escolarizado (lembramos que nenhum dos respondentes têm menos do que o ensino médio completo) e uma área de atuação que exige nesse sentido certos privilégios de entrada. Isso é exacerbado ainda pelo fato de o financiamento do setor ser dominado por editais públicos de cultura, que a despeito de suas inúmeras qualidades como política de financiamento, não deixam de demandar certo nível de instrução formal na criação de propostas competitivas. Ademais, justamente por serem formas públicas de financiamento, os editais têm por dever corrigir certas desigualdades de acesso, com as cotas e os indutores podendo explicar a pouca discrepância de ganhos entre homens e mulheres e entre brancos e negros. Por fim, já verificamos também como, por exemplo, fora de Salvador, são as cidades com universidades públicas na área as que mais conseguem se destacar como polos de atuação profissional, e o próprio sistema de cotas para o ingresso em tais universidades pode ajudar a compor essa realidade. De toda forma, em meio a tantas desigualdades e dados lamentáveis verificados em outros aspectos da pesquisa, este não deixa de ser um

[13] O tempo de atuação na área tampouco parece ser afetado pela raça (V = 0,059), o que pode ser explicado pelo fato de a maior parte dos inquiridos (64,4%) trabalhar no setor há até 10 anos, quando políticas de inclusão já estavam em vigência. Curiosamente, no entanto, vemos uma tendência tão forte que chega perto de ter relevância estatística (V = 0,195) de que pessoas negras se vejam como tendo mais estabilidade financeira e profissional trabalhando com audiovisual do que pessoas brancas. Ou seja, apesar de as faixas de renda não diferirem entre pessoas brancas e negras, 32,6% das pessoas negras consideram ganhar o suficiente para ter estabilidade, enquanto apenas 18,4% das pessoas brancas têm a mesma percepção. Assim, esse dado diz muito mais sobre as diferenças de percepção entre o que seria renda o suficiente para se considerar estável entre brancos e negros do que qualquer outra coisa, indicando que o privilégio social dos brancos os torna propensos, ao menos entre os profissionais LGBTQIAPN+ do audiovisual baiano, a acreditarem que precisam de um valor maior para se considerarem financeiramente estáveis.

[14] De acordo com dados do IBGE coletados em 2023, a parcela da população negra entre 18 e 24 anos que acessa o ensino superior no Brasil é quase a metade da parcela na mesma faixa etária entre brancos: são 16,4% de pessoas negras cursando uma graduação e 2,9% já formadas, contra 29,5% da população branca com ensino superior em andamento e 6,5% já graduada. No que diz respeito a PCDs, 14,3% dos jovens entre 18 e 24 anos com deficiência cursavam o ensino superior, enquanto o índice chega a 25,5% entre as pessoas sem deficiência. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/03/26/desigualdade-entre-brancos-e-negros-no-ensino-vai-da-alfabea-universidade.ghtml; https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37317-pessoas-com-deficiencia-tem-menor-acesso-a-educacao-ao-trabalho-e-a-renda. Acesso em: 10 mar. 2025.

que merece celebração.

O que não merece celebração, no entanto, é a percepção de que, na distribuição dos indivíduos por faixa de renda, quanto mais alta a faixa, maior a proporção de pessoas sem qualquer formação específica em audiovisual, sequer em cursos livres (Figura 4, V = 0,320). Ou seja, ao menos entre a população LGBTQIAPN+, quanto mais se ganha com audiovisual no estado, mais possível é que o indivíduo não tenha qualquer tipo de formação específica na área, seja livre, técnica, ou em nível superior (quer em processo ou concluída, em uma graduação ou pós-graduação). Lembramos aqui que estamos falando de um universo com um alto nível de educação formal, então não é que essas pessoas não tenham qualquer tipo de formação, e sim que esta formação não é, em nenhum grau, em audiovisual[15].

O que isso implica é que, ao menos na Bahia, as dificuldades de ascensão financeira no setor não têm a ver com uma falta de formação na área, ainda mais considerando que mais de 90% da amostra indicou ter esse tipo de formação em algum nível. Antes, é plausível supor que, por exemplo, um setor empresarial muitas vezes com outros tipos de formação e talvez até mesmo um capital de investimento oriundo de fora da área provavelmente concentra as pessoas nas maiores faixas de renda. Afinal, é entre as pessoas nas maiores faixas de renda que encontramos a maioria dos que dizem ter empresas e empregarem terceiros no audiovisual[16].

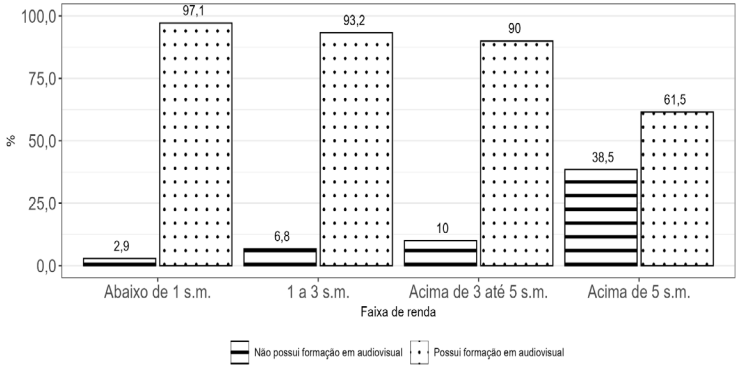
Até aí, nada que surpreenda em um sistema de produção capitalista, mas dado que mais de 60% do trabalho no setor envolve como fonte de renda os editais públicos de cultura, cabe uma reflexão. Não seria, afinal, o caso de pensar melhor os critérios de pontuação de currículo nesses editais, valorizando mais os projetos de indivíduos com certa experiência profissional e formação na área com empresas ainda em estruturação do que os de empresas consolidadas com

[15] E a nível de graduação, o entendimento da pesquisa de que tipo de formação pode ser entendida como uma formação específica na área foi bastante lasso, compreendendo cursos de graduação com ênfase em: Audiovisual; Cinema; Rádio e TV; Rádio, TV e Internet; Publicidade; Produção em Áudio e Vídeo; Produção Cultural; Estudos de Mídia; Comunicação e Multimeios; Design de Games ou Jogos Digitais; Animação; Marketing; Multimídia ou Produção Multimídia.

[16] 5,7% das pessoas com menos de um salário mínimo dizem ser esse o seu caso, contra 14,9% das pessoas que ganham de um a três salários mínimo, 26,7% das pessoas que ganham de três a cinco salários mínimos e 23,1% das pessoas que ganham mais de cinco salários mínimos (V = 0,197, ou aproximadamente 0,2).

gestores sem capacitação específica, sequer a nível livre ou técnico?

Figura 4. Distribuição condicional das pessoas que têm ou não formação específica em audiovisual, dada a faixa de renda. Fonte: Autoria nossa.



Para finalizar, alguns outros fatores mais relacionados diretamente a trabalho e renda do que a formação ainda não explorados merecem ser trazidos. Conforme já pontuado, raça e gênero não parecem pesar muito na distribuição das faixas de renda, mas outros fatores pesam. E aqui, mais uma vez, o fato de a pessoa ter trabalhado mais com audiovisual em Salvador ou em alguma outra cidade da Bahia se mostra um fator relevante (V = 0,289)[17].

Enquanto 15,3% das pessoas que têm em Salvador sua principal cidade de trabalho com audiovisual ganham menos de um salário mínimo, essa é a realidade de 37% das pessoas que trabalharam mais em alguma outra cidade do

[17] Antes de seguirmos, vale pontuar que além da principal cidade de trabalho ser Salvador ou uma outra, outros fatores pesam na distribuição de faixas de renda, mas estas são associações mais óbvias. Assim, por exemplo, conforme aumenta a renda, mais pessoas têm o audiovisual como sua principal fonte de renda, indicando menor necessidade de buscar outros trabalhos para complementar o sustento (V = 0,233). Igualmente, como se poderia esperar, as percepções de estabilidade profissional e financeira também aumentam conforme se aumenta a renda (V = 0,254). Do mesmo modo, o aumento do tempo de atuação no setor (V = 0,327) e o aumento da faixa etária (V = 0,267) também impactam na renda, que cresce progressivamente. Assim, por exemplo, enquanto 53,8% dos respondentes acima de cinquenta anos ganham mais de cinco salários mínimos, essa é a realidade de apenas 2,9% daqueles entre 18 e 29 anos. Isso posto, não deixa de ser um sinal de alta precarização o fato de 68,6% dos respondentes até 29 anos ganharem menos de um salário mínimo, e esta seguir sendo a realidade de 23,1% mesmo daqueles acima dos cinquenta. Ainda assim, mais uma vez aqui, é a questão da disparidade entre Salvador e outras cidades que se mostra um dado realmente acentuado, razão pela qual é a ele que direcionamos o debate.

estado. Já os ganhos acima de 5 salários mínimos são a realidade de 12,2% dos respondentes que têm em Salvador sua principal cidade de trabalho, e de apenas 1,9% dos que trabalham majoritariamente em outra cidade do estado. Esse dado consolida as diferenças entre Salvador e outras cidades baianas como uma das variáveis mais relevantes para os cruzamentos feitos na amostra ao apontar uma disparidade brutal entre capital e interior nas oportunidades de ascensão financeira no setor, ao menos para pessoas LGBQIAPN+. Posto que este é um setor que se sustenta na Bahia principalmente por meio de financiamentos públicos, isso indica uma falha sistemática das políticas públicas em endereçar as desigualdades regionais claramente existentes no estado.

Aqui, outra vez, parece-nos urgir a necessidade de uma política de interiorização dos financiamentos e de que tal política seja feita não financiando projetos no maior número possível de cidades sem garantias de que possa haver a criação de um setor audiovisual mais competitivo no interior a longo prazo, mas seguindo uma outra lógica. Uma lógica que vise garantir que os melhores agentes, projetos e espaços produtivos no interior possam prosperar e se tornar competitivos. Essa é uma percepção que é ainda exacerbada por três outros fatores. O primeiro dele concerne ao fato de 60,2% das pessoas que atuam mormente em Salvador terem o audiovisual como sua principal fonte de renda, contra apenas 48,1% das que atuam sobretudo em outras cidades do estado (V = 0,252). Ou seja, os agentes que já trabalham com audiovisual no interior precisam de maiores garantias de sobrevivência e mais oportunidades para que possam se dedicar com maior ênfase aos seus projetos criativos.

O segundo fator que reforça a convicção de que é preciso haver interiorização do financiamento e que ela precisa priorizar os melhores projetos e os agentes mais capacitados diz respeito ao fato de não haver uma correlação forte entre tempo de atuação e cidade de mais trabalho (V = 0,168), o que interdita uma explicação baseada na ideia de que profissionais do setor que se encontram fora de Salvador atuam na área a menos tempo. Ou seja, não é a menor experiência que vem tornando o trabalho no setor mais difícil para agentes do interior, mas sim uma política de interiorização que não necessariamente valoriza essa experiência frente a outros fatores que o estado vem enxergando como relevantes, como a pulverização dos incentivos pelo maior número possível de cidades. Por fim, um último fator que reforça a necessidade de repensar as lógicas de interiorização vai na esteira desse segundo e concerne ao fato de não haver tanta disparidade nas proporções de pessoas que trabalham nas mais diversas mídias em Salvador ou em outras cidades, com proporções semelhantes

de profissionais de games, cinema, publicidade e conteúdos para mídias sociais em ambos os casos (V < 0,2). Aqui, a única exceção é a televisão (V = 0,207), mídia na qual são maiores as oportunidades existentes em Salvador (53,1% dos respondentes da capital trabalham com tevê, contra 31,5% dos demais).

Tudo isso posto, fica claro que há pontos positivos no setor audiovisual baiano para os profissionais LGBTQIAPN+, como o alto nível de educação formal e até mesmo formação específica na área e a resiliência e orgulho desses profissionais em falarem sobre suas identidades LGBTQIAPN+ mesmo que percebam o ambiente de trabalho e a sociedade como hostis. Mas há também muitos pontos negativos, a exemplo do fato de mais de 80% da amostra dizer já ter sofrido preconceito por suas expressões sexuais e de gênero, da alta quantidade de agentes do setor que precisam de outros trabalhos para complementar a renda e da grande dificuldade de inclusão para pessoas que escapam ao binarismo de gênero. Também fica claro que há espaços onde políticas públicas vêm acertando (como nas cotas e indutores e na criação de cursos de audiovisual em universidades públicas) e outros onde elas vêm errando (como no modo como vem sendo conduzida a busca por corrigir discrepâncias entre Salvador e outras cidades, esforço que claramente não vem atingindo os resultados esperados). Nesse sentido, o que mais desponta é como esta última questão, das disparidades entre Salvador e o interior do estado, mostram-se as mais consistentes como fonte de distintos níveis de desigualdades entre os profissionais LGBTQIAPN+ do audiovisual baiano.

5 À guisa de conclusão

Frente a tudo o que foi exposto, completa-se o objetivo de apresentação de dados deste primeiro capítulo, mas apenas se inicia o esforço que este livro se propõe a fazer de apresentar quem são os profissionais LGBTQIAPN+ do audiovisual baiano. Para que realmente possamos conhecer tais profissionais, é preciso que suas vozes sejam ouvidas, suas histórias contadas por eles mesmos, e as lentes coloridas com que enxergam o mundo sejam conhecidas em sua individualidade. Por isso, todo o resto do livro se dedica a trazer transcrições das conversas em profundidade que tivemos com cinco desses profissionais. Como tais conversas foram longas e não cabem por completo no espaço que temos neste livro, as entrevistas tiveram que ser editadas por nós para sua inclusão aqui. Ainda assim, esperamos que cada uma delas permita um vislumbre de quem são esses indivíduos e de como cada um deles contribui de maneira única

para tornar o audiovisual baiano o que ele é. Na seleção dessas pessoas, partimos das respostas a algumas questões abertas do questionário, feitas apenas a quem sinalizou em suas respostas interesse em participar de uma entrevista para publicação no livro. Essas questões foram:

» Conte-nos a maior conquista que você já experienciou como profissional LGBTQIAPN+ no mercado audiovisual;

» Conte-nos as maiores dificuldades que você já teve como profissional LGBTQIAPN+ no mercado audiovisual;

» De que projeto você mais se orgulha em sua atuação profissional no audiovisual e por que?

A partir da leitura das respostas a essas perguntas, começou a dura tarefa de seleção de cinco pessoas para conversarmos extensivamente. Em um primeiro momento, selecionamos os indivíduos cujas respostas pareciam mostrar mais interesse em falar, bem como aqueles cujas expressões de identidade sexual e de gênero, racial ou enquanto pessoas com deficiência poderiam tornar o livro mais rico. A partir daí, buscamos priorizar indivíduos que trariam algo de único ao livro, tendo a difícil tarefa de chegar a cinco deles. O processo apresentou alguns percalços e aparagem de arestas, e nos doeu, por exemplo, ter que remover da seleção final pessoas LGBTQIAPN+ que trabalham com uma educação infantil consciente da diversidade sexual e de gênero, que trabalham com games ou que vêm explorando novas fronteiras do que se entende como audiovisual ao produzir sobretudo conteúdo para canais pessoais de streaming. Isso posto, temos plena convicção de que as cinco entrevistas finais compõem um belíssimo mosaico de cinco retratos de profissionais LGBTQIAPN+ do audiovisual baiano, todos eles nos enchendo de orgulho de podermos eternizá-los na memória escrita do nosso audiovisual.

Nesse sentido, a diversidade desses perfis também merece ser mencionada. Das cinco pessoas entrevistadas, três se identificam como pretas ou pardas e duas como brancas, duas têm deficiências e uma é soropositiva. Nenhuma mostra conformidade total com a cisgeneridade, incluindo um homem trans, uma mulher cis lésbica que também reivindica para si a identidade de "mulher sapatão" e três pessoas não binárias. Ademais, quatro nasceram na Bahia, duas delas no interior do estado. Uma nos ajudou a trazer o olhar para o audiovisual baiano de alguém que vem de fora, enquanto outra nos ajuda a entender o olhar de quem nasceu no interior e vive e trabalha em Salvador. As experiências profissionais também são muito diversas, havendo quem trabalhe sobretudo com roteiro, direção, direção de arte, produção operacional e produção de elenco. Igualmente, o seu próprio grau de experiência varia, e temos desde a pessoa que

foi contemplada em primeiro lugar no Prêmio Trajetória Audiovisual da Lei Paulo Gustavo, que também financia este livro, até alguém que ainda começa a se encontrar em seu curso de graduação na área. É com essa diversidade de perfis – com o colorido dessas lentes – que deixamos o nosso leitor seguir seu percurso de leitura pelo resto deste livro. Esperamos que a leitura das entrevistas seja para o nosso público como a condução delas foi para nós: capaz de encher de orgulho uma pessoa LGBTQIAPN+ que se interessa pelo audiovisual baiano.

Referências bibliográficas

ANUÁRIO do Audiovisual Baiano 2019/2020. Salvador: Arco Audiovisual, 2021.

BARBIER, René. A pesquisa-ação. Brasília: Liber Livro, 2002.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2009.

BIANCHINI, Maíra. A Netflix no campo de produção de séries televisivas e a construção narrativa de Arrested Development. 2018. 219 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2018.

BIANCHINI, Maíra. Campo e estilo das séries ficcionais televisivas: notas metodológicas. Humanidades & Inovação, Palmas, v. 7, n. 21, p. 9-25, 2020.

BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELOITTE. LGBT+ Inclusion @ Work. Deloitte: London, 2023.

DIRETORIA DE AUDIOVISUAL DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA (DIMAS); BAHIA FILM COMMISSION. Catálogo de empresas do audiovisual da Bahia. Salvador: Funceb, 2021a.

DIRETORIA DE AUDIOVISUAL DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA (DIMAS); BAHIA FILM COMMISSION. Catálogo de profissionais do audiovisual da Bahia. Salvador: Funceb, 2021b.

HALL, S. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: EdUFMG, 2008.

LINKEDIN. Pesquisa Orgulho no Trabalho. [S. l.]: LinkedIn, 2022. Disponível em: https://members.linkedin.com/content/dam/me/members/pt-br/pdf/LinkedIn_Pesquisa_Orgulho_No_Trabalho.pdf. Acesso em: 10 mar. 2025.

LOPES, D. O homem que amava rapazes e outros ensaios. Rio de Jan
eiro: Aeroplano, 2002.

LOURO, Guacira Lopes (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. Revista Lusófona de Educação, Lisboa, v. 40, n. 1, p. 139–153, 2018.

PONTES, Carlos Frederico Bustamante. O cinema LGBTQ exibido no Brasil: discursos, temáticas e tendências. 2018. 353 f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2018.

ROCHA, Marcos Donizete Aparecido. A emergência do queer no cinema brasileiro em Madame Satã, de Karin Ainouz. 2019. 133 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2019.

ROCHA, Tiberio Caminha. Multidimensionalidade e novas políticas identitárias: a remontagem de corpos, gêneros e sexualidades na biocinematografia LGBTQ. 2018. 193 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

R Core Team. R: A Language and Environment for Statistical Computing. Vienna:R Foundation for Statistical Computing, 2024. Disponível em: https://www.R-project.org/. Acesso em: 10 mar. 2025.

SEBRAE. I Mapeamento de serviços de infraestrutura e apoio ao setor audiovisual. Sebrae: Salvador, 2020.

SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DA BAHIA. Infocultura, Salvador, v. 2, n. 5, Economia do audiovisual na Bahia e no Brasil: estudos e reflexões, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2007.

VIRGENS, André R. A. Audiovisual Made in Bahia: notas sobre o processo de financiamento, produção e circulação de obras seriadas financiadas pelo FSA. In: SOUZA, Maria Carmen Jacob de; ALVES, Lynn (org.). Narrativas seriadas: ficções televisivas, games e transmídia. Salvador: EDUFBa, 2021. p. 195–219.

2 SAPATÃO DE FAMÍLIA

"Sou sapatão mesmo, lésbica. De família. De tradição, sapatão de tradição".

LARISSA LACERDA é uma mulher sapatão, como ela própria faz questão de se autoafirmar. Ela também é uma artista multitalentosa que flerta com diversas linguagens e técnicas, por onde quer que a vida a leve. Larissa nos conta como foi crescer em uma família tradicionalmente sapatão no interior da Bahia e como essa experiência perpassa seu entendimento de si, de sua arte e de suas relações pessoais. Ela nos oferece um momento de reflexão que é ao mesmo tempo profundo e incrivelmente leve – graças à sua contagiante risada.

Para começar, conta pra gente quem é Larissa.

Larissa: Meu nome é Larissa Lacerda. Algumas pessoas me chamam de Lêlê também, que é o L baianês, né? Lê-Lê de Larissa Lacerda. Tenho 41 anos. Eu sou uma mulher cis e sou sapatão mesmo, lésbica. De família. De tradição, sapatão de tradição. Sou casada e tenho um enteado. Um quase filho.

Conta para a gente como foi o seu processo de autodescoberta e autoaceitação da sua sexualidade e de sua identidade de gênero.

Eu acho muito interessante esse encontro aqui, porque estou fazendo doutorado em artes cênicas, porém dentro do meu processo tenho feito um

documentário[1] como uma forma de cartografar memórias. E aí nesse processo tenho pensado bastante no caminho que tenho feito para voltar para mim, para minha questão da minha sexualidade, identidade de gênero e tal. Eu me instiguei a voltar a fazer o doutorado depois de um almoço. Foi um almoço em família, e minha mãe pela primeira vez tocou em um assunto, ela falou "ah, minha filha, eu me lembro de você na praça", porque eu morava no interior, sou do interior da Bahia, vim para Salvador com 18, e aí ela fala, "me lembro de passar, você ali adolescente, seus 13, 14, 15 anos, você estava lá sozinha, sentada na praça, ficava ali sozinha, e às vezes seus coleguinhas estavam se reunindo na casa de alguém e tal... acho que deve ter sido difícil ser minha filha no interior, mas também foi difícil ser eu".

Minha mãe é uma mulher lésbica, e esse tem sido o meu campo de estudo, de investigação, essa relação familiar, nas décadas de 1980, 1990 no interior da Bahia. É uma história familiar particular, a minha. Porque o particular é o que nos interessa mesmo, para contar essa diversidade toda. Minha mãe é uma mulher lésbica, e toda a minha vida é marcada pela presença de outras mulheres, de outras famílias, de outras relações, dentro de casa, com estratégias muito particulares daquele período, que são essas estratégias de sobrevivência e de existência que eu tenho descoberto bastante nesse movimento de furar essa rochinha que é minha mãe, que é uma sapatão arretada.

Eu acho que para mim [o processo de autodescoberta] foi muito tranquilo, tenho a sensação que na verdade vivi com uma ideia de que o fato de minha mãe ter vivido a sexualidade dela com liberdade me deu liberdade, a partir dela, de exercer minha forma, minha maneira de viver. Minha mãe criou a gente com muita liberdade. Liberdade com corpo, liberdade com os nossos desejos, com o que a gente queria fazer, essa coisa de jogar bola e [falarem] "ah, moleque macho", e ela manda todo mundo se foder, "se está falando isso, é idiota". Minha mãe sempre foi essa pessoa, então mesmo com as pressões sociais, antes da sexualidade chegar, quando a gente vai ali conformando nossas identidades de

[1] Nota dos autores: durante a entrevista, em outubro de 2024, Larissa estava realizando um documentário sobre sua experiência de ser filha e irmã de mulheres lésbicas e nos conta muito sobre o processo de desenvolvimento. O curta-metragem O QUE VOCÊ É sai por todos os lados estreou em 2025, antes da impressão deste livro.

gênero – e eu era bem menino, bem moleque macho, como as pessoas falavam –, mas eu tinha respaldo em casa.

A minha relação com o próprio corpo não era um grande problema para mim. É claro que quando o seio começa a nascer, aí a coisa fica mais forte ainda. Eu vivia sem camisa, e começo a ter que botar camisa. Cheguei no momento que também é parte da minha investigação, [a questão de] querer ser menino. Tem um escrito, assim, "eu queria ser homem, queria ser menino", tenho memórias disso. Tive uma memória de infância quando eu bebi ayahuasca aos 17 anos, por aí, uma memória de quando eu tinha 8, 7 anos, eu na frente do espelho querendo cortar meu cabelo porque eu queria ser menino. Essas imagens, essas fotografias que eu tenho, são de um menino também, e tem várias, tenho várias fotografias diversas de performance de gênero na infância. Tem de menina também porque eu gostava de dançar. Eu tinha muita possibilidade de viver uma fluidez na minha identidade. Então, segui entendendo isso, e aí tem uma reflexão minha: decidi virar mulher mesmo assim.

Quando entendi um determinado momento, menstruei, "estou aqui, vou viver esse negócio aí de ser mulher" e fui embora. Também uma existência de um tipo de mulher que talvez eu sentisse que tinha liberdade de viver. Não era uma mulher como outras mulheres, com a expectativa do que você acha que tem que ser mulher. Eu vivi com uma mulher [minha mãe] que já era fora da expectativa do que as pessoas achavam que devesse ser mulher. Minha mãe nos anos 1980 andava de moto, para cima e para baixo, tocava o foda-se, fazia o que ela queria. Era muito responsável com as filhas, mas sem esquecer nunca dos desejos dela. E tem sido um processo muito bonito [de realizar o documentário], porque eu tenho entrevistado minha mãe agora, e ela tem falado sobre coisas que ela nunca tinha falado, de uma forma como ela nunca tinha falado. E aí vem coisas. Eu tenho madrinha que é a primeira namorada da minha mãe. E eu fui descobrir depois, quando elas já não se relacionavam amorosamente, mas seguiram como parceiras da vida. A família da minha madrinha é minha família também. É mais minha família do que a família do meu pai, por exemplo. Ou até a própria família da minha mãe. Apesar do silêncio, apesar de ninguém saber, apesar de ninguém falar...

Tem uma parte dessa família que é bolsonarista, né? Então também tem

uma história LGBT ali por dentro. Enfim, o caldo é farto. É uma sucessão de experiências familiares com seus desafios também. O silêncio que é a parte da minha terapia atual, que é parte da minha cartografia, eu sempre vi como liberdade. Poxa, eu vivi, fiz o que quis com o meu corpo, com as minhas experiências sexuais, não me obriguei a ter uma sexualidade hétero, namorei, namorei meninos também, enjoava rápido, sexualmente até tinha tesão, mas achava chato. Daí não... né? Achava as meninas muito mais interessantes e fui viver. Faz tempo que não fico com homem. Acho que a última vez que fiquei com homem tem uns 11 anos, um único dia, foi o suficiente, foi ótimo, mas foi o suficiente.

Qual foi a cidade que do interior em que você nasceu e cresceu?

Eu nasci numa cidade chamada Ipiaú, mas eu só nasci lá porque Ubatã não tinha maternidade, que era a cidade onde minha mãe morava ainda com meu pai. Os dois eram casados, e ela vivia a vida dela. Ele também vivia a vida dele... devia viver a vida dele, né? Mas ela vivia a vida dela. Tem uma história que ela já contou uma vez, que minha madrinha chegou no hospital quando eu nasci, ela estava em outra cidade, em Salvador ou em Ibicaraí, em outro interior, aí ela chegou lá em Ipiaú antes de meu pai. Porque minha mãe foi sozinha dirigindo para o hospital, então, minha madrinha chegou no hospital com minha irmã, que é mais velha, antes de meu pai. É isso, né? Difícil.

Ubatã é uma cidade muito pequena, não sei como é que está hoje, faz tempo que não volto lá, não tenho família lá. A gente foi parar lá porque meu pai na época tinha ido trabalhar no banco e tinha essa coisa de ir para o interior. Minha mãe já se formou, era professora de educação física, clássico. E ela foi para lá e me teve lá. Minha irmã nasceu aqui em Salvador ainda, e eu nasci lá. A gente viveu muito por essa região, Ubatã, muito pequenininha, fiquei até 6 anos mais ou menos. Depois disso vem uma realidade um pouco mais nômade, que também tem sido parte da minha pesquisa, [querer saber] de onde vem esse nomadismo, porque a gente passa a viver muito mais só nós três [eu, minha mãe e minha irmã] e na relação com essas outras famílias, outras mulheres. E a gente se muda o tempo inteiro.

Quando eu tinha uns 6 anos mais ou menos, minha mãe sai de Ubatã para

Itabuna, junto com uma outra pessoa que foi minha madrasta segunda, tia Mirian, que vive em Ipiaú hoje e tinha dois filhos também, mais ou menos da minha idade. Então sai as duas [para morar no mesmo prédio], uma morava em cima e outra morava embaixo, e a gente viveu essa vida de baixo e cima bastante tempo. Nós [as quatro crianças] desenhávamos que íamos morar na nossa casa. Nada era dito de fato, ninguém dizia "elas são um casal, elas são casadas", mas a gente sabia que a gente era uma família ali. Não podia dizer. E a gente estudava em escolas diferentes, e tinha essa coisa das férias, [de contar na sala de aula] como é que foram as férias, mas a gente só falava metade, pois a outra metade não fazia muito sentido, ficava difícil de explicar.

É interessante como você se identifica como mulher cis e como mulher sapatão. Conta um pouco sobre o motivo de demarcar essa identidade sapatão.

Acho que foi um pouco do que eu falei sobre a dificuldade de me enquadrar numa ideia de mulher, numa expectativa a respeito dessa ideia de mulher, dessa heterossexualidade compulsória, que vem definindo o que é essa mulher. Eu acho que tem um lugar de poder mesmo, de marcar esse espaço. E para mim é importante marcar politicamente o lugar da mulher.

Você falou que é "sapatão de família, de tradição". Além de sua mãe, tem outras pessoas que foram importantes na sua jornada como uma pessoa LGBTQIAPN+?

Eu acho que minha mãe é essa figura realmente fundamental para minha jornada, porque de algum jeito, tudo que eu vivo e que vivi antes de me tornar uma pessoa em processo, foi mediado por ela de algum jeito. Pelo exemplo dela, mesmo pelas contradições dela... ela é cheia de contradições. Minha irmã mais velha também é uma mulher lésbica e ela teve mais dificuldades com minha mãe. Então tem um processo de culpa, "será que vocês são porque eu sou". Tem uma série de contradições e como essa relação entre a gente faz com que ela se libere de muitas coisas. Na primeira vez foi muito violento: eu virei para ela e falei "você é sapatão". Foi bem violento, e ela estava nessa coisa com a minha irmã mais forte. Tem muitas complexidades nisso, mas de algum jeito eu acho que ela é a pessoa mais importante.

Essas outras mulheres [com as quais minha mãe se relacionou] foram muito importantes para mim em outros sentidos. Acho que a presença dessas relações na minha vida [serviram] como referenciais. As pessoas não tinham esses referenciais. Eu tenho, mas o mundo não tinha esse referencial familiar, de possibilidades de histórias, de relações, outros arranjos familiares mesmo. Eu tenho uma tia, irmã de minha mãe, que é lésbica também. Tem uma prima lésbica também na mesma família da minha mãe. Tem uma galera, mas eu acho que essa mediação inicial de mundo [através] da minha mãe foi fundamental.

Tem muitas histórias marcantes para mim nos posicionamentos de minha mãe. Eu acho que tinha muito a ver com a luta dela por ela mesma. Até hoje fico assim, "como ela conseguiu", sabe? Eu tenho investigado, pensado também, sobre as histórias da família, das mulheres da família. As mulheres da minha família são muito fortes, têm uma origem indígena muito marcante, da família da minha mãe. Minha avó era quem cuidava da casa, dona da casa, do dinheiro da casa, apesar das violências imensas que elas viveram com 13 filhos em Salvador, pobres. Minha bisavó também era essa mulher que subia, trocava telhado, construía, então acho que tem algo aí de uma tradição não branca, não europeia, que se manifesta no desejo também.

São 13 filhos que tem na família da minha mãe, seis mulheres, hoje todas com mais de 60, 65 anos, e elas têm uma relação em geral com corpo e com a sexualidade com uma liberdade que eu vejo pouco nas mulheres da mesma geração. Todas casaram, porque era o jeito de sair de casa, mas todas tiveram uma vida bem fora de um esquema moral, que poderia podar os desejos e tudo mais. As héteros e as não héteros, e as homossexuais e LGBT em geral. Então tenho pensado muito como é que chegamos até aqui, como é que ela chega até aqui. Eu lembro de minha mãe no meio da estrada, eu cantando, pequena, devia ter 4 anos... meu pai estava no carro, incomodado, deu um tapa. Ela para o carro, ela que dirigia, e diz "sai, sai agora", no meio da estrada. Largou ele lá e foi embora. Essa é minha mãe, minha heroína, minha heroína e minha anti-heroína, tudo ao mesmo tempo, na mesma pessoa, né? Por isso que digo que é ela mesmo o negócio.

Além das pessoas próximas, havia alguém no audiovisual ou na mídia como

um todo que era referência para você entender sua sexualidade e identidade?

Música, né, gente, as sapatões todas na música vivendo suas experiências, com certeza. Bethânia, Gal, que todo mundo sabia, mas ninguém dizia nada. Simone, Ângela Ro Ro, acho que a música é um terreno fértil de sapatão, sabe? Eu comecei a tocar muito cedo, tem um lugar de encontro dentro da arte ainda, de como contar histórias, que vem por aí. Essas conversas também aconteciam dentro de casa, "porque Ro Ro estava no show no TCA e fez escândalo com Zizi, não sei o que", e acho que a música foi uma porta de entrada para mim muito importante de muitas coisas. Ópera do Malandro, eu muito novinha, Chico com aquelas histórias que eu também não entendia muito bem, mas de algum jeito vai construindo ali nosso imaginário de nosso campo de possibilidades, um pouco fora também de uma moralidade específica, de um enquadramento específico. Os próprios Doces Bárbaros... acho que [todos] têm um papel muito importante para mim, de formação.

Falando da sua experiência com o audiovisual, quais funções você exerce?

Acho que para falar disso preciso fazer um percurso meu no campo das artes em geral. Venho por um caminho para o audiovisual que talvez não seja o comum. Eu era cantora antes de tudo, desde novinha. Era cantora, mas fazia teatro também, gostava, já tinha interesse por imagem, era uma coisa que já me rondava bastante. Fiz [faculdade de] Letras primeiro, segui por um percurso fazendo letras, cantando, depois migrei para o teatro, e quando migro para o teatro, também começo a trabalhar como iluminadora. Então, minha conexão com o audiovisual chega mais por aí. Pela técnica, pela luz, pela fotografia, e aí quando começo a trabalhar como iluminadora, começo a dialogar muito com a galera do audiovisual, porque tinha uma demanda naquele momento. Depois, toda a minha relação com o audiovisual vai sendo construída mais em um campo experimental mesmo, que é em um campo na relação com o corpo, com a dança, com a performance. E meio que também como atriz, vou caminhando.

Eu tenho quase nada de experiência como atriz de fato no audiovisual, fora coisas que eu tenha feito entrevistando, eu mesma fazendo, bem nesse campo independente, e com o coletivo do qual eu faço parte, que é a Dimenti Produções Culturais, que tem essa característica de múltiplas linguagens, dessa relação

híbrida entre imagem, corpo, dança, teatro, literatura, livro-objeto, então acabo me encontrando com esse terreno muito fértil para mim que dialogava muito já com o percurso que vinha fazendo sozinha. Hoje eu acabo fazendo a fotografia, direção de fotografia, e estou fazendo meus projetos. Como [o coletivo] tem essa relação de um audiovisual independente, relacionado a desejos, desejos de narrativas, desejos de dizer coisas ou investigar coisas, estou também dirigindo coisas, dirijo e faço fotografia, é por onde eu passo.

Como o interesse pelo audiovisual surgiu na sua vida?

Havia eu comigo mesma e minha curiosidade e meu desejo de fazer alguma coisa, partir dessa narrativa visual. Eu cantava em barzinho, guardei dinheiro e consegui comprar uma câmera, aquelas câmeras HD, e fazia um monte de coisa com aquilo, mas nada que foi levado adiante. Tem uma coisa da minha saída [do interior do estado]... A gente quando é do interior e vem para a capital, é muito complicado de formarmos os vínculos. Eu trabalhava já no IBGE e fazia letras ao mesmo tempo, depois comecei a dar aula de português... Então tinha uma questão de sobrevivência que me afastava da experiência artística. [Quando] comprei essa câmera, fazia um monte de coisa que queria fazer, estudava...

Eu sou virginiana, sou um pouco obsessiva, assim, um pouco. Talvez minha companheira dissesse "você é obsessiva", mas eu digo "sou um pouco obsessiva", porque acho que assusta menos, né? [Se digo] "eu vou aprender a tocar", vou aprender a tocar. "Vou aprender a ser iluminadora", vou ser iluminadora. "Vou aprender a fotografar", vou aprender a fotografar. "Vou cantar", vou. Então tem um pouco de obsessão, e obsessão por técnicas também, então acho que voltar [para o audiovisual] foi um pouco isso. Voltei a fotografar, fazendo luz já, em 2011. Ficava ali estudando junto com quem estava trabalhando, fiquei naquilo até ir fazendo alguma coisa realmente mais profissional. Então, quando fui fazer TOCA! na Mão, falei [para o coletivo] "eu faço, eu faço a luz, eu faço a fotografia". A gente fez uma performance de Fábio Osório [Monteiro] também, foram 45 minutos de plano sequência, que loucura, 45 minutos de plano sequência, meu Deus do céu.

Como suas vivências como pessoa LGBTQIAPN+ e como profissional no

audiovisual permeiam o seu fazer artístico?

[Comecei a pensar sobre isso] quando fui fazer uma coisa muito autoral, minha, sem fazer para ninguém. Eu fiz um espetáculo, um solo, e tinha uma urgência ali naquele momento que era maior para mim, que era em relação com um amigo que tinha se suicidado. Esse amigo era gay, e parte desse processo tinha muito a ver com isso, tinha parte da depressão, com certeza tinha a ver com toda a dificuldade dele de se relacionar com a história dele e com a sexualidade dele no meio de tudo isso. Mas eu trato nesse espetáculo isso com muito cuidado. Trago muito mais para mim do que para uma pessoa que não está lá podendo falar sobre si mesma, mas tento falar por mim para falar dele, de algum jeito, no trabalho. Então, não tem como as coisas estarem desconectadas. Mesmo quando elas não parecem estar diretamente relacionadas, vai passar pelos interesses que a gente tem.

Curadoria a gente às vezes ainda morre nesse lugar da falta de pessoalidade nas coisas, mas a gente se relaciona com as coisas, a partir daquilo que nos interessa. Como o TOCA! Na Mão, onde a gente fez músicas e entrevistas com artistas daqui, artistas da Bahia; a grande maioria da curadoria é de mulheres, muitas são LGBT, e outros corpos que fogem um pouco. Então acho que de algum jeito passa por aí. Quando a gente vai fazer a curadoria do festival IC [Encontro de Artes, realizado pela Dimenti Produções Culturais], passa por aí também, passa por essa relação de outras narrativas que estão fora dessa lógica normativa. Isso nos interessa.

Este ano [2024], a gente fez o IC perguntando "Que monstra sou eu?", e a gente estava discutindo uma série de coisas. A gente estava discutindo corpos com deficiências, pessoas com deficiências, pessoas trans, também, tinha artistas como Jéssica Teixeira, maravilhosa, meu Deus do céu. O espetáculo Ancés também foi maravilhoso, de Tieta Macau, que é um homem trans que está se entendendo nesse lugar meio monstro. Então acho que de algum jeito fica difícil não passar por aí [pelos interesses e identidades]. [Quando algo] é muito hétero, muito falocentrado ainda, a gente que é sapatão fica assim, "poxa, que bacana, mas dá esse pulo, pelo amor de Deus". Essa questão do falo... é construção do patriarcado, é toda a partir disso, e fica difícil para a gente. Gente, já foi, já passou, não precisa [...] ficar ali remoendo essa coisa que não

tem para onde ir, não vai se resolver, acorda. O mundo está centrado nisso [no falo], isso não vai se resolver. Você se resolve com a sua estima. Como de algum jeito está aí, a gente está discutindo isso o tempo todo.

Quando é que o desejo de uma autoralidade no audiovisual começa a surgir para você?

Acho que dentro do audiovisual essa autoralidade está chegando agora, porque minha vida é marcada por sobrevivência também e tenho uma tendência de servir. Eu tenho a sensação de que quem faz técnica, faz porque... ou porque não tem um desejo de autoralidade, ou porque tem uma característica de servir a ideias. E foi um jeito de sobreviver mesmo. Foi um jeito de deixar de dar aula, bem honestamente falando, quando comecei a trabalhar com luz, eu entendi, "olha, isso aqui vai me sustentar". Então, a minha autoralidade vem nas brechas disso, ela chega, ideias chegam, eu tenho muitos desejos e muitas ideias para fazer ainda. Mas executar mesmo vem de um processo também... mais uma vez a gente também como mulher, "será que?"... Tanta gente [fazendo] que eu vou dizer "posso ajudar aqui, posso fazer cá, posso servir aqui, posso"... Passa por um lugar de luta, "espera aí que agora eu quero falar, espera aí, já ajudei aqui, já fiz aqui, já dei aqui, agora deixa eu fazer o meu".

Por exemplo, o documentário é um desejo meu profundo, para mim vai ser talvez a minha melhor maneira de elaborar esse assunto [da autoralidade], porque eu lido com diversas formas de elaborar, podia ser cantando, podia ser atuando... Acho que eu fui fazer um doutorado em artes cênicas e quis fazer um documentário como parte do doutorado, porque acho que isso precisa ser por essa via, sabe? Se for pensar nessa camada da autoralidade. Essa narrativa precisa ser contada por essas lentes, com essas presenças, com essas vozes, com o que vier aí desse processo de descoberta, de elaboração. Então acho que de fato a autoralidade está chegando agora, apesar de estar nas outras coisas, como o TOCA!.

Você já enfrentou situações de LGBTQIAPN+ fobia no trabalho com o audiovisual? Alguma dificuldade específica pelo fato de ser quem você é?

Preconceito, né? Preconceito tem, minha gente, tem mesmo. Fica difícil

saber o que chega primeiro, se é por ser mulher, se é por ser mulher que não performa aquilo que se espera. Eu tenho uma performance fluída também. Dessa sapatonice, tem as estratégias de conseguir as coisas que a gente quer com os homens. Você diz "ótima ideia essa que você teve", para a pessoa fazer aquilo que você precisa que ela faça, essa coisa toda chatona que tem. Especificamente em relação a isso é difícil, porque eu acho que me protejo vivendo nesse coletivo que comentei e em espaços que são espaços mais seguros em geral para a gente. Então, eu também tenho um percurso que me coloca muito mais nesses espaços. O coletivo é um lugar de realização também, onde começo a poder realizar mais alguns desejos.

Eu não lembro agora de nenhuma história específica de preconceito, mas tem as demandas energéticas, espirituais, que a gente vive cotidianamente, né? Tem um pensamento [de quando] você contrata uma empresa que vai ser a equipe que vai fazer a luz, por exemplo, você desenhou o negócio, aí você fica "meu Deus, vai ser só homem, como é que vai ser". Então eu acho que padeço mais dessa organização constante de como me mover nisso do que com circunstâncias específicas...

Eu me lembrei de uma circunstância, agora, de um negócio que eu quase saio, que foi uma gravação de um show. Tinha um cara que fazia o som, mas era o cara da banda, não era do contexto do audiovisual em si. Ele estava [colocando som alto] fora do cronograma dele, [e eu precisando me comunicar com a equipe]. Eu peguei o microfone e fiz "olá, com licença, você pode nos dar 15 minutinhos para a gente encerrar aqui?", e ele me deu uma resposta, era uma pessoa que eu nunca tinha visto: "É o que que você quer?", com quase um "sapatão" na boca. Porque mulher não pode se manifestar assim, então quando se manifesta é sapatão? Massa, então melhor ser sapatão mesmo, que a gente pode. Foi estranho para mim, porque dessa maneira no nosso contexto, no contexto que eu vivo, que acaba sendo uma espécie de bolha, é difícil disso acontecer. Meio que [parecido quando] estou no ônibus, o cara está olhando a camisa e você levanta, e ele "qual é a sua, sapatão", né? Sapatão nesse lugar. Foi um pouco assim, eu senti. Talvez tenha sido a única vez que eu me lembre de algo direto.

Eu acho que padeço muito mais do "vou me organizar, vou ter que lidar com

isso, como é que eu chego lá". Toda essa mecânica. Mas eu tenho um lado... acho que aí vem o lado bom de ser sapatão, é onde eu me reconheço sapatão, de mandar se foder mesmo. "Qual é a sua? Qual é a sua, você está maluco?". E na hora eu reagi mesmo. Na hora não, eu tomei um susto, bateu erradasso. Aí a galera se mobilizou, meio que fingindo [que não foi uma agressão], "nem chegou a ser", mas chegou. E eu "qual é a sua?", comecei a gritar com ele, "qual é a sua, você está maluco, porra?". Quase [abandonei o trabalho], cheguei a pensar mesmo, era uma produção com quem eu trabalhava bastante, e isso me fez ficar, né? Também pensei assim, "por causa desse idiota eu vou sair daqui?", não, ele não vai acabar com o meu dia. A gente vai levando um pouco a vida assim, mas por causa desse imbecil eu não vou acabar meu dia, não vou destruir o trabalho das pessoas que estão aqui fazendo as coisas. Ele não vai fazer isso comigo, mas ele já fez, aí você leva para casa, você passa mal, da próxima vez você já pensa, dá aquela prévia, "quem eu vou encontrar, quem vai estar". Então acho que é um pouco esse lugar mesmo.

Você mencionou que busca priorizar ambientes seguros. É difícil concretizar essa ideia de espaços seguros no trabalho com o audiovisual?

Eu acho que a minha coletividade faz com que esse espaço se torne mais seguro, mas ele nunca é seguro. Não é seguro. Morar na minha casa, por exemplo, minha casa é um lugar que me sinto segura, mas não é seguro assim. Tem vizinhança aqui bolsonarista, LGBTfóbica. [Amigos] que chegam aqui, ouvem "seu viado" [dos vizinhos]. Nada, não é seguro.

Nessa perspectiva, como você faz para garantir o máximo de segurança possível, digamos assim, para que você se sinta segura em um trabalho?

Escolher, ter escolha. Escolher com quem você vai trabalhar. Nem sempre vai ser possível, mas escolher o máximo possível. Falando agora como coletivo um pouco, todos os nossos procedimentos passam um pouco por escolha e por formação também. Então, todo o trabalho que eu vou fazer, se estou dirigindo, vou chamar todo mundo e vou ser meio professora também, [para explicar] como é que funciona, sobre o que estamos fazendo, sobre o que é importante, como as pessoas se sentem nesse lugar. Então acho que ter escolhas é o

mínimo e o máximo possível, e fazer do trabalho um processo de formação também, para que seja um pouco mais seguro. O contrato é esse, a gente cria pactos, né? Esse é o pacto, vamos seguir esse pacto, todo mundo, todo mundo na mesma página. Se alguém sair, sabe que está saindo do pacto. Não vai estar legal nem para mim, nem para você.

Sua experiência com o coletivo é bem marcante na sua vida. Como é que ele surge para você e o que ele significa na sua trajetória?

Isso é massa pensar, porque eu tenho uma história muito de solidão mesmo, né? De "eu", individual, dando conta de tudo, sou eu, bora. Então, chegar no coletivo Dimenti tem sido um aprendizado. Vai fazer sete anos que eu estou vivendo essa experiência coletiva. E quando eu chego, chego muito também "vou dar", porque preciso dar, "bora gente, vocês estão precisando disso, vou fazer isso, estão precisando daquilo, vou fazer aquilo". E é muito bom, porque estou fazendo parte de um coletivo que conversa comigo, assim, diretamente, né? Fazer parte desse coletivo para mim foi um encontro muito especial, porque é encontrar pessoas que estão a fim de elaborar as questões que você também elabora, por outras perspectivas, de outra maneira, porque acho que são todas particulares mesmo, mas são pessoas incansáveis e que coletivamente a gente está o tempo todo discutindo.

A gente discute tudo muito o tempo todo, tudo com muito comprometimento, todo mundo muito CDF. Então tem um exercício, um movimento ali. O coletivo é um espaço possível para que as coisas não parem individualmente. Acho que é um lugar de exercício constante, a gente vive em tensionamentos e distensionamentos. Os distensionamentos são "eu te suporto e estamos aqui", e os tensionamentos são "não está bastando, a gente veio até aqui, como é que a gente segue adiante".

A Dimenti existe há 26 anos, e desses 26, eu só estou em 6, 7. Fui chamada para fazer uma coordenação técnica de um festival, e inclusive nunca tinha feito uma nesses moldes. Estava na época fazendo mestrado em artes cênicas, estava com aquele trabalho solo acontecendo. Fui ganhar dinheiro. Quando cheguei lá, eu mudei, mudou minha vida, porque a pessoa que me contratou virou minha esposa. Então, a gente tem um coletivo altamente familiar, que é

a melhor produtora da Bahia. É uma pessoa que eu não conhecia, muito doido, né? Ela era uma sapatão recente, então também não era tão simples assim. O que era mais forte nesse coletivo, que aparecia com mais força, eram os homens. Tinha muita coisa LGBTQIAPN+, mas a presença fálica era muito mais forte na produção, nas narrativas, algo que tem mudado um pouquinho depois que eu chego com o meu repertório. E aí é isso, a gente casa, e estamos aqui para sempre. Foi assim que eu cheguei nesse coletivo. Foi porque eu casei com a dona [risadas].

Você mencionou o casamento e o enteado. Como é essa experiência familiar?

A gente brinca que eu cheguei com a motinha... Eu andava de moto, claro. Minha mãe andava de moto, eu ando de moto. Cheguei com a motinha, encontrei um ferryboat, entrei com a motinha no ferryboat. Empresa, gata, tudo veio no pacote da Kombi, né? Entrei, peguei a Kombi e saí dirigindo essa Kombi junto. No início foram muitos desafios. Continua sendo, mas em outro lugar, claro. Eu gosto de meio, eu sempre disse assim, "não gosto de início, eu gosto de meio". Mas no início foi muito desafio, muita paixão e muito desafio, porque tinha criança, pai, o pai é presente, ficou mais presente depois que muitas coisas [aconteceram], mas tinha muitos desafios.

Quando eu cheguei, [meu enteado] João tinha 5 anos, então ele diz "agora já é DL" [Depois de Larissa], porque já tem mais tempo com minha presença do que sem a minha presença na vida dele. Hoje é lindo, eu sou apaixonada por ele. Tinha vontade de ter filho e meio que não tenho mais. Passou um pouco o desejo de criar, porque eu já crio [João], de algum jeito. Não é meu filho, porque não fizemos [burocracias]. Legalmente eu sou madrasta, e esse lugar de ser madrasta é um lugar muito ingrato, porque a sua relação teoricamente é intermediada pela presença de outra pessoa. E diferente de padrasto, a madrasta geralmente é sempre má, de saída, então tem todo o imaginário em torno disso. Mas isso ainda bate, né? Essa coisa bate e volta. A gente se dá muito bem, João parece muito comigo, o que é muito louco, porque ele tem umas obsessões também. Tem muita coisa que você vai vendo da criança que é sua, é muito doido isso. A convivência é um negócio muito estranho, muito criador, muito forte.

Estar nessa experiência de parentalidade repercutiu de alguma forma no seu desejo de retornar à sua mãe e à história dela? A história de ter mães lésbicas, que se repete com seu enteado.

Totalmente, completamente, porque foi aí que eu vi que tive questões sérias, tive muitas questões, e elas não somem, estão aí, eu tive processos violentos. Por exemplo, tia Mirian, que se mudou para Itabuna com minha mãe... quando elas se separaram, eu não podia falar, não fazia muito sentido, eu ia para o interior, para onde ela voltou a morar, mas era muito estranho, porque o que eu era dela? Era uma coisa muito... as pessoas me recebiam, eu ficava na casa da mãe dela, dos avós ali, todo mundo, mas era uma relação que não tinha nome, era tudo muito estranho. E eu ia sozinha, com 12, 13 anos, João está chegando nessa idade. E chegou uma hora que não foi viável mais. Conversamos pouco sobre [o assunto] com as duas outras pessoas participantes disso, que eram os meus irmãos [filhos de tia Mirian]. A gente se considerava família, irmãos, mas ninguém falava direito.

Então, quando eu chego para viver essa relação com Ellen e com o João, eu pirei mesmo. Eu fiquei "meu Deus, espera aí"... tive muitos momentos de "vai dar errado isso aqui", sabe? Ao mesmo tempo, momentos em que me vi cuidando mais de João do que o pai. Falei "de jeito nenhum, o pai vai ser pai, ele vai ser pai, não vai ser assim não", porque como mulher para mim era importante que ele exercesse o papel dele de cuidador, que ele não ficasse sendo pai de Instagram. Foi uma mudança muito grande na estrutura total, minha, de Ellen, de João, do pai, sabe?

Sua mãe tem relação com João?

Tem, João chama minha mãe de avó, vovó Ana, que pega ele de moto sem capacete, é um esculhambaço. É uma aventura, ela é uma aventura. Ela anda de moto, 66 anos, com a motinha dela, e João fica todo orgulhoso também e conta para os colegas, então tem uma relação que transcende. Tem minha irmã também, que é tia dele. Então a gente tem uma relação familiar do lado de cá. A mãe de Ellen é uma mulher de 81 anos com uma cabeça incrível, ela é maravilhosa, uma loucura, é uma mulher também muito forte, muito intensa.

Todo mundo se relaciona, a gente já passou Natal todo mundo junto. Do lado de cá, não do pai. Família do pai é outra história, tem outros dilemas, né? Mas do lado de cá tem uma interação grande.

Larissa, para finalizar a nossa conversa, se você pudesse enviar uma mensagem para a criança que você foi, o que você diria para ela?

Ah, essa pergunta é sempre difícil. Hoje, está bem anuviada essa minha fala para essa criança. Até pouco tempo eu dizia assim, "vai dar certo". Hoje você me fez a pergunta, e eu ainda fico confusa [sobre] o que diria. Acho que teria que ser uma coisa um pouco mais elaborada para ela, porque ela... eu tenho olhado agora para ela, para os silêncios dela, que eu não olhava. Então, eu sabia que era difícil para ela, muitas coisas, mas eu nem sabia o quão era difícil e o quão isso tinha impactado na minha vida. Essa vida sozinha, essa vida de "eu dou conta de tudo". Então, hoje, talvez eu continue dizendo, no final [das contas], "vai dar certo". Porque eu acho que é importante dizer que vai dar certo.

Desculpa se eu estiver fazendo uma suposição muito grande, mas você acha que seu documentário é de certa forma uma mensagem para você criança?

Talvez seja sim. Acho que você fez uma boa suposição, talvez seja essa a forma de dizer alguma coisa para ela. Está sendo um processo muito forte. Com minha irmã também, ela não consegue dizer nada, só chora. Ela aparece [no documentário] do jeito que dá, né? Porque acho que para ela é muito difícil. Ela tomou um rumo bem das contradições mesmo. É maravilhosa, minha irmã foi minha grande companheira de vida, mas ela é do silêncio, então todos os encontros possíveis que a gente conseguiu fazer para filmar, ela só chora, começa, ela chora com essas coisas que estão sendo trazidas. Minha mãe está revisitando as coisas também. E está fazendo uma revisão da vida dela também muito interessante, que eu nunca tinha visto. Eu acho que é uma mensagem para essas crianças. Talvez não tenha só eu, talvez tenha outras aí também.

E o que você diria para jovens LGBTQIAPN+ na Bahia que estão pensando em trabalhar com o audiovisual?

Procure os seus. Assim, não precisa ser igual não, não precisa pensar igual,

pode ter dissenso, mas procure quem está querendo pensar um mundo de outra forma, porque esse mundo é um fracasso, né? A gente vive em um fracasso total de existência. Então, seja e seja com os seus, porque vai ser melhor. Seja porque é importante ser e procure com quem você pode ser, porque só assim para poder a gente dizer o que a gente quer dizer. Porque senão não adianta, né? Ficar repetindo as mesmas narrativas e a gente não conhecer outras. A gente precisa conhecer outras. A gente não sabe nem contar, né? É sempre [a narrativa de] um problema. [E não adianta] querer resolver demais, porque a gente tem contradição, gente, vai ter que lidar com isso. Mas a gente nem sabe contar. A gente ainda conta muito a partir de perspectivas que ainda não são as nossas, a gente ainda vive a partir de perspectivas que não são as nossas. Então acho que é muito [uma questão de] tentar encontrar qual é o nosso jeito de contar as coisas.

3 CRIANÇA VIADA COM DENDÊ

> "Trabalhar com audiovisual na Bahia é muito bom. A gente tem o dendê, né? A gente consegue colocar mais ritmo nas coisas, mais energia, axé. Não é querendo colocar os baianos como os melhores, mas sinto que a gente consegue colocar a energia, o tempero que falta em algumas produções".

DIEGO SAOLI é uma pessoa gay, não binária, preta e PCD. Formou-se em publicidade e propaganda e hoje atua como roteirista. Saído de Cajazeiras, em Salvador, Diego fala abertamente sobre como foi ser criado por sua avó e em meio a outras crianças viadas. De suas experiências profissionais, ele nos faz pensar sobre o sentimento de pertencimento no ambiente do audiovisual e nos narra o caminho que trilhou até conseguir se considerar um roteirista de fato.

Gostaríamos de começar resgatando um pouco da sua história, do processo de descoberta e de autoaceitação da sua sexualidade e da sua identidade de gênero, tanto como gay quanto como pessoa não binária.

Diego: Como gay, comecei a perceber que gostava de meninos quando era muito jovem, 12, 13 anos, e eu morava em Cajazeiras, que é um dos maiores bairros da América Latina, daqui de Salvador. Atualmente moro no Rio Vermelho, mas lá [em Cajazeiras] tive esse convívio com muitas crianças viadas

também. A gente cresceu todo mundo junto, e todo mundo foi se descobrindo junto. E aos 12, 13 anos eu já sentia atração por meninos, não sabia o que era, mas eu sentia algo diferente, e já gostava de usar roupas de mulher, roupas de minha mãe, sutiã, pano na cabeça. Escutava muito Calypso, ficava dançando Molecada. E Xuxa, todos esses artistas assim me influenciaram muito, Lady Gaga, Beyoncé. Então, fui me descobrindo.

Essas divas pops foram mudando minha personalidade, eu costumo dizer. E me assumi com 15 anos para a minha família, principalmente para a minha avó, que era com quem eu morava. Me assumi com 15 anos, e ela me aceitou de boa, apesar de que as outras pessoas da família não me aceitaram tanto assim, mas como eu morava com a minha avó, como a gente tinha mais convivência, então eu meio que não me importava com as outras pessoas, com a opinião delas. Como não binário, comecei a perceber isso por agora. Comecei a estudar sobre esses gêneros diferentes, porque antigamente a gente não falava muito disso. E ainda continuo aprendendo e me aprofundando, mas comecei a perceber que eu era não binário por não me identificar só com o gênero masculino, só com as características do masculino. Me identifico também com as características do feminino e às vezes com nenhum dos dois.

Conta um pouco mais desse processo de viver em meio a crianças viadas. Como é essa infância em meio a um monte de criança viada?

Então, lá, além de ser um dos maiores bairros da América Latina, também é uma periferia. Então, a gente tinha muita influência de coisas negativas também, porque o tráfico imperava muito nessa época, mas também tínhamos coisas positivas, que eram as nossas mães. Costumo dizer que as nossas mães foram referências para a gente. Éramos três, eu e mais dois. Uma se assumiu trans atualmente, e o outro se assumiu gay, e eu sou gay não binário. A gente tinha essas três personalidades que estavam se desenvolvendo, e a gente fazia praticamente tudo junto. Escutava vários tipos de música. Eu trazia mais as músicas pop para os meus amigos, enquanto eles traziam funk, ou outros tipos de músicas mais brasileiras, que eu não escutava muito. Mas com eles escutava, e a gente foi crescendo nisso.

Tinha muita festa também, então, quando a gente se preparava para sair,

todo mundo ia se maquiar na frente do espelho, escolhia shortinhos. Hoje em dia me visto mais como menino, né? Bofezinho, mas antigamente era blusinha, cropped, shortinho. Rolava muito conflito, porque três gays juntos é muito complicado, cada um com uma cabeça diferente. E a gente brigava muito também e se desentendia. Era muito divertido e, ao mesmo tempo, muito estranho, porque eu não sabia o que estava acontecendo e sofria preconceito da sociedade, das pessoas, mas na minha cabeça estava sendo eu mesmo, não estava fingindo ser outra coisa. Eu só estava crescendo. Só estava sendo eu mesmo e me conhecendo e conhecendo meus amigos.

E com a sua avó, como era esse convívio?

Rapaz, com a minha avó era muito bom, muito engraçado. Eu costumava fazer muita brincadeira para ela, dançava. Ela faleceu em 2018, e a nossa relação era muito próxima, muito íntima, e ela chegou em um ponto em que ela teve derrame, ficou doente, e aí não pôde mais... ela perdeu os movimentos, né? Ficava só sentada. E eu continuava colocando música na televisão, Lady Gaga, Beyoncé, e ficava dançando para ela, e ela simplesmente ficava dando risada de tudo que eu fazia. A nossa relação era muito próxima. Tanto que quando contei para ela que era gay, ela meio que falou "ah, já sei, não precisa dizer não". Ela aceitou de boa. E quando a gente se desentendia, ela não jogava na minha cara que eu era gay, sabe? Ela simplesmente me corrigia pelo fato de eu estar fazendo alguma coisa errada, mas não jogava isso na minha cara como normalmente acontece. Então, eu sentia que ela me aceitava, e foi muito bom para mim isso, porque era um apoio, né? Um apoio que eu tinha naquela época, porque se não tivesse minha avó, e se a gente não tivesse essa relação tão próxima, teria sido mais difícil.

Você perdeu seus pais, ou aconteceu algo que o levou a morar com a sua avó?

Não, não perdi meus pais, meus pais são vivos. Mas meu pai mora em um bairro diferente do meu e ele nunca foi presente. É um pai ausente. Já minha mãe me criou até uns 12, 13 anos, e depois foi morar na Espanha, ela casou e foi morar na Espanha, e até hoje a gente não se... tem muito tempo que a gente não se vê. Ela está lá, então minha adolescência toda, toda a rebeldia, a

viadagem, ela não acompanhou isso. Só de longe. Era mais com a minha avó.

No questionário antes da entrevista, além de pessoa gay não binária, você também mencionou ser PCD, preto e periférico. Como essas experiências, todas essas interseccionalidades, se mesclam na sua vivência pessoal, mas também profissional com o audiovisual?

Sim, eu sou um homem preto, PCD, já nasci assim, com a deficiência, o nome da minha deficiência é pé torto congênito, é uma deficiência muito rara, e convivo com ela desde pequeno. Mas para mim nunca foi algo que realmente importasse, porque sempre vi como uma característica. Sempre quando tinha algum conflito em relação a isso, vinha de outras pessoas, sabe? Quando alguém tentava praticar bullying ou tentava brincar com isso. Sempre veio dos outros para mim, ou seja, o capacitismo.

Atualmente no trabalho não sofro com esse tipo de preconceito. Não diretamente, na verdade, porque sinto às vezes algumas nuancezinhas, de subestimar mesmo. "Será que é capaz de fazer isso? Será que não é?". E não tem nada a ver, porque não é uma deficiência intelectual, e mesmo se fosse, não teria problema. É uma deficiência física, mas ainda sinto isso em algumas pessoas específicas, quando a pessoa não me conhece, ou quando a pessoa não gosta de mim, por exemplo. E sendo homem preto, aí eu sinto mais, como sendo homem preto e como sendo homem LGBTQIAPN+, porque é mais escancarado, eu não sou um gay que é quietinho, heteronormativo. Até a forma como eu falo, gosto de balançar minha mão... e aí tudo isso incomoda algumas pessoas. Lá [no meu trabalho atual] tem uma pessoa que é abertamente homofóbica e racista, e ela às vezes solta algumas frases, faz algumas falas problemáticas. Descobri que ela me chamou de espalhafatoso. Para mim isso não é uma ofensa, sabe? Mas descobri recentemente que ela tinha me chamado de espalhafatoso. Então, os preconceitos e as discriminações vêm nesses pontos, vêm meio invisibilizado, porque nunca é diretamente para mim. Nunca chegou diretamente para mim.

Conta um pouco como essas identidades e interseccionalidades perpassam para o seu ofício como roteirista.

Eu sempre tento atribuir essas coisas na construção dos personagens que

eu crio, das histórias que quero contar. Então, sempre que estou em alguma sala de roteiro, em algum projeto, tento analisar se aquela história tem pessoas representativas, diversas, se tem personagens diversos, e se aquela história me atravessa de alguma maneira, e se sim tento contribuir mais um pouco, e se não tem eu tento atribuir isso. Sempre colocando esses corpos dissidentes nas histórias e de um lugar humano mesmo, com base na minha vivência, de um homem preto, de um homem periférico, de um homem gay, então sempre tento transpor isso para os personagens e para as histórias que quero contar. Vem desse lugar.

De que forma o interesse pelo trabalho com o audiovisual surgiu na sua vida?

Eu sempre gostei de audiovisual, sempre gostei de cinema, de assistir filme. E sempre escrevi também, por sempre ficar dentro de casa. Minha família me privava muito de sair para a rua, por ser uma pessoa com deficiência. Ganhei um computador muito cedo e comecei a escrever histórias aleatórias que eu ficava imaginando. E isso foi se perpetuando durante todos os anos, e na escola fiquei em dúvida no que eu ia fazer. Se ia fazer jornalismo, se ia fazer cinema, se ia fazer publicidade... Fiz publicidade porque percebi que era um curso mais amplo e que eu poderia ter acesso a outras coisas, porque cinema no Brasil é difícil, já tinha noção disso, então ficava pensando: "meu Deus, e se eu fizer cinema e não ter trabalho? Eu preciso de algo que me dê essa garantia". E publicidade me dava essa garantia, mas no curso foquei no audiovisual, na questão das escritas, de redação criativa, de roteiro, de produção. Sempre fui focado nessa questão do audiovisual.

Na faculdade consegui participar do núcleo de audiovisual, então comecei a ter mais contato na faculdade mesmo. Em casa eu fazia alguns vídeos com meus amigos, gravava no celular, sabe? Pedia para eles correrem e ia atrás com a câmera, coisas bem aleatórias assim. A gente gravava muito filme de terror. "Filme de terror" entre aspas, né? Porque não era nem um filme aquilo ali, era só a gente se divertindo. Começou assim, eu sinto que partiu disso, dessa convivência com meus amigos lá, em Cajazeiras, e depois na faculdade foquei no audiovisual. No quinto semestre consegui um estágio como roteirista. E aí a partir disso não consegui parar mais. Hoje em dia, já sou roteirista de fato

e produzo tanto coisas dos outros quanto as minhas coisas também.

Como eram as histórias que você escrevia quando era mais novo?

Meu Deus. Eram histórias sobre traição, intriga, vinha de novela, né? Das novelas que eu assistia, das novelas do SBT, então tinha muita intriga, muita briga, muita traição.

Essa veia melodramática te segue até hoje? Esse gosto pelo melodrama?

Sim. Meu sonho é ser escritor de novela, então estou galgando esse caminho para poder chegar lá. Eu amo novela, é o que me fez também ir atrás do audiovisual, mais do que filmes. Eu assistia à novela com a minha avó, com minhas tias. Na minha família, a maioria é de mulheres, então eu fui criado por mulheres. Tem apenas um homem, só que ele saiu de casa com 18 anos, e aí minha convivência toda foi com mulheres, então essa sensibilidade, essa feminilidade, sempre me acompanhou. Eu assistia à novela com a minha avó, e começou a partir disso. Na maioria dos projetos que me interesso tem que ter algo mais dramático, algo mais triste, melancólico, alguém sofrendo muito por algum problema, eu gosto muito disso. Até mesmo na forma como me expresso, sou muito enfático nas coisas.

Você acredita que suas escolhas profissionais, seu caminho para publicidade e depois para o roteiro, para o audiovisual, foram de alguma maneira influenciados pelo fato de você ser uma pessoa LGBTQIAPN+?

Provavelmente. Acredito que sim, porque é um ambiente onde a gente sabe que existe a diversidade, é um lugar divertido onde eu posso ser criativo, onde posso usar as minhas habilidades para poder construir algo. Sempre gostei de criar projetos, ter ideias e imaginar situações. E com a publicidade eu posso fazer isso. Na verdade, não gosto nem muito de publicidade de fato, porque é muito mercadológico, é muito [direcionado à] venda, e isso me incomoda um pouco. Gosto mais da parte do cinema mesmo, das histórias, como isso impacta as pessoas. Então acredito que sim, eu acho que ser um homem preto, ser um homem PCD, ser um homem gay, não binário, influencia muito nessa questão. Porque também eu não me via [representado], não via referências

nesses lugares, de pessoas como eu, com tantos recortes assim. Na verdade, eu nem imaginava que poderia me tornar isso, me tornar publicitário, me tornar essa pessoa que conta histórias, porque é um lugar muito da elite e de pessoas brancas e heteronormativas. Ainda fico confuso em alguns momentos, penso "meu Deus, será que isso está acontecendo mesmo? Será que estou fazendo isso? Será que realmente sou um bom contador de histórias?". Eu ainda me pego nesses lugares, sabe? De autossabotagem e de duvidar mesmo.

Quando você percebeu que podia estar nesses lugares?

Quando entrei [na faculdade de publicidade], tive um baque. "Meu Deus, será que é isso que eu quero mesmo? Será que vai ter espaço para mim? Será que eu vou conseguir lidar com todos os conflitos?". Consegui perceber quando eu escolhi uma área: a redação. Percebi que era bom na escrita, que gostava de escrever, que tinha interesse por isso. E aí comecei a me aprofundar e a estudar e a ver o resultado disso nos trabalhos que eu fazia. E isso me ajudou a ganhar confiança para poder continuar.

E quando o roteiro para audiovisual passou a ser visto como uma possibilidade real?

Eu costumava escrever contos, mais literatura. E não sabia muita coisa sobre roteiro, formatação, como é que fazia. Então comecei a estudar mais de forma autodidata. E por gostar de redação, por já me envolver com isso, eu comecei a perceber que queria escrever roteiro, que queria contar a história, narrar a história do meu jeito. Quando entro no estágio de roteiro e começo a pegar coisas mais burocráticas, tipo fazer ata de reunião, organização da sala, agendamento de reunião dos outros... não era roteiro de fato, e isso me frustrava um pouco, porque eu pensava: "Meu Deus, estou estudando há tanto tempo e não consegui mexer em um roteiro ainda". Mas são etapas, eu percebi isso depois também. Por ter passado por essas etapas de estágio e de assistência, consegui ganhar confiança, fazendo, praticando, estudando muito. Saía do trabalho, vinha para casa, lia muito roteiro disponível na internet, assistia a filmes e ia escrever. Então, o meu processo de aceitação e de pertencimento nesses lugares partiu muito do processo da prática, de ir construindo e me

fortalecendo nesse sentido.

Como você se sente em relação à sua trajetória? Tem orgulho do que vem construindo?

Atualmente já participei de vários projetos que me orgulho muito, que na época eu ficava meio que batendo a cabeça, falava "ah, eu não gosto tanto desse tema, não gosto tanto dessa história", mas meio que era obrigado a escrever, a pesquisar sobre isso, por ser do trabalho. Mas é porque a gente sempre tem algo que a gente gosta mais, que a gente se interessa mais. E aí esses temas eram mais fora dos temas que eu costumava pesquisar.

Atualmente, depois de ver o trabalho pronto, depois de ver como tudo foi construído, mesmo me dando muita dor de cabeça, eu olho para o resultado disso e percebo que foi importante ter começado do começo e ter pesquisado sobre temas que eu não tinha tanto interesse assim, porque aprendi coisas novas. E eu falo que sinto muito orgulho por isso mesmo, por ter construído isso, por no começo não ter noção disso, mas depois ter percebido que esse trabalho foi importante para mim. Já participei de uma sala de um longa-metragem, quando eu estava ainda no começo, como estagiário. Eu li o argumento da história junto com mais uma pessoa que tinha na sala, e aí a gente desenvolveu uma história [...], uma personagem que é da periferia, que é uma mulher preta, que é uma mulher LGBT. Quando fui lendo esse argumento, fui lembrando da minha vivência em Cajazeiras, das mulheres fortes que eu conhecia, mulheres trabalhadoras. Fui inserindo isso. E isso me deu uma sensação de empoderamento, sabe? De usar a minha vivência, de usar a minha história como base para poder fortalecer, para construir essa personagem e contar essa história.

Hoje eu percebo que sinto muito orgulho dessa história e desses momentos por essa construção mesmo, ainda mais quando eu consigo voltar na minha origem, no meu bairro, nas pessoas que já conheci, principalmente pessoas da periferia, que são com as quais eu me identifico mais, e sinto muito orgulho disso.

E quando você se entendeu como roteirista de fato?

Quando terminei o roteiro do meu primeiro curta-metragem e falei "agora

sim eu sou roteirista de fato", porque foi muito difícil fazer. O nome do roteiro é Kayin, que é um nome nigeriano, que significa "criança abençoada". É uma história de auto ficção, que passa pela minha vida também. Foi muito difícil de fazer, de escrever. [Inscrevi esse roteiro] no Nordeste Lab e consegui ser um dos quatro finalistas. Não consegui ganhar o prêmio, mas cheguei na final. E aí percebi que sabia contar uma história e que aquela história que eu estava contando especificamente era importante. Toda vez que finalizo um projeto, que vejo esse projeto na rua, sendo exibido, essa mesma sensação volta, de "você é um roteirista, você que fez isso". Eu sinto muito orgulho quando o resultado sai. Porque quando estou escrevendo, ainda [fico em dúvida]. É quando eu finalizo de fato que percebo, "isso aqui é um roteirista que fez".

Você atua com vínculo formal e realiza projetos independentes. Como são essas duas formas de trabalho no audiovisual?

Eu trabalho na Tem Dendê Produções, com Vânia [Lima], com Keity [Souza]. O trabalho formal é bastante... estou tentando achar uma palavra aqui, porque... é muita pressão. É muita coisa, é a indústria de fato, tem muitos projetos, então, tenho que ficar muito focado naquilo. Às vezes me sinto um pouco frustrado com esses projetos formais, porque não vem muito de mim, já vem com briefing, e aí tenho que fazer. Às vezes eu não posso colocar algo que quero muito, porque tem outras questões. E comecei ano passado [2023] a fazer trabalhos mais independentes, fora o formal, porque antes eu ainda tinha muito na minha cabeça assim, "meu Deus, acho que não posso fazer trabalhos fora do CLT". Não sei por que, não me pergunte o porquê.

E aí comecei a fazer trabalhos com uns amigos meus, fizemos dois curtas esse ano, em Anguera [cidade do interior da Bahia], e foi muito bom, porque era uma coisa mais divertida, entre amigos. Então eu conseguia ser totalmente eu. Conseguia dar as minhas ideias. E no trabalho formal ainda me sinto um pouco travado, um pouco bloqueado. É porque trabalho formal exige uma formalidade, né? Acho que é essa palavra. Sinto ainda que não consigo ser totalmente eu, mas quando estou com os meus amigos me sinto mais confortável de fazer, ou quando são os meus projetos. Gosto muito de histórias de terror, e na empresa que eu trabalho não tem muita história de terror. Colei uma foto aqui que

eu estou usando como processo criativo para poder fazer a próxima história de terror que quero contar. É uma casa no meio de uma floresta, aí eu estou olhando para essa foto há semanas já e tentando tirar alguma coisa. Quando é um projeto mais independente meu, eu consigo ser mais tranquilo, ser mais de boa, consigo ser mais criativo.

Quais dificuldades você enfrenta enquanto roteirista no mercado audiovisual?

Ser roteirista no Brasil é muito complicado, porque somos uma classe que não é valorizada financeiramente. Eu sinto muito isso inclusive nos projetos que [participo]. Já aconteceu um caso de eu [bater de frente e falar]: "a gente tem que focar no roteirista também", mas não consegui vencer essa guerra. Então percebo que apesar do roteirista ser muito essencial na cadeia do audiovisual, somos ainda colocados de escanteio. Teve outra situação em que eu tinha escrito alguns roteiros, e não recebi [cachê] por isso. Outras pessoas que receberam, fiquei muito estressado com isso na época, porque senti como se o meu trabalho não estivesse sendo valorizado. Eu senti como se meu trabalho estivesse sendo invisibilizado. Mas também não venci essa guerra, deu tudo errado. São várias situações assim que venho percebendo na indústria em que sempre o roteirista está nesse lugar de peão mesmo, passa muito por esse lugar de desvalorização, apesar de estar usando o trabalho dessa pessoa para poder criar o projeto. Sinto que no Brasil essa caminhada [em direção à valorização do roteirista] está muito lenta. acho que a gente precisa de mais políticas públicas, inclusive para os roteiristas, para também ter essa valorização.

E é em meio a isso que surge a vontade de colocar seus próprios projetos no mundo? Para ter mais controle sobre seu ofício?

Sim, é em meio a isso que surge essa vontade. Tive um projeto quase aprovado agora na LPG [Lei Paulo Gustavo, de fomento à cultura], um documentário, fiquei com 88 pontos. Foi muito importante para mim, porque consegui ter um termômetro de como os meus projetos estão, apesar de não ter passado, mas sigo com essa veia otimista de que um dia vou conseguir. Mas sinto que é muito difícil ainda porque a maioria desses editais querem empresas que já tenham histórico, que já tenham background, eles querem equipes que já

tenham histórico também, que já tenha feito alguma coisa, e apesar de já ter cinco anos na indústria, ainda não sou muito conhecido, eu ainda não tenho projetos prontos, então fica muito mais difícil para quem ainda está chegando, sabe? Sinto muita dificuldade nisso, não em construir o projeto, eu sinto que na construção é OK, mas nas escolhas desses projetos nos editais ainda fica muito nessa questão de "ah, será que essa pessoa tem capacidade para fazer esse projeto, para executar?". Passa muito por isso.

Como é trabalhar com audiovisual especificamente na Bahia?

Nossa, é muito bom. A gente tem o dendê, né? A gente consegue colocar mais ritmo nas coisas, mais energia, axé. Não é querendo colocar os baianos como os melhores, mas sinto que a gente consegue colocar a energia, o tempero que falta em algumas produções. E os projetos que eu trabalho, especificamente, tem muito esse olhar para a periferia, esse cuidado com personagens pretos, com essa coisa diversa, com essa coisa mais regional também, que é algo que eu aprecio muito, então acho que tem essas diferenças.

E tem dificuldades específicas também?

Sim, a questão dos recursos. A gente não tem tantos recursos assim, fica mais entre Rio e São Paulo. Atualmente, com os editais [da LPG e da Política Nacional Aldir Blanc], a gente conseguiu ter mais recursos, ter esse olhar para as regiões do nordeste, do norte. A gente tem muita história interessante para contar, a gente tem muito personagem interessante para criar, muita coisa massa para desenvolver, mas tem poucos recursos e um pouco de falta desse olhar [direcionado] mesmo para a gente.

E em meio a essas dificuldades, essas vantagens, esse tempero, ponderando tudo, o que te faz prosseguir?

A vontade louca de continuar contando história. Não consigo me desvencilhar disso. Sempre falo para os meus amigos [que] se eu perder o emprego de roteirista, eu não vou saber fazer outra coisa, porque não sei fazer outra coisa, a não ser escrever, criar histórias, criar ambientes, criar personagens, criar situações, eu não sei fazer outra coisa a não ser isso. Dediquei minha

vida a aprender, estou dedicando minha vida a aprender, [com] 27 anos, estou dedicando a me aprofundar mais, a entender mais, a me tornar um roteirista melhor, para poder contar histórias, então sinto que precisamos de mais recursos, porque eu quero continuar contando histórias.

Conta um pouco sobre seus projetos recentes, sobretudo aqueles que te deixam com orgulho de ter participado.

[Tenho amigos na cidade de Anguera que aprovaram projetos na LPG], e a gente foi para lá para poder gravar dois curtas. O primeiro é sobre uma quadrilha junina, e o segundo, sobre a bata do feijão, que é uma tradição de lá de Anguera que está sendo perdida. Me orgulho muito de ter feito o documentário Samba de Roda na faculdade, que é sobre os sambadores e os tocadores. Me orgulho muito de ter sido corroteirista do meu primeiro longa, que ainda vai estrear, Futuro do Pretérito Imperfeito. Me orgulho muito de ter escrito o meu curta, Kayin. Me orgulho muito de ter construído o projeto Realizadores. E tem A Cigana, que é um documentário sobre uma personalidade do Piauí, um artista, onde a gente conta a trajetória de vida dele.

Como é para um profissional LGBTQIAPN+ trabalhar com audiovisual na Bahia?

Atualmente tem sido mais aberto. Por já ter mais LGBTs no audiovisual, outras pessoas já abriram esse caminho para que a gente chegue e crie novos caminhos. Sinto isso baseado na minha própria trajetória, de eu ter chegado numa empresa de grande porte, onde a maioria dos funcionários atualmente são LGBTs. Quando cheguei tinha alguns, e aí depois que eu cheguei, consegui também trazer outras pessoas, para construir um espaço mais de acolhimento e confortável para todo mundo, prefiro trabalhar com esse tipo de pessoa. Sinto que apesar de tudo isso ainda é um pouco complicado também, nunca vai deixar de ser, porque a discriminação, o preconceito, existe em todas as áreas, em todos os trabalhos. Mas atualmente a gente está tendo mais histórias com personagens LGBTs, a gente está tendo histórias escritas por pessoas LGBTs. Pessoas LGBTs estão em salas de séries grandes, uma, duas, três [pessoas], mas a gente está caminhando, melhor do que não ter nenhuma. Acho que está

sendo aos poucos, mas está acontecendo. E acho que isso é muito importante, porque a gente consegue estabelecer, criar referência para outras pessoas, né? E dizer para essas pessoas, "você pode estar aqui também, a sua história de vida é importante, você tem que contar isso".

Você se sente em segurança nos ambientes de trabalho com audiovisual pelos quais você transita na Bahia?

Em 90% [do tempo sim], não 100%. Como eu tinha dito [da situação em] que me chamaram de espalhafatoso, acho que às vezes ainda tenho que me podar em algumas coisas e controlar o meu comportamento e a forma como eu falo... é que às vezes eu quero falar alto, sabe? Berrar. Às vezes quero falar com as pessoas de determinada forma sobre determinado assunto e sinto que tenho que me podar, que tenho que me reprimir, para não sofrer um ataque, por exemplo. Porque também eu sou uma pessoa que consigo me impor, sabe? Eu não abaixo a cabeça assim, nessas situações. Sou muito de falar mesmo, de ser direto, de ser objetivo, de dizer: "ó, não gostei disso, espero que não se repita". Ou então de dar um fecho na pessoa, falar "você está sendo homofóbica comigo". Sou muito claro nessas situações. Então, no trabalho que estou atualmente nunca vai acontecer comigo, porque as pessoas já me conhecem, elas sabem como eu reagiria.

E em outros ambientes, para além do audiovisual?

Apenas no familiar ainda me sinto um pouco inseguro. Na verdade, no ambiente familiar é o que me sinto mais inseguro, porque nos outros ambientes eu consigo segurar a onda. Mas no familiar tem a questão de família, né? É um pouco complicado para mim ainda. Antigamente eu morava com a minha avó e com as minhas tias. Quando minha avó falece, eu só fico com as minhas tias, e a nossa relação já era muito tóxica, mesmo quando minha avó estava viva. Porque me assumi com 15 anos, mas antes de me assumir já dava para perceber que eu era gay, né? Então, meu comportamento foi muito recriminado dentro de casa. Tanto que quando eu chegava em casa, ficava mais reprimido. Então, quando comecei a querer bater de frente com isso, a dizer "ah não, não vou ficar mudando meu jeito de ser para poder agradar fulano de tal", comecei a ser

eu mesmo dentro de casa, e isso foi gerando conflitos.

Isso piora quando minha avó falece, porque eu meio que tive a sensação de que "ah, a casa não é sua, a casa é dos filhos, então você está fazendo o que aqui?". E por ser gay isso pesou ainda mais. E aí eu pensava "preciso sair daqui, porque isso já está afetando minha cabeça", e minha saúde mental é uma das coisas que mais priorizo, e a gente sabe que gay no Brasil tem a saúde mental prejudicada por vários fatores. Então, foi muito complicado a relação com as minhas tias. Com o meu tio também, mas depois que me assumi ele meio que se afastou de mim. Teve toda essa questão do machismo, de expectativa, de esperar que eu fosse uma coisa, só que eu não era a coisa que eles esperavam. Então, teve todas essas questões, que influenciaram para que eu saísse de casa e fosse atrás da minha independência e fosse atrás de uma faculdade, fosse atrás de estudar e de ganhar dinheiro para poder viver a vida como eu quero.

Enquanto trabalhador LGBTQIAPN+ do audiovisual, você já sofreu algum episódio de preconceito?

Não, em ambientes de trabalho não. Nunca sofri, mas já presenciei um caso de transfobia. Fiquei um pouco chateado, aborrecido, me senti um pouco afetado também. Apesar de não ter sido comigo, foi com uma pessoa [próxima], e ela ficou muito triste, e eu não imaginaria que isso ia acontecer. A gente está sempre tentando educar essas pessoas de uma forma não didática, mas de uma forma mais espontânea mesmo. E ainda assim acontece esse tipo de coisa. Então, é uma coisa que eu sei que a gente vai demorar muito para poder mudar, mas eu sinto que pode melhorar, né?

Você sente que o ambiente do audiovisual é hostil para pessoas LGBTQIAPN+?

Não é só por ser LGBT, eu sinto que o ambiente do audiovisual é um pouco hostil por completo. A forma como as pessoas lidam com as outras, sabe? A questão dos prazos, da pressão, as pessoas são um pouco exigentes. E lido com pessoas assim que penso "meu Deus, onde eu estou?". Tento na maioria das vezes ser muito educado e empático, porque sei que está todo mundo ali sofrendo pressão, inclusive eu. Então, tento ser empático e educado, mas sinto que algumas pessoas ainda são hostis na forma como fala, muito deboche,

muita ironia. E se você é um pouco mais direto... às vezes sofro um pouco de retaliação por ser muito direto. Aí as pessoas falam “ah, Diego, você está sendo grosso”, mas eu não estou sendo grosso, só estou sendo objetivo. E acho que até eu mesmo fui contaminado por essa hostilidade em alguns momentos.

Para finalizar, se você pudesse enviar uma mensagem para a criança que você um dia foi, o que você diria?

Eu diria: continue sendo essa pessoa espalhafatosa, brilhante, do jeitinho que você é, porque isso vai te fazer chegar em lugares inacreditáveis. Continue sendo criativo, continue imergindo nas histórias que você gosta, continue sendo esquisito perante as outras pessoas, não perca isso nunca, e... eu vou me emocionar agora aqui... Continue sendo criativo, continue sendo essa pessoa alegre, festiva, para cima, comunicativa, não perca nunca a sua vontade de contar histórias, de ser você mesmo, de ser empático com as pessoas, de ser amigo das pessoas, e nunca mais desconfie de você mesmo. Nunca mais se isole do mundo e ache que você está errado pela sua sexualidade ou orientação sexual, isso é tudo mentira.

E o que você diria para jovens LGBTQIAPN+ na Bahia que querem entrar no mercado do audiovisual?

Gente, o audiovisual é para todes, todas e todos, venham com força, com muitas histórias para poder contar, venham sem medo, botem a cara mesmo, tragam todas as suas vivências, todas as coisas boas e as coisas ruins, e transformem isso em histórias incríveis. Tem muito espaço para todo mundo, e precisamos de vocês aqui. Precisamos criar esse elo de pessoas LGBTs com histórias sobre pessoas LGBTs. Precisamos de pessoas LGBTs contando histórias de pessoas LGBTs.

4 EU SOU VIE

> "[...] tenho essa necessidade de sempre estar procurando um meio de me expressar, de botar para fora e de querer mostrar o que está aqui dentro".

VIE BARUQUE chegou no recôncavo baiano para cursar faculdade de cinema. Seu contato com as artes e sua busca por se expressar é atravessada por uma corajosa jornada de descobertas de si. Vie nos conta como é ser uma pessoa autista LGBTQIAPN+ no ambiente universitário do audiovisual, falando abertamente sobre dificuldades, bullying, tentativa de suicídio e aquilo que lhe faz bravamente seguir adiante.

Como foi seu processo de autodescoberta e autoaceitação da sua sexualidade e identidade de gênero?

Vie Baruque: Bom, um contexto básico é importante. Eu fui criada em igreja evangélica, mais precisamente dentro da Igreja Adventista, no interior de São Paulo. E por ser autista, já tinha dificuldades em socializar, em ter amigos, e meu refúgio sempre foi a internet. Na época era Orkut, e eu comecei a conhecer pessoas online, inclusive uma delas depois acabou sendo um namoro de 5 anos, a gente veio a morar junto. Foi uma das primeiras pessoas que tive contato do mundo LGBT, que era uma mulher lésbica, e foi assim que comecei a descobrir esse mundo e comecei a entender "uau, isso é possível?". Eu não sabia, não conseguia pensar que era possível, até porque enquanto as pessoas

estavam tendo interesses românticos, eu estava querendo brincar de boneca ainda, estava um pouquinho para trás nesse sentido. E aí quando eu tive o contato com essas pessoas, falei "uau, como assim?". Para mim nunca passou como se fosse uma coisa errada, até porque só parecia natural.

Eu comecei a perceber que existia um problema quando as pessoas viam isso como um problema e comecei a ficar com muito medo, porque não conseguia entender o porquê. Lembro de começar a gostar dessa menina, online, e da gente ter um namorinho online no começo, e nessa época eu tinha uns 15 ou 16 anos, era bem novinha. Queria contar para minha mãe, mas não deu muito certo. Meus pais foram muito, muito contra. Houve uma repressão muito grande, aí tive que dar uma voltada para o armário, para proteção mesmo, pois eu fiquei com muito medo. E comecei a namorar homens de forma um tanto quanto compulsiva, era sempre o mesmo padrão: achava um cara, namorava por um ano, terminava, namorava por um ano, terminava... Era isso que eu fazia até chegar mais ou menos nos meus 20 e poucos anos, já tentando minha segunda faculdade, e foi quando simplesmente falei "não dá, não dá mais, não é quem eu sou, não é quem eu quero ser, não estou sendo eu". E aí comecei a explorar esse outro lado da minha sexualidade, me envolvendo mais com mulheres, e era a primeira vez que tinha saído de casa também, então eu tinha um pouquinho mais de espaço para poder explorar isso.

Em 2016, 2017, foi quando [reencontrei] essa menina da internet que eu conheci muito tempo atrás, a gente um pouco mais velha, um pouco mais independente, as duas já com seus 20 e poucos anos... A gente começa a namorar de fato e assume de forma oficial para minha mãe, tanto que ela conhece meus pais. Meus pais têm uma dificuldade em lidar, dessa segunda vez, mas eles já têm uma tolerância maior, até porque acho que já havia avançado um pouco até na mídia. Inclusive queria enfatizar muito o papel da mídia nesse ponto, porque de 2009, 2010, para 2016, 2017, foi um salto ali. Você via nas novelas, mais atores falavam sobre isso, tinha mais reportagens sobre isso. E uma das frases que minha mãe me falou quando eu era bem novinha [foi]: "você vê alguma pessoa desse jeito que tem sucesso na vida? Todas essas pessoas são fracassadas, você quer ser uma fracassada?", e isso me marcou muito.

Quando você começa a ter esse contato na mídia muito maior, você começa

a desmistificar isso. “Espera aí, nem todo mundo é fracassado não, agora eu tenho mais contexto, tenho mais para quem olhar”, e aí conseguia ter mais exemplos disso. Ela não podia mais me dizer isso. Então, foi um ponto de mudança, e ela foi aceitando mais. Hoje em dia ela aceita bem, minha mãe e minha namorada inclusive trocam mensagens, ela troca até mensagens com minha ex. Para você ver, né? Como mudam as coisas.

A parte do gênero eu comecei a questionar em 2019, 2020, enquanto estava com essa minha namorada de bons tempos, a gente estava morando junto em São Paulo, depois a gente foi morar em São Carlos [interior do estado de São Paulo]. E comecei a entender que talvez eu não me encaixasse, que não conseguia me identificar... [Tinha] muita disforia também, muita, muita disforia, apesar de eu ainda ter uma apresentação muito padronizada feminina, ainda assim tinha a disforia. E uma das coisas que foi bem difícil nesse relacionamento, que talvez tenha afastado as duas, foi essa dificuldade de eu conseguir entender o meu gênero e passar isso para ela, e aí ela talvez [tenha tido dificuldade de] entender isso.

A partir do momento que venho estudar na UFRB [Universidade Federal do Recôncavo da Bahia], [decido], “quando eu for para lá, vou tentar assumir, dar a cara à tapa, e chegar lá e falar ‘eu sou assim, essa sou eu’”. E tem sido uma experiência muito positiva, porque consegui criar mais confiança na minha própria identidade. Já estou acostumada a questionar a sexualidade, para mim isso é OK. Questionar gênero era um pouco mais assustador, mas aí chegando aqui [na universidade], onde pude ter esse espaço, me deu uma segurança maior, aumentou a autoestima de um jeito que antes eu não tinha experienciado de forma alguma e foi muito importante para o meu desenvolvimento. Ainda faltam várias coisas que acho que tenho que explorar, mas hoje já consigo chegar nas pessoas e falar “eu sou Vie”. Já tenho um nome, esse é meu nome, eu sou uma pessoa não binária e é assim que me apresento.

Como a sua vinda para a Bahia contribuiu nos seus processos de autodescobertas?

Acho que um dos elementos que mais me incentivou foi pensar, “estou indo para um lugar novo, um lugar onde nunca ninguém me conheceu. Um

lugar onde posso me apresentar sem que as pessoas saibam do 'eu' que estou deixando para trás". Porque é muito assim, você se descobre uma pessoa não binária e aí você muda seu nome, começa a experimentar com novos pronomes, mas para quem te conheceu antes é muito difícil eles deixarem aquela ideia que já tinham de você.

A minha vinda para a Bahia foi como se tivesse colocado um ponto final na minha existência enquanto quem eu era e renascido. Então foi um renascimento. E gosto de dizer que aqui eu renasci, aqui eu criei um pedacinho de mim que não pude criar lá [em São Paulo]. Claro que se me entendo como não binário hoje, eu sempre fui, porque não existe você "virar" trans, mas para você chegar nesse processo, precisa se despir de muitas coisas, se desconstruir de muitas coisas, desconstruir até do seu próprio ego, de quem você acha que é, ou que você achou que fosse a sua vida inteira. Pelo menos no meu caso foi assim, porque sei que tem processos diferentes. Vir para cá foi essa sinalização, foi esse momento em que consegui me despir de forma completa para começar a me colocar as coisas novas que eu queria para mim, que queria agregar agora para essa identidade que eu estava construindo. Porque quando você está no meio dessa questão de gênero, você desconstrói, constrói, desconstrói, constrói, e pode ser uma coisa muito confusa, mas acredito que estar aqui foi a peça-chave para isso, justamente por me permitir esse novo começo.

Encontrei pessoas maravilhosas aqui na faculdade que também são não binárias, que também estão passando por processos de descoberta da identidade. Então tiveram vários amigos que eu pude ver se questionando, que pude sentar e ter conversas e aconselhar, falar "comigo foi assim, como é que você está se sentindo?", e essas pessoas começarem a se entender como tal. Isso foi maravilhoso. Acho que contribuiu muito para o meu processo identitário, e espero que também [tenha contribuído] no processo identitário dessas pessoas. E são pessoas baianas, são pessoas nascidas aqui. Acho que eu criei, de certa forma, uma família. Inclusive, eu moro com duas pessoas, uma de Muniz Ferreira [cidade localizada no Recôncavo Baiano] e outra de Salvador, mas que veio de Feira de Santana, e a gente fala que é família, a gente mora juntos. Consegui ver em uma dessas pessoas esse processo de descobrimento de identidade, não binariedade, e a gente realmente ganha irmãos. É uma

família que eu tenho longe da minha família lá de São Paulo. Eu preciso da minha comunidade aqui. Então acho que outra coisa muito importante foi poder construir isso aqui com pessoas que também passam pelo que eu passo. Por essa descoberta de identidade, por esse questionamento de sexualidade, entre outras coisas.

No nosso questionário anterior à entrevista, você assinalou que também se identifica como pessoa assexual. Poderia falar um pouco mais sobre essa identificação?

A minha sexualidade vem muito ligada ao meu autismo e à questão de eu precisar criar primeiro uma conexão com alguém para depois conseguir me relacionar. Talvez eu tenha até um interesse prévio nessa pessoa. Esse é o interesse: parece legal, quero conhecer. Mas não consigo sentir uma atração sexual por essa pessoa ali logo de cara. Muito difícil. Então preciso ter essa conexão mental para ter a conexão corporal também. E acho que a minha assexualidade está conectada a essa perspectiva. Então, eu diria que talvez seria uma pessoa demissexual homorromântica.

Mas, não fecho [para outras possibilidades], não vou dizer que nunca vou me interessar por uma pessoa de outro gênero, até porque se rolar essa conexão mental com uma pessoa de outro gênero, não tem como eu fechar essa porta. Ou, por exemplo, se estou me relacionando com uma pessoa e ela se descobre ser de outro gênero, não vou parar de me relacionar com ela. Então são várias questões, vários detalhes pequenos. Mas assim, em conversa inicial com as pessoas, para entenderem um pouco melhor como funciono, acabo me definindo como uma pessoa demissexual homorromântica e acho que até o momento é o que tem mais me contemplado.

Você mencionou a descoberta de ser uma pessoa autista. Como foi esse processo e como isso se relaciona com as suas vivências de orientação sexual e de identidade de gênero?

Você pode conversar com vários de nós autistas, e uma das coisas que já vi comumente sendo dito é que a gente tem sempre essa sensação de estar alheio, de não se encaixar de certa forma, de não conseguir se conectar da mesma

forma, [parece que] o mundo inteiro está nessa brincadeira que você não sabe as regras e não sabe como participar. E eu sinto isso desde muito nova, lembro de ter essa sensação de estar alheia desde criança. Eu tomava muito um ponto de vista de observação, queria entender como as outras crianças funcionavam, então observava as outras crianças. Mas a partir do momento que você vai entrando na pré-adolescência e adolescência, você vai criando um desejo por talvez pertencer... Porque começa a ficar solitário, mas eu quero participar também, agora quero começar a participar, e você não consegue direito.

Lembro de estudar, literalmente estudar, revistas de comportamento adolescente, tipo revistas teen, para saber como tinha que me comportar, de ver vídeos para saber como tinha que me comportar, de praticar expressões faciais no espelho. E tudo isso super escondido, porque eu tinha muito medo dos meus pais descobrirem, ou de alguém descobrir, e isso só causar mais alienação. Então, eu fazia essas coisas muito escondido, tentava não reclamar muito, mas lembro de chorar muito, de voltar da escola e me sentir muito sozinha.

Inclusive, um dos motivos de eu ter ido para a internet foi justamente essa sensação de ser sozinha. E aí foi quando começou toda a reviravolta de sexualidade, e eu achei que era isso. "Pronto, tá explicado, é por isso que eu não estava me encaixando, as pessoas são hétero, e eu não sou hétero. Tenho que achar minha turma". Beleza, cresci, achei minha turma, mas não mudou. Falei "ué, o que está errado agora?", pois estou entre pessoas LGBT e nada, continuo alheia. Então, comecei a questionar o gênero e mesmo assim sentia que não estava me encontrando. Apesar de estar encontrando pedaços importantes de quem eu sou, ainda faltavam peças, e peças muito importantes.

Nessa época eu estava com 27 anos e ficava na internet, no TikTok, nas redes sociais, e começaram a aparecer perfis de autistas falando sobre o autismo do ponto de vista deles. Eu via muito mais [conteúdo] de TDAH [Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade], que eu também tenho diagnóstico, e aí ficava "ué... por que ninguém nunca me falou isso antes? Porque ninguém nunca percebeu isso antes?". Fui em uma neuropsicóloga, que é autista com altas habilidades, e na hora de aplicar o teste do TDAH ela percebeu que as minhas respostas iam um pouco além e sentiu a necessidade de testar para o

autismo também, daí veio a confirmação. Aí eu passei por um psiquiatra, porque você precisa de um laudo médico, e fiz acompanhamento com uma psicóloga.

Como sua vida mudou após o diagnóstico de autismo?

Foi algo extremamente importante, porque acredito que foi só por ter descoberto esse diagnóstico que hoje eu sou capaz de estar aqui na Bahia. Se não fosse o caso, não teria a capacidade de encarar uma faculdade novamente, porque das últimas vezes eu quase morri. Quando digo "eu quase morri", não estou exagerando, eu realmente quase morri. Então, hoje em dia com esse diagnóstico tenho acesso aos direitos que eu nunca tive, a pedir acomodações que nunca pude pedir. Então isso é muito, muito importante. Principalmente porque a universidade não é um lugar feito para qualquer minoria, mas acredito que pessoas com deficiência no geral ainda estão bem longe de serem contempladas. Tem cotas para pessoas com deficiência, mas quando você chega na faculdade, não tem estrutura para lidar. A gente não tem nenhum apoio de serviço social dentro da universidade, então está bem complicada essa questão, e realmente dificulta muito a vida.

Realmente dá uma sensação de que você está só. Às vezes chega um ponto que você se acostuma com isso. Acho que uma das coisas que mais me pega hoje em dia é a sensação de que não estou apenas só, mas que estou para trás. Que está todo mundo correndo, e eu estou tentando, mas tenho uma parede invisível na minha frente que não consigo passar. Todo mundo vai, e eu estou aqui, tentando, tentando, tentando fazer nem que seja o mínimo, que é ir à aula, ler os textos, me alimentar, e nem isso às vezes consigo fazer, e parece que todas as outras pessoas fazem isso e muito mais. Claro que a gente não tem que se comparar, mas assim, é impossível não se comparar quando no fim das contas você sabe que você vai ter que enfrentar o mercado de trabalho e essas coisas vão ser decisivas.

No fim das contas você sabe que vai chegar lá na frente, e vão contratar uma pessoa sem deficiência ou sem tantas frescuras ou detalhes, porque é menos coisa para lidar, vai ser mais fácil para lidar. Então, é difícil não pensar nisso, é difícil não sentir isso, não sentir o peso disso no dia a dia. E continuar seguindo em frente, por que vou fazer o quê? Ou eu desisto, ou sigo em frente,

mesmo sem saber o que vai acontecer lá na frente. E das outras vezes eu tive que desistir por chegar em um ponto crítico. Inclusive em 2017, no final de 2017, tive uma tentativa de suicídio, não sei se isso é uma coisa muito pesada de compartilhar, mas aconteceu. Desde então não tive mais nenhuma tentativa. A ideação suicida melhorou bastante depois que fui diagnosticada, porque pelo menos você passa a se entender um pouco melhor, mas isso não significa não ter dias ruins. Tem dias que eu acordo que simplesmente quero xingar todas as deficiências, o caralho a quatro. É demais, chega a ser demais. Tem dia que eu não quero aguentar, que só queria ficar quietinha, sabe? Mas não tem muito como ficar quietinha.

Você mencionou no questionário anterior à entrevista que tem deficiência múltipla. Estava se referindo ao autismo e ao TDAH?

Não, a minha outra deficiência é fibromialgia. TDAH não entra como deficiência, apesar de eu achar que deveria ser. Tenho TDAH, autismo e transtorno bipolar do tipo 2, tudo diagnosticado por médicos. Fizemos essas anamneses todas durante um período longo de tempo, com acompanhamento profissional. E tenho fibromialgia, que foi diagnosticada de forma mais recente por uma reumatologista. Ainda suspeito que essa fibromialgia possa ser, na verdade, algum outro tipo de transtorno reumatológico, ou alguma síndrome, como a síndrome de Ehlers-Danlos, porém é muito difícil achar médicos que te levem a sério quando você está falando de dores crônicas, de coisas que são invisíveis

Se for uma deficiência invisível eles não te levam a sério, principalmente quando você é uma pessoa jovem e parte de minorias, e ainda mais que não sou uma pessoa magra. Já olham que você não é uma pessoa muito magra e já assumem que é o seu peso, então eles nem te pedem exame. Cheguei no médico, e ele falou: “eu nem vou pedir exame, vou falar para você perder peso, fazer exercício e perder peso”. Então, essa é uma barreira que encontrei para ser diagnosticada com a fibromialgia. Sinto dores no corpo desde que eu era criança. Minha avó fala muito de como eu me queixava de estar sempre com dor. Causa várias limitações físicas, principalmente em dias de crise de dor aguda, eu não consigo sair da cama.

E sobre o audiovisual, quando e de que forma surgiu seu interesse em trabalhar nessa área?

Eu sempre gostei muito de tudo e qualquer coisa relacionada à arte, desde criança. Assim que saí do terceiro colegial, fui direto fazer uma faculdade de design, mas não consegui aproveitar tanto, foi uma experiência muito... eu era muito ingênua, muito perdida para estar numa faculdade, acho que precisava de uma maturidade que eu não tinha na época. Até porque sempre senti que socialmente estava muito para trás e sempre tive muito problema com bullying. Tanto na escola quanto nessa faculdade, tive problemas fortes com bullying. Então, apesar de eu ter ido até o final, não consegui pegar meu diploma. Depois, passei numa universidade estadual, de letras.

Não deu certo, porque foi quando eu tive a maior dificuldade, que foi também quando me vi sozinha pela primeira vez, longe de qualquer tipo de suporte, e também passei por problemas de bullying de um dos caras que eu me envolvi nessa época, antes de me permitir me envolver com mulheres. Ele simplesmente inventou muitas coisas sobre mim, para todos os nossos amigos em comum, e isso acabou manchando minha reputação sem confirmarem se era verdade ou não. Já rolava uma certa alienação, eu fui ainda mais alienada.

Aí simplesmente numa quarta-feira eu não fui mais [para a faculdade], entrei em um episódio depressivo que chegou a ser psicótico, fiquei meses nesse episódio, tive que tomar vários remédios. Falei: "é, realmente faculdade não é para mim, não sou boa o suficiente para fazer uma faculdade", porque essa era a sensação que eu tinha. Tentei começar a trabalhar, mas tinha muitas dificuldades também, porque enquanto pessoa autista você vai trabalhar... não que não fosse possível, mas era muito difícil manter um emprego por mais de quatro meses em um shopping, por exemplo, numa rotina que não era feita para mim. Nessa época também foi quando comecei o namoro com uma menina que foi o mais longo até agora e foi também próximo da época em que eu tentei... que tive a tentativa de suicídio.

Porque depois que já tinha tentado duas faculdades, estava tentando trabalhar e não conseguia me adaptar, toda hora tinha que pedir demissão porque estava [prestes a] ter outro surto, já tinha passado por um surto psicótico onde cheguei a ter alucinações. Enfim, eu estava definhando. Nessa

época, cheguei... eu tenho 1,67 de altura, cheguei a pesar uns 53 quilos. Então, eu não tinha vida, não sentia que existia uma possibilidade de vida para mim. Mas quando recebi o diagnóstico do autismo e vi que talvez tudo isso pudesse ser explicado de uma forma diferente e eu pudesse ressignificar tudo isso, falei, "poxa, talvez seja a hora de tentar de novo, talvez agora eu consiga, agora que consigo entender como posso pedir ajuda", porque antes você não sabe nem como pedir ajuda. Foi quando prestei o ENEM de novo, passei, e um amigo que é do audiovisual, baiano, reside em Salvador, falou "por que você não faz cinema?".

Quando houve esse incentivo, escolhi a faculdade daqui, ele falou que era uma faculdade muito boa, que tinha um curso de cinema muito bom. E aí foi assim que eu comecei o interesse. E de fato, na minha primeira assistência de arte já falei "ah, é isso, faz todo o sentido agora". Por exemplo, sei que tenho zero aptidão com roteiro, mas a parte de arte eu consigo lidar um pouco melhor. Não sei o que acontece, simplesmente quando estou ali no momento e tenho que começar a criar as coisas, o cérebro só vai, é uma enxurrada de imagens e de coisas e parecem fogos de artifício, e aí todos esses brilhinhos que vão se conectando um no outro, e aí você vai criando coisa aqui, coisa ali. É uma loucura, mas ao mesmo tempo que é muito bom. Mas pode ser muito desgastante também. Tanto que chega no final do semestre, você está destruído, mas é muito legal ao mesmo tempo.

Pensando na sua experiência universitária em Cachoeira, existe um senso de comunidade para você? Como é a interação com as pessoas, com colegas, com profissionais do audiovisual?

Aqui eu fui muito bem recebida pelo pessoal da faculdade, das pessoas que tenho próximas. Acho que os professores me receberam muito bem, a maioria dos alunos também me receberam muito bem. Tenho vários colegas. Em relação à cidade também tem algumas pessoas, não digo que eu sou muito próxima dos moradores da cidade, porque aí também entram questões de gênero, questões de sexualidade, que acaba sendo um pouco mais complicado, porque às vezes isso é um pouco tabu, e aí acaba sendo um pouco difícil. Mas com alguns moradores da cidade também tenho um relacionamento bom, não

senti que fui mal recebida. A parte ruim... acho que a parte mais difícil é estar longe da família, porque não tenho minha mãe, meu pai, minha irmã. Então, em um dia que não estou bem, não tem como simplesmente pedir para eles fazerem uma comida para mim. Aqui eu tenho o pessoal que mora comigo, eles fazem muito isso, mas é que às vezes eu não queria impor essa preocupação em cima deles porque sei que eles também têm vários processos acontecendo, várias demandas, né? Eles têm as demandas deles, não posso esperar que eles vão suprir as minhas também.

Você mencionou ter sofrido bullying na escola e nas outras faculdades que cursou. Você se sente segura e acolhida na UFRB?

Acho que, assim, não posso dizer que 100%, porque sempre vai existir preconceito, sempre vai existir desinformação. Infelizmente estamos numa época em que as pessoas ainda não sabem de várias coisas que gostaria que soubessem, principalmente a respeito de pessoas com deficiência. Mas de todas as faculdades que eu passei, aqui foi o lugar que tive menos problema com isso. Pelo menos o bullying que ocorre aqui é um pouco mais velado. Não sei se é uma coisa positiva ou uma coisa negativa, mas percebi que é mais um grupo muito fechado de pessoas que gostam de brincar, de fazer piadinha com pessoas não binárias, inclusive existem pessoas trans envolvidas nesse grupinho, mas tudo bem. E assim, nunca falaram nada na minha cara, mas já fiquei sabendo por colegas.

Mas no geral... sinto que às vezes as pessoas hesitam em me chamar para participar um pouco mais das produções que são feitas na universidade. Não sei se é porque eles dão preferência por pessoas racializadas, que super entendo, é super válido, ou se é pelo fato de não quererem lidar com a minha deficiência. É aí que está, eu nunca sei o que é e o que não é, porque nunca é uma coisa que vão dizer na minha cara. Então não tenho como descobrir isso, não tenho como saber isso, fica só meio que no ar. Tento não prestar muita atenção, tento não reparar muito e seguir a minha vida, me preocupar com o que é meu e me fortalecer com as pessoas que estão ali junto comigo, do meu lado.

Sinto que as pessoas não têm tanto contato comigo. Não sei se é porque dentro do audiovisual em geral, não só aqui na Bahia, existe uma cultura de

networking, existe uma cultura de "você é amigo de fulano, fulano é amigo de ciclano", e aí é assim que você vai sendo chamado para os trabalhos.

Ou seja, você tem que socializar para um caralho para conseguir trabalho. Tem que sair muito de casa, ir para barzinho, festa, coquetel, première. E eu enquanto pessoa autista não consigo dar conta. Infelizmente. Queria, muitas vezes eu queria. Nossa, quantas vezes eu queria sair da aula com o professor de fotografia e ir para o bar onde todo mundo estava indo. Mas simplesmente para mim não dava, não consigo... Sei que se eu fizer isso, não vou conseguir levantar da cama e ir para a aula no dia seguinte. Então acho que pode ser isso também, de as pessoas não terem tanta afinidade comigo, não terem tanta proximidade comigo porque simplesmente não estou presente em várias das coisas. E não sei se pensam que é descaso da minha parte, de não me importar, por não conhecerem, por não saberem como é a rotina de uma pessoa autista, mas é algo que acaba acontecendo. É uma das coisas que me preocupa, inclusive, quando eu me formar. Como vou me inserir no mercado de trabalho se eu não consigo fazer esse networking de forma tão eficiente assim? No começo [até faço], mas para manter isso é muito, muito dificultoso, muito custoso.

Conta um pouco sobre suas experiências com audiovisual no âmbito da universidade. Como tem sido e para quais caminhos elas estão te levando?

O primeiro filme foi chamado Angústia, [que codirigi] juntamente com Outono Selva, que também é uma pessoa não binária. Esse nosso filme é sobre essa sensação de precisar se expressar sem conseguir, de ficar preso em algo, e a vida parece que para porque você não consegue se expressar. É um filme sem diálogos, muito de imagem, de sentimento mesmo. E foi o primeiro contato de fato com o set de cinema que eu tive. Foi uma coisa muito louca, foi muito intenso, muito bom. [Ele foi] exibido numa mostra no Museu da Boneca de Pano [Fortaleza/CE].

A maior parte das pessoas trabalhando nesse filme eram pessoas trans, então a gente tentou fazer esse corre muito com quem é da comunidade, com quem está ali com a gente. E foi muito bom por causa disso, porque todo mundo se ajudou mesmo, todo mundo entendia o que estava ali na tela, todo mundo entendia o que o colega passava. E foi uma sensação muito legal. Não achei que

fosse jamais capaz de dirigir um filme. Não achei que isso ia ser algum dia para mim. Esse foi o primeiro baque, mas vi que "poxa, ok, já estive num set, aprendi algumas coisas, acho que no próximo set consigo fazer um pouco melhor".

O próximo set foi do filme Amarela, foi quando conheci Brise, que mora comigo atualmente, que precisava de alguém para fazer assistência de arte e maquiagem. Ela me convidou, e a gente super se deu bem, super trabalhamos bem juntos. Muito do que sei de arte hoje é graças a Brise, porque sinto que faltou um pouco disso na faculdade, de aprender sobre direção de arte. E depois disso foi Negroni, onde também fiquei de direção de arte e maquiagem. Por último foi o videoclipe que a gente fez, foi uma das experiências mais legais que tive, que foi quando pude ser diretora de arte de fato e criar o conceito do zero. O diretor que estava fazendo também é autista, e ele me deu bastante liberdade para criar, pude simplesmente fazer o que queria. E foi uma experiência muito, muito boa.

Depois disso, acho que já veio greve. Eu também tive um período em que precisei pedir ensino em domicílio, tive que ficar afastada da faculdade, fazendo à distância. Aí as pessoas estavam inseridas em vários sets, e eu não consegui estar, tive essa dificuldade. Entendo que minha produção não é tão vasta quanto a dos colegas, mas é porque nem sempre consigo pegar a mesma quantidade de trabalhos que a maioria deles. Uma produção audiovisual por semestre, para mim, já demanda bastante. Eu queria produzir mais. A gente sonha bastante em produzir mais, mas nem sempre consegue.

De que maneiras a sua identidade LGBTQIAPN+, que é carrega de sensibilidades próprias, influencia no seu ofício no audiovisual?

Primeiramente, até um pouco além da direção de arte, é dar preferência por equipes lotadas de pessoas da comunidade queer. Acho que isso é muito importante, porque isso diminui as chances de você sofrer qualquer tipo de preconceito e também aumenta a forma que você vai ser compreendido. Outras coisas são nuances, são linguagens, são pequenos detalhes visuais que às vezes você só consegue enxergar quando está na pele, quando passa por certas experiências. E aí se você tem uma forma de incorporar isso em um cenário, em uma maquiagem, nas cores, na roupa, essas pequenas coisas, você traz essa

realidade. E muito diálogo com diretor e assistente de direção. Porque você tem um trabalho a fazer, você tem que pegar o roteiro e transformar isso em algo concreto, visível, e tem que ter muito jogo de cintura e saber conversar com o diretor para conseguir imprimir essas pequenas nuances LGBT no trabalho, principalmente se as narrativas forem sobre isso.

Por exemplo, você vai pegar um personagem trans, que tipo de figurino você vai dar para essa pessoa? Você vai colocar ele numa caixinha onde uma pessoa não binária tem que ser extremamente andrógena? Não necessariamente. Tem que ver quem é esse personagem. É o que vai deixar o seu trabalho mais autêntico, porque às vezes uma pessoa que não tem essa vivência, que não tem o mínimo de estudo sobre isso, não vai conseguir imprimir. É uma questão de não sentir na pele mesmo. Então, tento estudar o personagem, estudar a narrativa, e de fato criar algo tangível para esse personagem ou para essa narrativa, criar um mundo próprio. Gosto muito de pensar que é criar um mundo próprio, porque ele deixa de ser só uma coisa na mente de alguém, ele passa a se tornar real e a existir aqui junto com a gente, mesmo que por poucos minutos enquanto a câmera está rodando, mas vai existir. Eu acho que imprimo a minha vivência dessa forma, tentando me aproximar do personagem, dar vida a esse personagem para transformá-lo em um ser humano.

Por mais que eu seja uma pessoa LGBT e com deficiência, não sou obrigada a falar só sobre isso. Sou um ser humano complexo, que vai muito além, e posso falar sobre diversas outras coisas. Mas tenho essa necessidade de sempre estar procurando um meio de me expressar, de botar para fora e de querer mostrar o que está aqui dentro. Sempre tento me colocar um pouquinho nos meus trabalhos. Acho que na realidade não é nem uma tentativa, é algo que é impossível de não colocar, porque faz parte de mim de forma intrínseca. A forma como eu vejo o mundo, por ser autista, já não vai ser da mesma forma que uma pessoa que não tem esse transtorno vê, porque todas as minhas experiências passam por esse filtro. Acho que gênero e sexualidade também, de certa forma. Ao vivenciar o mundo enquanto a pessoa que sou, [o trabalho] vai passar por esses filtros, e o que sai do outro lado não tem como tirar todas essas coisas, mesmo que elas não estejam lá escancaradas, mesmo que elas não estejam explícitas. Alguma coisa de mim vai carregar, porque fui eu que fiz.

Para finalizar a nossa conversa, se você pudesse enviar uma mensagem para a criança que você foi um dia, o que você diria?

Nossa, acho que primeiramente não é nem que eu queria dizer alguma coisa, eu queria abraçar essa criança. Acho que o primeiro lugar é um lugar de acolhimento, de saber que essa criança ainda vai passar por muita coisa difícil. Então, eu queria abraçar, queria dizer que sinto muito que ela tenha que passar pelo que ela vai passar e que eu não queria que ela tivesse que ser uma pessoa forte e resiliente, mas que ela é, e que ela deve ter orgulho disso. E que o caminho dela é tão válido quanto o caminho de qualquer outra pessoa, seja demorando o tempo que for, seja tendo os desvios que tiver, ele não deixa de ser um caminho válido, ele não deixa de ser um caminho importante, ele não deixa de ser um caminho que muitas pessoas podem inclusive se identificar. E queria dizer para ela não perder a criatividade e a paixão pela vida, para ela não perder o deslumbramento, porque acho que por muitos anos eu estive perdida, estava assim... completamente desiludida, e só recentemente pude recuperar um pouco desse brilho que eu tinha quando era criança, e é isso que me motiva todos os dias a continuar.

Então, queria pedir para essa criança guardar esse brilho em algum lugar lá dentro, porque eu vou precisar dele agora, como tenho precisado todos os dias. E agradecer também, por ser quem ela é. Mesmo que nem sempre me sinta orgulhosa de mim mesma ou sinta que eu sou uma pessoa boa, que sou uma pessoa merecedora, não posso ser injusta e não agradecer. Acho que todo ser humano merece ser valorizado só pelo fato de existir.

E o que você diria para jovens LGBTQIAPN+ na Bahia que estão pensando em seguir o audiovisual?

Gente, eu queria dizer que é para você sim, não escuta quem fala que não é para você. Não escuta quem duvida de você, não escuta... Não pensa que é uma coisa mirabolante. É difícil para porra, é sim, você vai ter várias dificuldades, vão ter vários empecilhos, várias barreiras, não estou dizendo que isso não existe. Mas não pense que você não pode. Você é capaz, o audiovisual é para qualquer um, é para qualquer um que quiser e que achar que deve. Você pode

ser a pessoa mais pé rapado que nasceu em um sítio, cresceu em um sítio, igual meus avós, minha mãe, que nunca teve contato com uma televisão, mas se você teve contato pela primeira vez e se apaixonou, e quer fazer cinema, é para você sim, você tem direito, você tem lugar, e a gente tem que ouvir você falar. Sua voz é importante. Acho que essa é a mensagem mais importante que eu tenho vontade de falar, que gostaria de ter ouvido também.

5 SEJA OUSADO

> "Se você sabe seu valor, seu trabalho, faça seu trabalho e se valorize. Acho que se você não se valorizar, nenhum outro profissional vai valorizar você e seu trabalho. Acho que é o principal. Seja ousado, tenha ousadia".

JOÃO HUGO CERQUEIRA gosta de fazer as coisas acontecerem no audiovisual, por isso seu tesão é a produção. Estar em um set e ser a pessoa calma para resolver os problemas é o que lhe realiza no ofício. Ao compartilhar suas vivências pessoais e profissionais enquanto homem trans negro no audiovisual baiano, João traz à tona a importância de sermos nós mesmos – e de sermos ousados.

Para começar, conta um pouco sobre quem é João Hugo.

João Hugo: Então, gente, eu sou homem trans negro. Negro de pele clara. Tenho 31 anos e sou um homem bi, estou em um relacionamento hétero. A gente mora junto, nós somos casados, né? Não no papel, mas a ideia é formalizar isso em breve. Mas nós somos casados. O casamento baiano arranjado, assim, a gente casou, se juntou tudo, tem dois cachorros e pronto.

No audiovisual, trabalho como direção de produção, produção de casting, consultoria de roteiro, faço terceiro AD [assistente de direção], faço segundo AD também. Faço direção de arte, muito pouco, na real, mas faço... Eu faço algumas coisas dentro do audiovisual, mas o que eu realmente não faço é produção executiva, direção e roteiro.

Comecei no audiovisual muito antes de ir para a graduação. Em 2019.1 entrei na UFBA [Universidade Federal da Bahia], com quase dez, onze anos de [experiência no] audiovisual, mas para fazer produção cultural, e entrei muito erroneamente, porque não sabia que tinha cinema no BI [Bacharelado Interdisciplinar] de artes. Então, a ideia não era ir para produção cultural. Eu faço coisas de produção cultural, mas minha área é muito mais o audiovisual. E aí é muito doido, porque tudo que eu sei não foi a UFBA que me ensinou, não é a UFBA que me ensina, e eu estou totalmente desemestralizado, vocês sabem que a UFBA é um lugar em que ou você estuda, ou você trabalha, então nunca tive muito tempo de ir para a universidade, até porque o curso de produção cultural é matutino, e a gente não faz cinema de tarde e noite, a gente faz cinema todos os dias em qualquer horário. Estou aí capengando na graduação por conta disso, mas fiz alguns cursos, para ter certificado mesmo, para facilitar minha vida.

Como foi o seu processo de autodescoberta e autoaceitação da sua sexualidade e identidade de gênero?

Assim, muito doido, né? Porque sempre fui do jeito que sou hoje, a única diferença, sempre brinco, é que quando eu era menor não tinha barba. Hoje eu tenho. Mas sempre vim de uma família muito tranquila e brinco que tem todas as siglas dentro da minha família. Marcelo Cerqueira, que é o presidente do Grupo Gay da Bahia [GGB], é meu primo, então já venho de uma família que já está muito habituada ao movimento LGBTQIAPN+, apesar de eu ter grandes questões com esse movimento bem ultrapassado. Minha tia é uma mulher lésbica. Então nunca tive muitas questões dentro de casa por ser uma pessoa trans. Entendi muito cedo que eu gostava de mulher, mas que não era lésbica, por exemplo. Eu não tinha nome para o que eu era e sempre fui uma criança muito livre, minha mãe sempre foi muito livre em relação a brincar, porque é isso, venho de um lugar onde brincar era coisa de criança, independentemente de se você brincava de bola, de boneca, enfim. Apesar de ter sido uma criança que sempre teve tendências a brincadeiras que são ditas "de menino", jogar bola, correr, isso não foi uma grande questão. Então, eu com 14 anos converso com minha mãe, digo a ela que... é muito engraçado, porque meu pai tinha uma

perspectiva de ele vai casar, vai ter filhos, eu sentei com a minha mãe e disse "essa ideia de projeção de futuro para mim não me cabe. Eu gosto de mulher e é isso".

Eu fui crescendo nesse movimento, mas só comecei mesmo a hormonizar com 18 anos, porque comecei a hormonizar por conta própria, tinha que ter minha grana para comprar hormônio, eu não entendia exatamente como esses hormônios funcionavam, então levei muito tempo entendendo e estudando sobre, mas dos 14 em diante eu já tinha uma performance de gênero dentro da masculinidade. Então, sempre brinco que fui uma criança, até onde pude ser, uma criança meio andrógena, sempre fui um moleque macho na escola. E aí fui me construindo dentro de performance masculina muito naturalmente, sem algo que me forçasse ali. Tanto que sempre falo que venho de um lugar muito privilegiado. Não é assim com as pessoas trans, não é assim com as pessoas LGBT em geral, mas sobretudo com pessoas trans é um movimento mesmo que é diferente do meu. Eu fui começando a entender a minha performance e o lugar que eu estava marcado, e isso foi se tornando muito natural. Com 18 eu começo a hormonioterapia, porque existia o mito de que você só podia hormonizar com 18 anos. Eu me hormonizava por conta própria, fazia uns testes aqui, usava esse hormônio para ver se esse era melhor, ou usava aquele para saber se aquele era melhor, até ir me entendendo e me adaptando com o hormônio que ia continuar usando.

E a minha sexualidade veio muito depois, porque a gente primeiro precisa se entender enquanto uma pessoa trans, né? E aí construí aquela ideia de que sou uma pessoa trans, [logo] preciso me relacionar só com mulheres. Já maduro, acho que com uns 25, por aí, ainda não externalizava porque era algo muito novo, mas a partir daí já me entendia enquanto uma pessoa bi. Mas para mim isso nunca foi uma questão. Tenho a seguinte premissa, a partir do momento que eu transiciono, já rompi muitas outras coisas. Então tem coisas que já não vão mais ser tão impactantes para mim. Então, para mim isso [a bissexualidade] nunca foi uma grande demanda. Eu sempre fui muito ousado na realidade, nunca fui muito de pedir permissão às pessoas, ou de ouvir muito o que as pessoas tinham para falar sobre mim, porque o que elas falariam sobre mim nunca me importou muito. Acho que é isso, dentro desse lugar de

entendimento, de percepção de quem eu sou, sempre fui muito eu e sempre tive liberdade para ser quem eu sou hoje. Eu nunca tive um movimento excludente com a família.

Nessa época, como era sua relação com amigos, na escola, no bairro onde cresceu?

Meus amigos sempre foram muito tranquilos, e muito do que eu sou também em relação à construção de identidade vem dos meus amigos. Meus amigos surgem em um lugar de sempre me verem do jeito que eu sou. Tenho amizades de infância até hoje, e que os meus amigos, os meus parentes, alguns parentes da minha prima, por exemplo, dizem: "a gente sempre soube quem você era desde muito pequeno porque você sempre se mostrou assim", isso é muito legal, porque essa galera anda comigo até hoje, tenho esses amigos de infância até hoje, as minhas amigas de infância.

Por exemplo, a construção do meu nome se dá porque meus amigos me chamavam de João, outras pessoas me chamavam de Hugo, muito numa brincadeira. O João [foi] da época que cortei o cabelo bem curtinho, a galera falava "está muito Joãozinho esse cabelo". Então virou um movimento de todo mundo me chamar de João. O Hugo vem de um amigo gay que dizia que eu tinha que ser o Hugo, de "O Gostoso", e aí todo mundo começou a me chamar de Hugo também. Assim, eu sou virginiano, mas a minha Vênus é Leão, tenho aí umas questões com a autoestima, ela é bem elevada, e eu sempre brincava com isso. Então todos os meus amigos ou me chamavam de João, ou de Hugo, então quando eu pude judicializar o processo de alteração de nome e gênero, tinha que escolher, e não conseguia escolher entre um e outro, e aí ficou João Hugo. Brinco que não escolhi meu nome, quem escolheu foram os meus amigos, porque eles já me chamavam dessa forma. Para mim, entendo que o processo de transição é uma grande peneira. Você filtra quem fica e você filtra quem vai. Então para mim foi um grande movimento de peneirar essas pessoas, de fato quem estava comigo, e quem estava ali e ia ser passageiro, era só uma construção de trajetória.

Alguma pessoa te marcou nessa sua jornada?

As vivências que eu tinha da minha família e das pessoas trans próximas serviram muito de referência para mim. Fui um adolescente que viveu Aruba, né? Aruba era uma praia que tinha ali na Boca do Rio [bairro de Salvador], que era uma praia LGBT, eu vivia muito lá, meus domingos eram naquela praia. Tinha boate, tinha show de drag, enfim. Vivi uma adolescência de Beco dos Artistas [rua de bares com público LGBTQIAPN+ no bairro do Garcia, em Salvador]. Fui um adolescente precoce. Com 15 anos eu já tinha 18. Fui criado livre, minha mãe sempre me deu autonomia para que eu pudesse sair. Ela sempre chamou de "liberdade vigiada". Minha mãe sabia onde eu estava, exceto quando eu estava nas boates que ela ficava pirada, porque ela dizia que se fosse pego com identidade falsa, eu não tinha endereço, não tinha casa, não tinha nada, mas fui um adolescente totalmente livre. Minha mãe sempre me deu liberdade vigiada, para eu fazer tudo que quisesse fazer com limites. E aí nesse movimento de vivenciar esses lugares conheci muitas pessoas trans, muitas travestis sobretudo. Elas sempre estiveram aí desde sempre. Acho que a minha maior referência desse movimento são as pessoas trans, travestis. As travestis sobretudo. No dia a dia, nos lugares onde frequentei, essas pessoas estavam ali.

Como começa um envolvimento mais forte com a militância?

Rapaz, eu fui empurrado para a militância, literalmente, pela família. Só que [com o tempo] começo a perceber que várias pessoas trans, principalmente meninos trans de periferia, não tinham acesso ao que tenho hoje e ao que eu já tinha antes. Até que realmente vou [para a militância] porque entendia que aquilo ali era positivo para outras pessoas, e eu conseguia fazer com que pessoas acessassem lugares que acessei e que elas precisariam de uma orientação, talvez por falta de conhecimento básico ou de noção de como acessar esses espaços. Depois de um tempo, crio uma casa de acolhimento, Casa Aurora, que é um projeto que é meu, uma idealização minha, que é uma casa de acolhimento para a população LGBT. Hoje a gente está sem espaço físico por falta de grana, então ou eu trabalhava e vivia, ou eu trabalhava e botava dinheiro na Casa Aurora e ficava sem dinheiro. Eu crio a Casa Aurora no movimento de entender que [minha participação] na militância não era só ficar

dando entrevista, ou nos grupos de WhatsApp mobilizando as pessoas para elas retificarem nome, gênero e tal.

A militância surge na minha vida no movimento mesmo de "porra, eu estou aqui, acessei essas coisas e quero que as pessoas também possam acessar isso, porque é um direito delas". Minha mãe [foi] manicure durante muitos anos, [recebia] muito dinheiro na época. Essa grana pagou minha escola, pagou meus cursos, me deu acessos que outras pessoas infelizmente não tiveram, em diversos níveis, de acesso à cultura, educação, tudo. Então para mim foi um movimento totalmente de "porra, preciso que as pessoas tenham acesso". Saio do lugar de estar no movimento social por relação familiar, mas vou para um lugar de entender que isso é importante e vou fazer minha caminhada para que as pessoas tenham esse acesso.

E como surgiu o interesse pelo trabalho no audiovisual na sua vida?

É muito doido. Eu sou do movimento trans, e aí estavam procurando pessoas trans para fazer parte de um documentário sobre esse processo de transição e tal. Aí a galera começou a fazer o casting, e alguém me indicou para falar nesse documentário. Os meninos e as meninas me gravaram, e acabei virando o personagem principal. Tem um doc chamado João, acho que está na Dimas [Diretoria de Audiovisual da Fundação Cultural do Estado da Bahia], que é comigo, e aí eles começaram a trazer um pouco do meu processo de transição, o início da minha hormonização. Só que nisso, para mim era muito cansativo ficar na frente das câmeras como um objeto ali sendo estudado. Você analisa a pessoa, bota a câmera, e é um movimento de rato de laboratório. E era muito cansativo para mim, falava "pô, não quero ficar aqui".

E aí nesse movimento [com as pessoas responsáveis pelo documentário] foi muito doido, porque eles começaram a me ensinar. Falei "pô, quero aprender isso aqui", e eles começaram a me ensinar. Então, a minha escola no audiovisual foi Elen, foi Emerson, foi Leandro, foi Riane, comecei a aprender a fazer o que faço hoje através dessa galera. Então, eles me colocaram para fazer produção, e aí eu ia, fazia produção das coisas, me colocavam na rua junto com eles para estar ali. Quando fui para morar em Manaus, fui com Elen e com Riane. Fui para fazer assistência de direção, fiz produção, fiz consultoria temática de roteiro,

então eu fiz escola, querendo ou não, enquanto trabalhava, né? Tudo que aprendi não foi a UFBA que me ensinou, não é a UFBA que me ensina. Venho desse lugar, de startar dizendo assim, "não quero ficar aqui na frente falando e me mostrando", porque isso para mim, apesar de ter um efeito para outras pessoas, para mim não vai ter um grande impacto. Inclusive, várias coisas que fiz de estar na frente da câmera, quase nada eu assisti. Mas foi muito nesse movimento de "quero fazer isso porque quero que estejam aqui outras pessoas como eu". Fazendo a coisa acontecer, sabe? Acho que o start começa por aí, vem daí esse movimento de fazer cinema.

Você se vê nessa posição de sujeito do fazer audiovisual e não de objeto na frente das câmeras. Por que especificamente produção?

Porque não consigo ficar quieto, a produção é mais emocionante, né? Para mim, quem faz o set é a produção. Quem faz o cinema acontecer é a produção. O diretor chega, com a câmera dele, já está tudo setado [organizado], bonitinho, ele senta, "corta", "ação", foi, fez. Mas quem estava ali por trás, fazendo a mágica acontecer é a produção, querendo ou não. A gente faz o todo, o produtor tem que botar o set para funcionar, senão o diretor não vai gravar. Então assim, acho que a produção é o meu lugar também de inquietude, sou muito inquieto.

Eu sou acelerado para tudo. Então, consigo fazer o que tenho que fazer dentro da produção. Faço outras coisas, gosto também, mas produzir, estar ali, ir para o set, sair correndo, eu sou produtor que tem carro, então se tenho que estar cinco minutos em um lugar, vou estar cinco minutos em um lugar. Sempre brinco que sou meio "velozes e furiosos", mais furioso do que veloz, mas consigo fazer as coisas com o que me proponho a fazer. Consigo botar um set para funcionar. [...] Para mim é muito doido ter um diretor que não conhece seu set, que não sabe o que está acontecendo, que chegou só para gravar, bonitinho, naquela cadeirinha dele de diretor, e foi. Porque a gente sabe que majoritariamente não são mulheres que estão nas direções, né? São homens brancos cisgêneros, que estão fazendo aquilo, e que talvez ele nem se preocupe com a equipe, ele vai se preocupar só com o que chegou ali para fazer. Então, a produção para mim é o meu tesão. É algo de quem faz o set acontecer, é quem bota as coisas para andar, e eu preciso me sentir movimentado.

Queria que você falasse um pouco sobre as suas experiências com audiovisual e quais caminhos essas experiências te levaram até onde você está hoje. Você mencionou um trabalho em Manaus...

A minha primeira produção foi numa série documental chamada Diversidade, que passou na TVE. A primeira de fazer assistência de produção. Em Manaus, acho que foi minha segunda grande produção. Eu fiz pequenas coisas aqui [em Salvador], mas grande mesmo foi Manaus, onde morei quase oito meses, fiquei um bom tempo lá. Foi uma experiência bem única, bem legal, e aprendi muito, porque foi minha primeira experiência de fazer várias outras coisas dentro de uma única proposta. Essa série foi também para a TVE, foi um edital público, foi uma coisa bem grande e foi meu primeiro cachê alto. No total, eu tinha fechado um cachê de 17 mil. Pelo tempo, para fazer todas as funções, então para mim foi bem legal essa experiência.

E no retorno de Manaus, como funcionam os trabalhos em Salvador?

Eu retornei de Manaus e senti uma diferença, porque eu vinha em um ritmo de oito meses de trabalho, e aqui foi um movimento bem devagarzinho, demorei um pouco para me estabilizar no mercado. Ainda sinto que mesmo estando tanto tempo trabalhando, eu ainda sinto esses acessos mais difíceis. Percebo que a gente tem um mercado onde todo mundo se conhece, mas todo mundo tem suas panelinhas, todo mundo já tem suas equipes, então sinto que é um pouco difícil entrar em algumas produtoras.

Hoje eu faço trabalhos para algumas produtoras, e produtoras de fora me procuram para fazer produção local. Então hoje é um outro ritmo de trabalho. [No período em que esta entrevista foi realizada] estou sendo chamado para fazer o segundo turno de uma campanha política, então estou bem sofrendo aquele assédio que eu gosto, né? De tipo, "poxa, você já fechou com outro trabalho, mas venha, vou pagar mais". Antes não tinha isso, e só sou eu e minha mulher hoje para dar conta das coisas, então cachê alto é uma parada que gosto muito. Todo mundo, né? Mas assim, se já dei minha palavra para você, vou fechar com você, porque sei que se eu saio no meio do processo pode afundar o barco e também meu nome, [podem dizer] "porra, largou a gente no meio do processo". É bem doido isso, porque ao mesmo tempo que a gente se

sente desvalorizado, outra hora a gente é bem valorizado no nível que a gente fica bem perdido no que fazer.

Você mencionou no questionário antes da entrevista que teve um momento que você parou de ser chamado nos projetos apenas para "preencher cota". Conta um pouco de como foi esse processo.

Logo no início eu só fazia coisas que eram LGBTs, e não queria só fazer isso, porque o fato de eu ser uma pessoa trans não significa que tudo meu tem que ser baseado nisso, né? E era muito doido. Eu tinha um questionamento: "porra, não sou um produtor só para trabalhar com essa temática, sou um produtor para trabalhar com tudo". Acho que isso tem mudado com o tempo, com o amadurecimento, com o nível de passabilidade, que isso também vai contando no processo.

Você tem se sentido mais valorizado pelo seu trabalho? Como se deu esse ponto de virada?

Eu acho que a questão da passabilidade é um marcador, quanto mais a gente vai tendo leitura de quem de fato a gente é isso vai mudando, acho que o fato de exercer um bom trabalho, outras pessoas vão me indicando, e isso vai saindo dessa bolha, porque acho que a gente tem uma bolha, né? O cinema baiano é uma bolha, as produções que a gente faz, apesar de serem diversas, a gente tem suas microbolhas e partículas ali, e eu percebia que estava ali preenchendo, estou aqui porque sou uma pessoa trans e no edital tal tem que ter pessoas LGBTs para preencher tal cota. Percebo que vou saindo desse lugar a partir do momento que vou mostrando que o meu trabalho é para além de ser uma pessoa trans, né? Até porque não sou um produtor trans, eu sou um produtor, pronto. Sou um produtor, ser uma pessoa trans é um dos meus adjetivos de vida, assim como ser um homem negro, enfim. E vou percebendo que isso vai fluindo a partir do momento em que vou mostrando o meu trabalho, que vou entregando resultado, que as coisas vão fluindo e funcionando, estar em espaços onde majoritariamente existem pessoas cis também é um lugar de romper ali com algumas coisas, né?

Claro, eu sou uma pessoa trans que estou dentro de uma normatividade

de gênero, estou dentro de um padrão de gênero, sei disso, sempre digo que fui criado como homem, porque eu ficava com o meu irmão, era um reflexo dele, era o irmão com quem ele ia jogar bola, que ia jogar videogame, que ia para fazer as coisas com ele, sabe? Então entendo que estou nesse processo de ser criado como homem, de ter me forjado dentro de uma masculinidade desde muito novo, sei totalmente disso, e algumas coisas estou dentro desse espectro, desse padrão de gênero, que é muito doido, ser uma pessoa trans e estar dentro de um padrão de gênero que é da cisgeneridade. É um conflito eterno isso.

Então percebo que hoje consigo estar em lugares independentemente da minha identidade de gênero, mas pelo que eu executo, pelo que eu faço, mas também consigo perceber que existem pessoas que ainda têm seus entraves em contratar pessoas trans para que elas façam outras funções que não sejam essas específicas que as pessoas atribuem ao gênero, como cabelo, maquiagem, camaria, enfim. Estou ali enquanto pessoa trans, e não sou cabeleireiro, não sou maquiador, não sou nada disso dentro do audiovisual. Então é isso, a gente vai percebendo na sutileza como as coisas vão funcionando na grande máquina, né?

Você se considera financeiramente realizado com o trabalho com audiovisual?

Eu não me sinto financeiramente realizado ainda, não ganho mal, mas também não ganho bem, e isso vai depender sempre de projeto. O que eu observo? Quando você é chamado para alguma empresa de fora, sul, sudeste, centro-oeste, é bem remunerado. Vários trabalhos que fiz em Salvador, tipo assim, você bota seu carro no bolo e nem ganha por isso, pela manutenção desse veículo que vai estar em produção. Coisas básicas, né? Você tem que mendigar uma diária, porque a pessoa quer te dar 25 reais de alimentação para você comer. Estou falando de produções que a gente sabe que no escopo daquele trabalho tem coisas que podem ser bem remuneradas, e aí a gente acaba sabendo que nem sempre essa produção vai renumerar bem. Então, para mim ainda tem aí um caminho a ser conquistado em Salvador. Quando preciso chamar alguém para fazer assistência de produção comigo, a primeira coisa que pergunto é o cachê da pessoa e se aquela pessoa vai ganhar alimentação e transporte, porque para mim não adianta tirar uma pessoa de casa, para fazer

produção, passando o dia todo fora, e minimamente essa pessoa não ter a garantia de que ela vai se alimentar bem, que ela vai chegar em casa bem.

Como é trabalhar com audiovisual na Bahia?

Eu acho que a remuneração de fora sempre é muito melhor, né? Mas tem muitas coisas boas no cinema baiano. A gente é autêntico, a gente tem calor, a gente tem química, as nossas histórias são bem contadas, a gente tem excelentes atores, a gente tem excelentes profissionais, então isso faz com que no set as coisas aconteçam e fluam positivamente. Aqui é a Bahia, né? Literalmente é um meme, é a Bahia, então assim, o calor, nas sextas-feiras tinha que estar todo mundo de preto, mas está todo mundo de branco, sabe? Mesmo que a gente saiba que a gente não pode estar de branco no set porque se estiver gravando vai refletir, vai reverberar, vai rebater, mas metade de um set todo mundo é macumbeiro. O catering na sexta-feira não vai ter dendê? Então isso para mim é outros quinhentos, sabe? É a sensibilidade que a gente tem com outro, é o cuidado.

Às vezes as pessoas de fora estão o tempo todo no foco do trabalho sem se preocupar com quem está ali do seu lado. As pessoas que contratam a gente que são de fora acham que a gente não sabe trabalhar, que nós somos amadores. Gente, eu sou muito ousado, então tipo assim, eu não tenho medo de perder o trabalho, mas também não quero que as pessoas passem por cima de mim. Vou trabalhar, vou chegar no sapatinho, vou fazer o que tem que ser feito, mas assim, não venham de fora achando que quem está aqui não sabe fazer, não sabe trabalhar. Para mim isso é muito doido, aqui a gente é muito caloroso com todo mundo, a gente se preocupa com a equipe, a ordem do dia tem um "vai dar certo", quando faço a ordem do dia mesmo, sempre boto alguma [mensagem] para a gente se identificar e entender que a gente está ali entre pares e que majoritariamente a equipe sempre é preta. Então o audiovisual baiano tem seu sabor, tem seu crème de la crème da gente estar ali, de funcionar.

A gente é mal pago? É, fato, falo isso em qualquer lugar, a gente é mal pago. Já tive trabalho de dizer "não, eu fui contratado para uma coisa, e está saindo do escopo do meu trabalho, para fazer isso é esse valor", porque a gente tem a mania [de fazer desvio de função ou função dupla], e aí a gente tem que

ter a sagacidade de entender que a gente está sendo explorado. A gente vai fazendo porque a gente quer experiência, mas chega um momento que a gente já está começando a entender que o lugar de ter experiência tem limite, a gente não pode ser roubado, né? Ou tirado do que é nosso. Eu sou do candomblé, então tem uma coisa que aprendo muito com Exu: o que não é troca é roubo. Sabe? O que não é troca é roubo, então se estou ali, só estou dando e não estou recebendo nada em troca, isso seja aprendizado, qualquer outra coisa, estou sendo roubado. Meu tempo está sendo roubado, minha ideia está sendo roubada. Quando falo que sou muito tranquilo quando estou trabalhando... [na vida] eu sou estressado, sou agitado, sou tudo, mas quando estou no set sou extremamente profissional. Então não posso surtar se está todo mundo surtando. Sou produtor, produtor não surta. Produtor resolve o surto, resolve o problema. Se diretor surtou, quem está surtando é o diretor, não é o produtor.

E enquanto uma pessoa trans, como é trabalhar no audiovisual baiano?

A gente já avançou muito, já tem aí várias outras pessoas trans dentro de indústria, né? Acho que a gente ainda vira um pouco token, ainda é o lugar de preencher as cotas para alguns projetos. Para outros nem tanto, [pois] as pessoas realmente preferem ter uma equipe diversa e sensível. Sinto que as pessoas deram uma melhorada, politicamente falando, na perspectiva de cuidado. A gente ainda tem muito do que as pessoas idealizam do que é uma pessoa trans, ou de como uma pessoa trans se comporta, mas tem gente que sabe que a realidade para pessoas trans no Brasil em relação à empregabilidade é diferente de outros lugares no mundo. Então tem pessoas que de fato querem trabalhar com pessoas trans para oportunizar e sem parecer que é um lugar de token, sem parecer que é um "chaveirinho" ali, [só para poder dizer] "que legal, tem uma pessoa trans na minha equipe, eu sou legal". Não, uma pessoa trans exerce a mesma função de qualquer pessoa cis. A única diferença é que uma pessoa é cis e outra é trans, e esse fato vai ser totalmente nulo em relação à capacidade técnica que aquela pessoa tem de executar seu trabalho.

Gente, a pessoa trans não é burra, né? Independentemente de ela ser uma pessoa cis ou trans, ela sabe o que está fazendo. Se ela está ali é porque ela tem competência técnica para executar o que está sendo pedido. [...] Não quero que

as pessoas me olhem como “João trans”. Não, quero que me olhem como “João produtor”, “João profissional”, sabe? Ser trans é uma das minhas características enquanto ser humano.

Eu percebo que a gente tem tido uma abertura maior dentro do cinema, dentro do audiovisual baiano. O que para mim é muito difícil é a relação de raça. A gente percebe que majoritariamente as pessoas trans que estão aí são pessoas brancas, né? Mas aí eu não vou para o lugar da transgeneridade, vou para o lugar de raça. É muito mais fácil ter pessoas brancas nos lugares do que ter pessoas pretas. E quando essas pessoas pretas são dissidentes, sejam pessoas cis que não performam uma binariedade de gênero, seja uma pessoa trans que não performa uma passabilidade, aí a gente entende que é um lugar também da raça. Porque comungo da perspectiva de que raça vem primeiro. Raça vem primeiro, porque às vezes a gente tem passabilidade, e a transgeneridade fica ali [escondida], mas raça vem primeiro, então eu sinto que muitas pessoas trans brancas acessam mais espaços do que pessoas trans negras. Isso é um fato. Então, para tudo, raça, na minha perspectiva enquanto pessoa negra, vem primeiro.

Pensando nessas interseccionalidades, enquanto homem trans, negro, bissexual, em um relacionamento heterorromântico, você pode compartilhar um pouco da sua vivência e suas percepções no trabalho com o audiovisual?

Velho, eu estou em um lugar hoje muito privilegiado. Então tem coisas que ou eu realmente já não percebo, ou simplesmente elas não acontecem porque já tenho uma trajetória. Acho que as pessoas já sabem quem eu sou, ou eu tenho uma personalidade forte e já mostro isso logo. Então, estou em um lugar que algumas coisas já não acontecem mais comigo. Já estou em um lugar em que posso ver uma situação acontecer e dizer “não, ei, isso não”, sabe? Muito mais de defender o outro, que o outro precisar me defender. Tenho autonomia, já não moro mais com os meus pais, já tenho uma idade, já tenho uma experiência, então assim, várias coisas já vão me tirando desse lugar de estar vulnerável. Todo mundo é vulnerável, seja cis ou trans, todo mundo estando vivo tem suas vulnerabilidades, mas eu falo em relação a passar por algumas situações, isso já não acontece mais.

Você retificou o nome, tem passabilidade, as violências só acontecem quando você precisa expor a sua identidade, não é? Em relação à transição, por exemplo, eu não sinto... as violências não me atravessam mais, já não acontecem com frequência. É muito mais fácil sofrer racismo do que sofrer transfobia, por exemplo. E muito pouco, porque sou homem negro de pele clara. Por exemplo, quando estou com a minha mulher, que é uma mulher negra, percebo muito mais as coisas acontecerem com ela do que comigo. Então, são coisas que a gente vai percebendo no tête-à-tête, no dia a dia. Consigo perceber, por exemplo, o fato de uma pessoa sofrer racismo ali na hora. Percebo que quando às vezes a gente trabalha com pessoas brancas, elas criam algumas estratégias e elas fazem racismo recreativo com a galera que está em um cargo mais abaixo, que elas acham que uma pessoa que está na limpeza é super inferior a elas. A pessoa é tão importante quanto [todos ali], oferecendo seu serviço, mas consigo perceber quando é um homem branco e uma relação com o motorista, por exemplo. Consigo perceber essas camadas que talvez se eu não fosse uma pessoa trans, não fosse uma pessoa negra, jamais perceberia, no dia a dia, no trato, no trabalho. Acho que consigo filtrar e perceber mais essas situações com o outro do que quando acontece comigo.

Você mencionou no questionário antes da entrevista que não acha hostil o ambiente do trabalho no audiovisual.

Para mim não é. Para mim, comigo, com o João Hugo, não é um ambiente hostil, não é um ambiente onde eu tenha sofrido violências. De fato, ou as pessoas sabem que eu sou muito doido e que se fizer é "toma lá dá cá", ou talvez elas já me conheçam, [já sabem que] sou um excelente profissional, mas não quebrem a linha do respeito comigo, sabe? Em relação a isso, nunca tive questões. Sei que isso acontece, já vi situações que aconteciam com outras pessoas, e aí eu volto para o lugar de [que] a passabilidade, querendo ou não, é um escudo, né? Com outras pessoas consigo perceber que isso acontece, nos bastidores. Um motorista que vai buscar uma travesti para ela fazer uma cena, e aí automaticamente associa essa travesti com o gênero oposto ou faz comentários extremamente transfóbicos. Isso vivenciei, isso já aconteceu. Dentro dos lugares que sou chamado para trabalhar, espero que eu continue

executando um bom trabalho e que com isso não tenha nenhum tipo de estresse, que no mínimo eu precise intervir quando alguém sofre, [mas não] comigo. Porque a gente sempre pensa como vai reagir, mas de fato a gente nunca está preparado para sofrer aquilo, então até hoje o orixá me livrou dessas enrascadas.

Você sente que está em segurança nos ambientes de trabalho com audiovisual? Acha que é um ambiente seguro?

Sim, nesses lugares nunca me senti em perigo de sofrer violência física ou violência sexual, nada disso. Mas também se algum dia alguém vier para cima de mim, eu boto minhas práticas de jiu-jitsu para jogo. Mas não é uma preocupação não.

Você acha que o audiovisual na Bahia é um ambiente acolhedor? Pensando na diferença entre ser um ambiente seguro e ser um ambiente que de fato acolhe a diversidade.

Acho que o cinema baiano tem o seu sabor, sabe? Acho que a gente tem um tempero. A gente está tão acostumado com todo mundo tão diferente do outro, com todo mundo com as suas especificidades, isso fora de relação de gênero, de sexualidade. Acho que a gente está tão habituado com pessoas que são diferentes. Cada pessoa, cada baiano, cada baiana, cada pessoa metropolitana, tem seu jeitinho de ser. Às vezes a gente é parecido em umas coisas, mas a gente tem as suas especificidades, então acho que isso faz com que o ambiente seja um ambiente massa para trabalhar. Até hoje não tive questões em nenhuma produção que trabalhei em Salvador. Acho que os seus nichos têm as suas peculiaridades. A galera da publicidade é mais entojada, porque eles acham que são melhores [porque] recebem mais, muito dentro desse lugar, mas não por conta de orientação sexual, raça, nem nada. A galera que trabalha no teatro é mais solta, e a galera do audiovisual [fala] “fulano é viajado porque fulano é do teatro”. A gente tem os seus olhares, os seus estereótipos, mas acho que quando a gente forma uma equipe que é massa, o ambiente fica sempre muito gostoso.

De que maneiras as suas identidades, carregadas de sensibilidades que são próprias suas, entram nos seus ofícios e como isso influencia aquilo que você faz no audiovisual?

Isso é doido, né? Porque o olhar é tão atento a tudo o tempo todo, a ponto de chamar alguém e dizer assim, "poxa, talvez eu acho que mudaria essa fala de fulano de tal", sabe? Já aconteceu.

Mudar falas do roteiro?

Sim. Às vezes sinto a necessidade. Não sou entrão, mas às vezes sinto a necessidade, quando tenho abertura com a pessoa, com roteirista ou com diretor, de chamar e dizer "acho que isso aqui não vai ficar legal, isso aqui é pejorativo". Talvez a pessoa não tenha se atentado. Sou bem sério trabalhando, quase não brinco, estou sempre atento às coisas. Uma coisa ou outra a gente dá risada, brinca e tal, mas quando tem uma piada que é sem graça, que é sem noção, e quando é uma pessoa que tenho intimidade, chamo ela, troco uma ideia. Então acho que as minhas vivências também impactam no meu dia a dia para fazer com que o ambiente não seja hostil para outras pessoas e para mim, principalmente. Mas tento interferir nas coisas quando realmente sei que tenho abertura para isso. Às vezes não [tenho abertura], e a gente sabe que aquela pessoa não vai mudar o pensamento, então não entro naquela energia. Mas tem gente [que dá para] chegar e trocar uma ideia, sabe? É mais fácil de ser maleável no diálogo.

Como é sua relação com colegas de trabalho? Você considera que tem parceiros significativos aqui na Bahia?

Geralmente tenho pessoas que acabam levando para a vida, para outros trabalhos. Pessoas que já trabalhei me chamam para outros trabalhos, eu chamo pessoas que já trabalhei para outros trabalhos. Tem pessoas que a gente estabelece conexões, redes, contatos, tem gente que é só networking, gente que fica na nossa vida, enfim. Não tenho nenhuma dificuldade em socialização com as pessoas, sou muito de boa. Eu diria que sempre tive o movimento de ser o menino popular da escola e nos lugares que estive. Então para mim socialização é bem tranquilo. Claro que tem gente [que penso] "poxa, esse cara

é um bosta, tem um trabalho massa, mas é um bosta", e aí já não dou muito ibope. Mas tem gente que a gente leva e fica.

Por fim, se você pudesse enviar uma mensagem para a criança que você foi um dia, o que você diria para ela?

Porra, acho que eu fui uma criança foda, fui uma criança livre, então se tivesse sido uma criança polida de tudo, não seria a pessoa que sou, o adulto que sou hoje, sabe? E muito obrigado por ser uma criança livre, acho que isso me faz o homem que sou hoje, a liberdade que tenho hoje, e principalmente muito obrigado por não ter sido uma criança rebelde com a mãe. Como eu digo, minha mãe me deu liberdade vigiada, então por ter uma liberdade possível, não fui uma criança que me envolvi com droga, com álcool, nada disso, então fui uma criança livre, pude brincar, pude ser tudo que eu podia ser na minha infância e me tornei um adulto livre, que fala das coisas sem tabu, que não foi repreendido, então assim, a criança que eu fui foi uma criança massa, e eu agradeço muito porque sou um adulto hoje livre.

E o que você diria para jovens LGBTQIAPN+ na Bahia que estão pensando em seguir o audiovisual?

Se empoderem, não se vendam barato e não deixem que as pessoas passem por cima de vocês por terem um rosto bonitinho, [não deixem que digam] "vou ter peninha de você porque você é LGBT, vou te botar aqui". Não. Se você sabe seu valor, seu trabalho, faça seu trabalho e se valorize. Acho que se você não se valorizar, nenhum outro profissional vai valorizar você e seu trabalho. Acho que é o principal. Seja ousado, tenha ousadia.

6 CORAGEM, CORAGEM, CORAGEM

> "Respira, toma coragem e vai. Vai viver. Eu diria isso, coragem. Coragem, porque é a única coisa que eu posso dizer para o Elson novinho."
>
> .

ELSON ROSÁRIO pode até sentir vontade de dar esse conselho a si mesmo mais jovem, mas ele é uma pessoa corajosa. Com muita generosidade e vontade de viver, ele contou detalhes de sua trajetória pessoal e artística. Elson nos leva a conhecer uma história que é ao mesmo tempo comum e extraordinária. Suas vivências enquanto pessoa LGBTQIAPN+ soropositiva e sua jornada no audiovisual nos fazem refletir sobre vida e morte, e sobre o que fazemos entre elas.

Pode começar falando um pouco sobre quem é você?

Elson: Sou um homem gay, pardo, né? Porque lá na cartilha da heteroidentificação não dá para ser preto, então sou pardo. Tenho 63 anos. Sou bissexual no sentido de que já fui bissexual. Hoje minha preferência é exclusiva por homens, mas tive aquela fase na adolescência que eu tinha namoradas e quando tive o primeiro namorado ainda fiquei um tempo indo para lá e para cá. Enfim, já fui casado algumas vezes com homens. E hoje crio duas crianças, uma de 91 anos e outra de 87, porque filhos gays, homens gays sem filhos, são os candidatos preferenciais a tomar conta dos velhos, né? Minha mãe foi passar umas férias comigo e meu marido e não saiu nunca mais. Isso já vão vinte e tantos anos.

Meu pai é bissexual, quem trouxe ele para Ilhéus foi um caso que ele

conheceu, um vendedor de porta em porta. Conheceu o cara, o cara pegou [ele], era muito gostoso, trouxe meu pai para Ilhéus. Meu pai ficou convivendo com esse cara, conheceu minha mãe e aí comeu minha mãe, foi obrigado a casar. Enfim, a confusão já começa daí, amigo. E só fui descobrir isso tempos depois. Foi ótimo ter descoberto isso para mim.

Com os 15 anos de idade, eu assumi para minha família. Imagine que tempos depois [meus pais] me exilaram, fui fazer um intercâmbio em Michigan, nos Estados Unidos. Foi mais ou menos assim, descobriram que eu era viado e me mandaram embora para longe. Uma cidade de interior, mas que era uma cidade que tinha uma universidade, Universidade Central de Michigan. Foi uma experiência fantástica para mim, me abriu o mundo. Fui discriminado por ser latino-americano e sofri o primeiro caso de discriminação racial, isso me deu uma visão de mundo bacana. E aí quando voltei, queria fazer direção teatral, mas fui fazer agronomia, em Cruz das Almas. Ou seja, eu fui parar em um ambiente homofóbico, machista e misógino até o talo. E foi interessante que virei uma liderança lá. E nisso, um coleguinha que eu tinha me apaixonado no segundo grau [entra na universidade] e a primeira coisa que ele faz é dizer que eu era viado. Rapaz, eu encarei de frente, porque se você nega, se você se esconde, é pior, meu irmão. Você fica à mercê. E o tanto de viado que tinha lá...

Era um campus isolado, no interior, que a diversão era beber cerveja, fumar maconha, né? Enfim. Ainda tinha um cinema na cidade, que livrava a cara da gente. Eu fiz miséria naquela escola, [mas] eu tinha que ser um excelente estudante, porque ainda era época da ditadura. Entrei em 1980 e passei em 12º lugar, sempre fui um bom aluno. Viado [é] tudo inteligente, é uma coisa que... nem sempre, tem umas bichas burras que Deus me livre. Eu sei que adorei ter feito agronomia, adorei ter feito. Tive que encarar homofobia da universidade e virei uma liderança, porque me candidatei... eu era um calouro ousado. Sempre tive esse perfil de líder.

Você nasceu em Ilhéus mesmo?

Nasci em Ilhéus. Fui feito ali no [bairro] Pontal. Meu sonho é sair fazendo minha biografia nas vinte ou trinta casas que morei em Ilhéus. Não chega a ser tanto não, mas meu pai nessa coisa de enricar mudou muito de lugar.

Passei metade da minha vida em Salvador, uns 29 anos, e morei em 12 lugares diferentes lá. Enfim, tenho essa alma de cigano, mas nasci em Ilhéus, sou daqui. Eu voltei em 2017. Fui obrigado a voltar, amigo. Porque em 2015, com o golpe, eu disse assim "vai foder tudo, vou me lascar", e 2016 de fato aconteceu, e no dia 10 de janeiro de 2017 voltei para Ilhéus. E eu brinco que me autoexilei em Ilhéus. Mas tinha que vir, amigo, porque como é que eu ia viver em Salvador [trabalhando com cultura] sem cliente? Perdi os clientes, então foi uma merda só, sete anos em depressão. Não é brinquedo não. Saí depois através da música, voltei a cantar, depois de 30 anos voltei a cantar. Mas sou de Ilhéus.

Você trabalha principalmente com produção de elenco, correto? E tem outras funções que você exerce?

Ah sim, produção de elenco, me especializei nisso. Faço tudo, aprendi fazendo. São mais de 20 longas-metragens, então se não tivesse aprendido alguma coisa... Minha produção autoral é pequena, porque exige muito, você parar para ficar cinco, seis anos [focado nisso]... Vamos fazer documentário que é mais rápido. Nunca tinha dado valor à minha trajetória não, e depois que eu fiz [uma pesquisa sobre os meus trabalhos para a inscrição em um prêmio de reconhecimento de trajetória artística, o qual ganhei] que comecei a entender a porra que eu tinha feito...

Acho que valeu a pena. Não fiquei rico, nem vou ficar, porque com essas coisas que eu faço não vou ser rico nunca. Mas o que vale a pena foi o conhecimento que passei e as amizades que fiz. Se fosse fazer um festival de cinema hoje em Ilhéus e convidasse as pessoas que conheci, acho que todas viriam sem pestanejar, sem cachê, sabe? Acho que daria para fazer uma festa. Tenho um sonho de fazer, principalmente com as mulheres, que foram muito mais importantes do que os homens nas influências que tive. Foram as mulheres que me jogaram para ser profissional, várias delas. Isabel Diegues, filha de Cacá Diegues, depois Marisa Figueiredo, que é uma produtora executiva. Depois vem Diana Gurgel na Bahia, né? Fátima Froz. Mariângela Nogueira, que foi a primeira pessoa que me chamou para fazer um comercial, me achou no Porto da Barra [em Salvador] e me levou para fazer um comercial, por causa do bigode, né?

Na Bahia percorri muito, [trabalhei em] muitas cidades. Nunca saí da Bahia

para fazer filme fora daqui, já saí para fazer campanha política, mas filmes não... nunca quis sair daqui. Sempre fui moço caseiro. Gosto de Ilhéus, não vou sair daqui mais, vou trabalhar daqui. Tem um aeroporto ali na esquina, eu agora quero contar essa história daqui. É muita história, e quero contar as histórias daqui para as pessoas daqui mesmo. Se as histórias por um acaso caírem na internet, forem para fora, ótimo, mas é para contar para a galera que mora aqui mesmo, sabe? Estou bem convicto disso agora.

Queríamos falar um pouco sobre a descoberta de sua sexualidade e da sua autoaceitação. Como você se sentiu?

Teve um momento que me apaixonei por um colega de sala e cheguei a pensar em me matar. Fiquei profundamente apaixonado e aconteceu isso porque eu não estava aguentando [segurar]. Me apaixonei pelo cara, me declarei para ele, ele espalhou pela escola que eu era gay. Isso durou um dia. Durou um dia. Pensei "porra, que nada, que isso, maluquice, você é mais do que esse cara", sabe? Tenho muita vontade de viver e tenho amor-próprio imenso. Não sou esse herói todo não, de autoaceitação, mas isso foi na década de 1970, eu tinha 14 para 15 anos.

Como você se abriu para a sua família? Como eles te acolheram?

Coincidiu com a desestruturação da família. Porque meu pai... como é que meu pai [bissexual] ia aguentar a sexualidade dele em um casamento? Um casamento que ele foi forçado a fazer. E aí começou a fazer filho, né? Fez seis filhos com a minha mãe. E aí é nessa fase também que eles têm a primeira separação, logo depois que voltei do intercâmbio. Aí é merda total, amigo, porque traumatiza todo mundo. Meu pai vinha chorar no meu ombro, porque minha mãe cansou e deu um belo de um corno nele. Aí ele com o machismo dele, a cidade toda ficou sabendo que ele era corno, que era pior do que ser viado.

Nessa época você tinha apoio de amigos?

Sim, aí que entra a minha coragem de me abrir para os amigos, quando comecei a falar com algumas pessoas, a frequentar o ambiente gay da cidade.

Aí foi que comecei a ver que... rapaz, a primeira vez que entrei numa boate gay e vi dois homens se beijando eu tomei um susto! E eu já era gay, já tinha feito tudo com homem, mas quando você vê assim, aberto, em público, né? E aí comecei a frequentar o ambiente gay de Ilhéus, que é uma coisa maior do que eu imaginava. Muitos homens casados gays. Eu tinha um grupo de teatro em Ilhéus e um grupo que a gente fazia música, sou compositor também, comecei a cantar e tocar violão nessa época. Depois, enquanto estudante de agronomia que chegava em Ilhéus e me encontrava com essa turma, a gente fechava todos os bares.

Já que você fez faculdade de agronomia, como se deu a virada de chave para trabalhar com audiovisual, com cultura?

Não teve virada de chave, pelo contrário. Teve um retorno ao que eu era, comecei a cantar com cinco anos de idade...

Nos anos 1990 foi assim: eu vou para Salvador, começo a fazer comerciais de TV, começo a fazer produção de teatro, e [a trabalhar] como ator de teatro também. Aí [uma amiga] me convida para fazer comerciais com ela na Videograve, que também é da pré-história da publicidade e das produtoras de Salvador. E [então] um diretor de São Paulo, Noé, da Arca Filmes, me chama para trabalhar com ele.

Nessa época me apaixono por Rossi, um ator de São Paulo, que veio fazer um espetáculo em Salvador, e vou atrás da paixão. Só que o cara era virginiano, não queria ter caso com ninguém, e lá vou eu para São Paulo. Fui para São Paulo duas ou três vezes atrás de namorados, cara. E aí cheguei lá, trabalhei seis meses, foi quando me profissionalizo. E, realmente, trabalhar em São Paulo seis meses valeu por um curso universitário inteiro. Aprendi a fazer na prática. Foi a primeira vez que fui em um set de filmagem, do filme A Dama do Cine Shanghai. Rossi fazia os adereços do filme, e eu fui lá com ele levar os cigarros que Maitê Proença fuma em cena, aquela cortina que aparece no filme, e foi a primeira vez que entrei no set de filmagem. A primeira vez que vi teatro eu tinha seis, sete anos de idade, me apaixonei perdidamente por teatro. Mas foi quando entrei no set de filmagem que eu disse assim: “quero fazer isso”.

Foi nesse momento que o interesse por trabalhar no audiovisual surgiu de verdade na sua vida?

Rapaz, eu já tinha muita curiosidade. Mas aí na hora que você vê a coisa acontecendo é que você enlouquece! Como ator, fiz muita figuração, contracenei com Regina Dourado, com Andréa Elia, as meninas que hoje são grandes atrizes. Nessa época, vi Ivete Sangalo fazer teste para um comercial da Santana – como dançarina, não era nem como cantora. Daniela também! Nesses anos que morei em Salvador, acompanhei também todo o surgimento do axé music. Morei na casa dos diretores do Ara Ketu. Então, [mesmo] nesse momento que tem a crise do cacau [que atingiu a região cacaueira do sul da Bahia, onde fica Ilhéus], não me afetou em muita coisa não, porque eu estava vivendo outra vida, em outro local. Meu pai já tinha se desfeito das coisas, então o baque que ele tomou foi o mesmo que todo mundo. Inclusive, meu atual projeto de documentário chama-se O Cacau na Vida da Gente, que eu conto a influência do cacau na vida de determinadas pessoas.

[Então, nesse período, o problema é outro:] Fico um ano em Salvador sem ninguém me dar oportunidade, porque tinham medo da minha competência. A verdade era essa. "Não, não vou botar Elson aqui dentro, vai tomar o lugar da gente". Aquela coisa. Mas também fui abrigado por amigos fantásticos, como Chiquinho Lima, que é um cara daqui de Ilhéus. Ele me deixou ficar morando com ele um ano lá e ele bancando a maior parte das despesas, tanto que o primeiro cachê que consegui depois dei todo para ele.

Nesse momento é que eu entro no audiovisual. Estava fazendo uma ópera [quando fui chamado para fazer um filme], e lá vou eu de mala e cuia, para fazer Tieta [do Agreste, 1996, filme de Cacá Diegues]. Primeira experiência no cinema – em cinema mesmo, enquanto trabalhador do audiovisual – foi lá, eu era o assistente do assistente.

Você aprendeu a fazer [o seu ofício] no set de Tieta?

Exatamente. A Isabel Diegues, filha de Cacá Diegues, me dá o rádio e diz assim, "olha, vai chamando as pessoas [figurantes]", porque aquela cena da chegada de Tieta na cidade, que foi a primeira a ser rodada, durou uma semana: [tem o] padre, quarenta anjinhos, quarenta crianças com asinhas para cantar

para ela, e todas as personagens da cidade estão em cena para receber Tieta, esperando ela chegar. Aí chega ela com aquele conversível vermelho, corta o caminho e salta do carro: uma semana para fazer aquilo. No primeiro dia [já] foi assim. Foi a partir daí que comecei a tratar figurante como quem trata atriz principal, porque é uma máxima que eu tenho, que é um trabalho coletivo: por que você vai tratar pior o cara que é figurante? Não pode. Eu aprendi fazendo. Era muita gente já na primeira cena, foram quase 100 pessoas de todos os tipos, e eu chamando para posicioná-las... Eu não sabia o que era ordem do dia, sabia nada, aprendi fazendo.

Alguém estava te guiando nessa primeira experiência?

Tinha Bel [Diegues], que era assistente do pai, que era quem dizia as coisas, e eu ia pegando. Então, me dei tão bem nisso aí que quando vieram rodar Guerra de Canudos [1997, filme de Sérgio Rezende], a Marisa Figueiredo, que também era a coordenadora de produção de Tieta, me chama para fazer. Minha "pós-graduação em cinema" foi fazer Guerra de Canudos, que aí foi outro patamar, amigo. Meu segundo longa-metragem, a maior produção da época, seis milhões de reais.

Nessas experiências, houve algum tipo de clique de "é aqui que eu vou me encaixar", ou você gosta de circular por diferentes áreas das artes e da cultura?

Rapaz, eu faço até batizado de boneca, amigo, eu gosto é de fazer coisas. Sou um organizador de coisas. E depois de pessoas, porque não dá para fazer coisas sem organizar as pessoas. Me sintetizo nisso, sou organizador. Gosto de criar, de inventar coisas também. Mas gosto de fazer mesmo, botar a mão na massa e fazer as coisas.

O desfile Brasil 500 anos, então, foram 1749 pessoas que botei em cena ali, com duas equipes. Eu já tinha um know-how de como trabalhar com grande número de pessoas, como organizar isso, que aprendi fazendo em Guerra de Canudos, que eram 400 figurantes por dia, o grosso era eu que cuidava. Tinham quatro pessoas que me ajudavam, que eram agentes de saúde familiar, [porque] essas pessoas conhecem todo mundo. Se chegar numa região que a

gente ia fazer a convocação da figuração do sertão brabo, você vê a miséria do Brasil na sua frente, você chegava numa casa para fazer figuração de criança, os caras não tinham água para beber, meu irmão, comida muito menos. E teve a cena de invasão de Canudos pelo exército brasileiro, foram 2500 figurantes.

Aí me especializei nisso e adoro fazer isso, adoro. E aí tem a coisa da produção do elenco, de você lidar com atores. Ator é um bicho muito frágil, você nem imagina. Imagine você que tive a chance de fazer direção de ator com Harildo Déda [ator, professor e diretor teatral brasileiro], fiz cinco, seis filmes com ele, que tinha uma confiança absoluta em mim. "Você é preparador de elenco?". Eu fiz, "ah, posso ser preparador, por que não?".

[No convívio com atores e atrizes] tem pessoas chatas e tem as maravilhosas também. Gente, imagine você, um cara que vem do teatro, aí vai segurar a porra de um guarda-chuva lá para fazer sombra em Sônia Braga, e aí aparece Marília Pêra e Zezé Motta, [...] três comadres conversando. Sônia mais afoita, Zezé divertida e Marília mais contida. Mas "ação, vai rodar, atenção", e no clique elas entravam na personagem. É mágica, isso é mágica, a pessoa sair do seu estado natural e entrar numa personagem assim, do nada, três potências. Para quê vivência melhor do que essa, irmão? Depois que você perde muita coisa, você começa a relativizar, inclusive a morte. Eu convivo com a morte desde 1990, era um condenado pelo HIV, né? Essa perspectiva de fazer coisa sempre assim é uma forma mesmo de me manter vivo. A vontade de viver. Então, na hora que eu vejo, porra, velho, vi tanta coisa maravilhosa fazendo esses filmes.

Você pode falar um pouco sobre como foi descobrir que é soropositivo, no início dos anos 1990? Na medida em que se sentir confortável, claro.

A essa altura do campeonato, falo bastante à vontade, até porque isso já ajudou muita gente, falar da minha experiência.

O motivo da gente tocar no assunto é exatamente esse...

Bora lá, é historinha, viu, senta que lá vem história. Eu já morria de medo, como todo mundo, então era uma época assim. Quando aparecem as notícias da AIDS, aí você já... quem tem cu tem medo, você já se veste todo. Na época que comecei a frequentar o carnaval de Salvador era uma maravilha [...], era

uma suruba a céu aberto, saía para a rua com uma sunguinha, tênis e meia, você botava identidade e dinheiro na meia e pronto, foda-se o mundo. Eu andava em sauna de São Paulo, primeira vez que fui numa sauna, [pensei] "isso aqui é o paraíso, gente, é uma maravilha". E homens mais velhos, porque tem a ditadura da juventude, dos jovens, eu nunca fui atraído por pessoas mais novas. [Comecei a frequentar] a Termas, que fica em Ipanema, lá no Rio de Janeiro. Aí depois descubro a For Friends, ali na Alameda da Barra [em Salvador]. E me contaminei aqui em Ilhéus.

Um coroa, que eu admirava muito, e anos depois descubro que ele contaminou de propósito algumas pessoas em Ilhéus, um grande filho da puta. Enfim, então, é só para ilustrar como eram as coisas em Salvador e tudo [São Paulo, Rio de Janeiro], e me contaminei com esse cara que chamava de tio, sabe? Aí depois que descobri que ele morreu, [pensei] "ai, caralho, eu me protegia tanto, gente, ia nas surubas de sauna, tinha o maior cuidado de não me contaminar nem nada". Aí um belo dia estou eu no trabalho, levanto o braço, estou sentindo um carocinho debaixo do braço, a cena é essa. "Ih, caralho, peguei essa porra".

Descobri os gânglios em 1990. E aí fiz "porra, fodeu". Fiquei na minha de boa, não apresentei sintoma mais nenhum, durante dez anos. Acompanhando todo aquele terror [das notícias sobre o HIV], e fiz "caralho, daqui a pouco vou me foder com isso". Fiquei vivendo esse terror durante dez anos. Em 2000, estou eu em Salvador. Comi uma carne estragada, meu irmão... Aí a porra veio de vez. Tinha certeza do que [era], e quando começaram a investigar, porque eu tinha uma diarreia que não passava, e não passava a diarreia... Tinha uma febre, o que tem, o que não tem... Eu tive uma febre tifoide na verdade, o diagnóstico de febre tifoide. Ou seja, o sistema imunológico [estava] lá embaixo, e você porra, ter uma febre tifoide em Salvador, nos anos 2000... E aí quando a gente vai investigar eu disse assim "quero fazer o HIV". Já sabendo que ia dar positivo, né?

Nesse meio tempo, minha irmã, Adriana, vai e pega o resultado. Quando ela abre o resultado, ela não me diz nada e avisa a família toda. E no dia que vou receber o resultado oficialmente no Hospital das Clínicas ali em Salvador, doutor Pugliese, que era a maior autoridade em doenças tropicais, nem levanta a cabeça da mesa, não olha na minha cara. Ele diz, "meu filho, infelizmente...".

Ele não disse se eu era positivo ou negativo. “Meu filho, infelizmente você vai entrar na lista de espera do AZT”, porque o AZT já existia, mas tinha uma fila de espera, que era muito caro, aquela porra. Aí virei para ele assim, “doutor, não vou morrer disso não, né? Não vou morrer disso, não vou morrer”. E saí, dei as costas para ele e fui, me piquei. Do lado de fora, quem está lá? A família toda, os irmãos, só meu pai que amarelou. Afrouxou. Não foi. Eu fiz “olha, está tudo bem”, e começou o processo.

Meu pai em crise confessou isso para o amigo dele, e tinha duas das bichas mais fofoqueiras da cidade presentes na conversa, aí a história se espalhou em Ilhéus que eu era aidético. Minha tia mandou rezar a missa de sétimo dia achando que eu já estava morto, gente. Aí começaram as violências, né? Tive que sair de Ilhéus. Fiz vestibular para propaganda e publicidade na Católica [em Salvador], o primeiro ano que abriu. Passei. Aí voltei a fazer comerciais. Isso foi em 2000. Tive que começar a tomar medicação, mas deixa eu retroceder a fita. [Através de uma amiga, conheci] doutora Célia, que fazia pesquisa de imunologia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Comecei a ir de seis em seis meses para o Rio para participar dessa experiência, que era o quê? Era extrato de timor de carneiro que injetava em seu corpo para você fortalecer seu sistema imunológico.

Tenho a cicatriz até hoje da primeira dose que tomei. O corpo reagiu, né? E aí criou uma ferida aqui. Enfim, aí eu ficava indo secretamente para o Rio de Janeiro, de seis em seis meses. Sempre tinha uma desculpa boa para estar no Rio, e claro, não parei de transar não, amigo. Com camisinha, mas continuei. Não é? E não fiz mais sexo oral, parei de fazer sexo oral. Mas a pressão em Ilhéus foi tão grande que tive que sair daqui, tive que... Passei a não vir mais em Ilhéus, e meus amigos mais próximos, os viados mais próximos amigos meus, os bem íntimos mesmo, ninguém disse nada, eles esperaram tempo para eu falar com eles, me manifestar. Foram solidários, os mais próximos. Fiquei apontado na cidade e tudo, e tem gente que [falava] “você está vivo?”. Tem gente que acha que eu estou morto, nesse tempo que passei em Salvador.

Comecei a perder trabalho porque se espalhou em Salvador também, no meio, né? Uma vez fui fazer campanha política, [e perguntaram] “o senhor tem condições de fazer uma campanha, porque eu soube que é aidético”. Estava

completamente saudável, mas não tinha essa compreensão não, naquela época. Mas outra mulher importante para mim na área do marketing apostou em mim, e não fiz só uma campanha, fiz várias. Trabalhei com Fernando Barros, com Duda Mendonça, trabalhei com Geraldão, com João Santana, fora daqui. Fora da Bahia, fazendo campanha no Rio Grande do Norte. No cinema, a mesma coisa. As pessoas não me chamavam para trabalhar porque eu era aidético. Trabalhei com todos os grandes diretores da coisa por proteção de algumas pessoas e amizade que eu já tinha antes disso. As pessoas priorizavam seus projetos, que todo mundo queria ser cineasta, ninguém queria ser produtor de nada. A coisa da ideia, a ideia na cabeça e a câmera na mão, era o que predominava, e eu vivi isso. Então, sempre tive networking, por ser expansivo, sempre conheci muita gente de tudo quanto é canto e sempre soube entrar e sair dos ambientes, todos os ambientes, da favela a governador, ao corpo diplomático da Bahia. E isso me fez ter uma visão muito clara de como as pessoas são no audiovisual baiano.

Fui enfrentando as barras e eu tinha as crises, porque rejeitei a doença um tempão e quebrei tratamento várias vezes. Tive seis pneumonias, por quebra de tratamento. Aí liga a luz vermelha, porque na idade que eu estou você ter uma baixa imunológica... Peguei uma gripe, e um vacilo desse você vai embora, por causa de uma besteirinha. Então, se você controla, você faz o que quiser e nem transmite essa porra. Meus últimos casamentos, todos eu falava, "sou soropositivo". Aí as reações eram várias. Teve gente que [disse] "não tem problema, a gente continua", [porque] a carga viral era zerada. Tem gente que se assustava e saía correndo. Teve um cara que quando contei saiu correndo, ele tropeçou, bateu [a cabeça], quase que ele morre. O susto que o cara tomou, entendeu? Aí você começa a ficar assim, será que vale a pena abrir que você é [soropositivo]...

Essa coisa de conviver com isso no ambiente de trabalho audiovisual, né? Mas fora ser soropositivo, só por ser viado já tive algumas ocasiões de também, dos caras se recusarem a trabalhar porque eu era viado.

Você sentia que o ambiente de trabalho no audiovisual era hostil com você, por ser LGBTQIAPN+ e soropositivo?

Rapaz, não dá para dissociar uma coisa da outra, né? Violências físicas mesmo nunca sofri, mas colegas meus já sofreram, parti para defender e fiquei marcado por isso. [Um colega no set ia ser agredido] e eu fui defender, porque via que era um ato de homofobia, né? Presenciei isso. De ouvir piadas, mas nada muito diferente do que se ouvia fora do ambiente audiovisual.

De um tempo para cá, nos últimos cinco filmes que eu faço, tem uma hora que para tudo, e a gente vai ter aulas sobre assédio moral no set, já tem essa preocupação, isso ajudou muito as mulheres, os homossexuais. E até quem não é. A coisa mesmo da arrogância do povo de Rio, São Paulo, quando vem fazer um filme... Rapaz, tem umas pessoas insuportáveis... Deixei de trabalhar [com certos grupos] por isso, vai se foder, rapaz. Tive episódio [de assédio moral em um filme grande]. Falei, "não fico mais um segundo aqui". Sabe? O tipo de agressão que sofri, essa discriminação desse povo que vem de fora, principalmente povo do Rio. O povo de São Paulo eu conseguia ter uma relação mais próxima.

[Durante a produção de um filme] me ofereceram, "olha, a verba que a gente tem para figuração é essa aqui, se você conseguir economizar o dinheiro é seu". Porra, velho, eu ia economizar em quê, pelo amor de Deus? Uma diária de roça que pagava para os caras, eles queriam que baixasse mais. Por exemplo, vamos supor que a diária hoje na roça seja vinte reais, eles queriam que eu pagasse dez e ficasse com o resto do dinheiro. Não vou fazer isso. Aí não fiz, e eles ficaram muito putos comigo. Foi a melhor coisa que fiz, porque quando terminei o filme e deu tudo certo, eles me abraçaram, me elogiaram, supersatisfeitos. Eles me promoveram de produtor de elenco para segundo assistente de direção, eu assinei, meu nome aparece nos créditos, foi a primeira vez que meu nome de produtor de elenco apareceu nos créditos, por essa postura que tive sempre de ser um cara justo e humano.

[No set de outro filme, ofereceram água de um tonel para a figuração], e as pessoas foram e beberam água do tonel. No outro dia deu uma diarreia, 40 pessoas não apareceram porque estavam com diarreia. Falei "se não tiver água, estou fora". Em uma semana chegou caminhão da Indaiá, e nunca faltou água no filme. A joia preciosa da figuração era o copinho de água do Indaiá, que [muitos] não bebiam para levar para casa, sabe? Eu protegia a figuração. Então,

casos de assédio, de violência, esse tipo de coisa acontece muito, principalmente gente que tem aquele micropoder, sabe? E sempre me dei bem porque sempre fui muito sincero e verdadeiro nas coisas que eu faço.

Você acha que teve diferença nos sets daqui e da Bahia que você trabalhou?

Rapaz, cada set é um set, não importa de onde venha, né? Um set é diferente do outro, não tem como fazer essa comparação que você quis fazer não. Tanto faz ser de fora, como daqui, vai da personalidade do diretor, da pegada de quem está na produção. Realmente você ter uma primeira direção é muito importante, um bom primeiro assistente. E com esses me entendo muito bem.

Como você acha que a sua vivência LGBTQIAPN+ influencia seus trabalhos?

Rapaz, eu sendo quem eu sou, [a] influência está aí, não tem muito o que ficar analisando não, porque o que é ser viado, não é?

É uma ótima pergunta.

O que é ser viado dentro desse contexto? Porque independentemente de com quem você dorme, acho que você tem que cuidar do outro. Vou repetir o mantra que tenho repetido em todas as entrevistas que eu falo assim: primeiro você tem que ter confiança em quem está com você. Você tem que confiar. Primeiro, qual o critério que vocês vão usar para escolher uma pessoa para trabalhar com vocês? Confiar. Tem que confiar, seguir sua intuição. Depois é a competência técnica. Depois amizade, carinho, afeto, porque sem afeto você não faz porra nenhuma. Se você não gostar, qual critério você usa para criar e para trabalhar? Paixão. Eu me apaixono, vou e faço. Me apaixono pelo roteiro, pelo diretor do filme. Tem que ter paixão, qualquer paixão.

Acho que ser LGBT e fazer cinema é uma coisa superbacana.

Ajuda muito, talvez a sensibilidade, a vivência na autodefesa das coisas, de proteger as pessoas, de poder proteger as pessoas com a sua vivência, com a sua experiência, de trocar conhecimento, de ser generoso. Esses dias Lara Belov [cineasta] falou: “Elson, a palavra que te define é generosidade. Você sempre foi um cara muito generoso”. Vou ser generoso e vaidoso agora, né? Porque depois de uma dessa. O ego fica fofo. Você afofa seu ego.

Você se sente realizado trabalhando no cinema baiano?

Muito, muito, muito, principalmente depois que fui estudar minha trajetória [para a inscrição no edital de premiação da Paulo Gustavo], porque nunca tinha dado muita atenção. Aí fiquei na frente de caras que têm uma trajetória foda também, e me assustei. Começo a remexer meu baú, e aí tenho uma grande surpresa, porque como sou um documentarista, gosto da memória, eu guardo memória, e aí fui abrir minhas pastas aqui, tem muita coisa no cinema nacional e no cinema baiano que eu participei. Testemunha ocular da história.

Você tem orgulho do trabalho que você tem feito no audiovisual desde que começou?

Tenho, amigo. Depois então do prêmio, do reconhecimento, né?

E quando que você passou a ter orgulho de fato?

Rapaz, depois que eu saí da depressão, dessa depressão causada pela conjuntura política, sabe? E econômica. Acho que a maturidade me deu isso. Porra, velho, eu perdi dez grandes amigos e parentes na pandemia. Meu melhor amigo de São Paulo, meu melhor amigo do Rio de Janeiro, eles morreram. Na família, uma porrada de gente. Até na vizinhança, morreu de cima, morreu o vizinho dali. Uma tragédia total, sabe? E aí você pensa assim, "puta que pariu, já fui condenado à morte [pelo HIV] e estou enterrando gente até hoje". De lá para cá, já enterrei gente para caralho e não morri. Mas você reflete sobre o sentido da vida. E aí quando chega um prêmio que [ajudou a sair] de uma dívida imensa da minha empresa, uma coisa prática, de você ser reconhecido pela trajetória...

Hoje não conheço mais todo mundo. E essa coisa de estar no interior, você fica invisível também. Tenho sempre que estar indo em Salvador, dizer "não, agora estou aqui". Mas estou muito orgulhoso sim. Muito orgulhoso. E essa percepção veio exatamente quando começo a pesquisar minha trajetória, e que ainda falta muita coisa, porque como [a premiação] foi focada só no audiovisual, está faltando muita coisa do teatro e da música também. Eu estive com Caetano [Veloso], ele dentro do estúdio, compondo, ele me chama, "Elson, venha ver o que eu estou fazendo", sabe? Gilberto Gil, esse documentário que fiz com ele

sobre os filhos de Gandhi, teve um momento que a gente ficou sozinho numa viagem, sentei do lado dele, e a gente começou a conversar sobre quem? Nosso ídolo em comum, Luiz Gonzaga, eu contando para ele minhas experiências como cantor de forró, de ter estreado na vida como cantor de forró.

Elson, para encerrar a entrevista, se você pudesse enviar uma mensagem para a criança que você um dia foi, o que você diria para ela?

Respira, toma coragem e vai. Vai viver. Eu diria isso, coragem. Coragem, porque é a única coisa que eu posso dizer para o Elson novinho, coragem. Acho que fui muito corajoso. Essa pergunta já me fizeram algumas vezes, fico sempre pensando muito o que eu diria para mim mesmo, e acho que é isso, amigo. Coragem, coragem, coragem.

E o que você diria para jovens LGBTQIAPN+ na Bahia que estão pensando em seguir o audiovisual? Quais seriam suas palavras para esses jovens?

Estudem. Sejam os melhores da área, sejam competentes no que vocês fazem. E sejam honestos. Primeiro com vocês e com o ambiente em que vocês estão trabalhando. Sejam éticos, acho que ética tem que ser uma disciplina obrigatória em todos os cursos de formação, porque vocês vão encontrar muita gente filha da puta, muita gente mal caráter. E se você se garantir com sua competência e com seu caráter, acho que a casca fica mais grossa para você se defender.

SOBRE OS AUTORES

João Araújo (jesilvaraujo@gmail.com)
Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor, pesquisador, coordenador e produtor cultural em empreendimentos culturais diversos. Dentre esses empreendimentos, destacam-se na pesquisa a publicação de mais de 30 trabalhos e a coordenação de projetos como Jogos de Todos os Santos: um estudo da construção de mundos ficcionais nos videogames baianos (Lei Aldir Blanc Bahia 2020) e Vários Mundos, Uma Bahia: Um Estudo da Ficção Seriada Baiana (fundo setorial de audiovisual 2019). Mais recentemente, realizou os projetos Lentes Coloridas: Profissionais LGBTQIAPN+ no Audiovisual Baiano e Áudio Visões: Oficina de letramento em séries de TV (ambos financiados pela Lei Paulo Gustavo). Foi professor substituto das disciplinas Estética da Comunicação e Oficina de Comunicação Audiovisual pela UFBA, onde ainda hoje frequenta o grupo de pesquisa A-tevê – Laboratório de Análise de Teleficção (UFBA). Na educação, dentre várias coordenações pedagógicas e atuações como docente em cursos, merece destaque o trabalho contínuo junto ao centro de formação de roteiristas Estação do Drama, com premiações em editais diversos. Entre 2008 e 2011, também foi membro do grupo de pesquisa em Cultura e Sexualidade (CuS), vinculado ao Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (UFBA).

Rodrigo Lessa (lessaro@gmail.com)
Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA. É professor, pesquisador, palestrante, produtor cultural e consultor de ações voltadas à expansão de conteúdos por múltiplas plataformas de mídia em projetos

diversos. É cofundador do Estude Séries, empreendimento destinado a cursos e consultorias para profissionais e pesquisadores de obras serializadas. Rodrigo se dedica à pesquisa em transmidiação, que explora as interfaces entre as mídias, como games, literatura, cinema, HQs, televisão, plataformas digitais e apps. É professor no centro de formação de roteiristas Estação do Drama; pesquisador no A-tevê – Laboratório de Análise de Teleficção (UFBA) desde 2009; e membro da Rede de Pesquisa em Narrativas Midiáticas e Práticas Sociais, onde desenvolve o projeto de pesquisa Letramento transmídia e as realidades brasileiras (CNPq Universal, 18/2021). Realizou estágio doutoral na University of Hertfordshire (Reino Unido), onde atuou como pesquisador e professor visitante. Lessa já foi docente no Centro Universitário UniRuy Wyden, no Usina do Drama (Fundo de Cultura da Bahia, 2020), no narrAtiVas – Programa de Formação Audiovisual da Bahia (melhor avaliado no edital SAV/MINC/FSA em 2018), na Pós-graduação em Cinema do Rizoma Audiovisual (Fundo Setorial do Audiovisual, Ancine), na Universidade Católica de Pernambuco e no Cria Bahia Criativa (Secult/Bahia). Mais recentemente, realizou os projetos Lentes Coloridas: Profissionais LGBTQIAPN+ no Audiovisual Baiano e Áudio Visões: Oficina de letramento em séries de TV (ambos financiados pela Lei Paulo Gustavo). É autor de livros como Seriados de TV e narrativa transmídia (Edufba, 2020), Estratégias de marketing para audiovisual (Benditas, 2020) e Criação e desenvolvimento de narrativas transmídias (Benditas, 2020, em coautoria com Marcelo Lima), além de diversos artigos científicos e capítulos de coletâneas de livro.

Maíra Bianchini (mairabianchini@gmail.com)
Pós-doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), pesquisa dinâmicas de produção e mercado em indústrias criativas, colecionando coordenações pedagógicas em projetos educativos voltados a criadores de conteúdo em mídias diversas. É integrante do grupo de pesquisa A-tevê – Laboratório de Análise de Teleficção (UFBA) e cofundadora do Estude Séries, empreendimento destinado a cursos e consultorias para profissionais e pesquisadores de obras audiovisuais seriadas para diversas mídias. Foi bolsista de Extensão no País (EXP-C) do CNPq; coordenadora pedagógica e professora dos projetos narrAtiVas – Programa de Formação Audiovisual da Bahia (edital SAV/MINC/FSA nº 13/2018), Laboratório Sala de Roteiristas (Aldir Blanc Bahia, 2020) e Laboratório Sala de Roteiristas II

(Paulo Gustavo Bahia, 2023). Além disso, é também professora e consultora de mercado audiovisual do Usina do Drama (Fundo de Cultura da Bahia, SEFAZ/SECULT 2020). Mais recentemente, realizou os projetos Lentes Coloridas: Profissionais LGBTQIAPN+ no Audiovisual Baiano e Áudio Visões: Oficina de letramento em séries de TV (ambos financiados pela Lei Paulo Gustavo). Autora dos e-books Mercado audiovisual global em tempos de streaming: produção e distribuição de séries televisivas partes I e II (Benditas, 2020 e 2021).

Rodrigo Bulhões (rsbulhoes@gmail.com)
Docente do Departamento de Estatística da Universidade Federal da Bahia (UFBA) desde 2015, ocupando atualmente o cargo de Professor Adjunto II. Possui graduação (UFBA, 2009), mestrado (USP, 2013) e doutorado (UFRJ, 2024) em Estatística. Atualmente, seus interesses de pesquisa são inferência bayesiana, geoestatística, modelagem espaço-temporal e análise de variáveis latentes.

Colofão

Formato	15 x 21 cm
Tipologia (corpo do texto)	Sukhumvit Set Text
Tipologia (títulos)	Sukhumvit Set Bold
Papel (miolo)	Alta Alvura 75 g/m²
Papel (capa)	Cartão Supremo 300 g/m²
Impressão	Gráfica 3
Capa e Acabamento	Gráfica 3
Tiragem	300 exemplares

CONHEÇA AS PESSOAS LGBTQIAPN+ DO AUDIOVISUAL BAIANO

Este livro nasce de um projeto que atinge em cheio uma das principais lacunas das pesquisas sobre audiovisual conduzidas no estado: as histórias humanas das pessoas envolvidas neste campo. Isso porque estudos realizados pela própria Secretaria de Cultura do estado e pelo SEBRAE-Bahia já vêm mapeando a economia e a estrutura de apoio ao audiovisual no estado, havendo aqui ainda múltiplos pesquisadores dedicados a políticas de financiamento do setor na Bahia. As histórias individuais daqueles que dão vida às imagens em movimento no estado, porém, ainda são um verdadeiro ponto cego na academia. Ainda mais quando falamos de pessoas atravessadas pelas identidades LGBTQIAPN+, marcadas por uma tentativa histórica de apagamento social. É, assim, a partir de uma lógica de não invisibilização que nasce esse livro, trazendo dados sobre esses indivíduos e, sobretudo, as histórias de cinco deles.

ISBN: 978-65-989126-0-4
9 786598 912604

APOIO FINANCEIRO:
GOVERNO DO ESTADO BAHIA SECRETARIA DE CULTURA
LEI PAULO GUSTAVO
MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO